



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

GLAMOURIZAÇÃO DO ÁLCOOL NAS BALADAS
ADOLESCENTES

FERNANDA CRISTINA DA SILVA RIBEIRO

Agosto, 2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**GLAMOURIZAÇÃO DO ÁLCOOL NAS BALADAS
ADOLESCENTES**

FERNANDA CRISTINA DA SILVA RIBEIRO

Sob a Orientação da Professora Doutora
Valéria Marques de Oliveira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre** no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Seropédica, RJ
Agosto de 2015

362.29

R484g

T

Ribeiro, Fernanda Cristina da Silva, 1988-
Glamourização do álcool nas baladas
adolescentes / Fernanda Cristina da Silva
Ribeiro. - 2015.
104 f.: il.

Orientador: Valéria Marques de Oliveira.
Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Pós-Graduação em Psicologia, 2015.
Bibliografia: f. 98-104.

1. Adolescentes - Uso de álcool - Teses.
2. Alcoolismo - Teses. 3. Influência social
- Teses. 4. Propaganda - Teses. I.
Oliveira, Valéria Marques de, 1963- II.
Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Curso de Pós-Graduação em
Psicologia. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**GLAMOURIZAÇÃO DO ÁLCOOL NAS BALADAS
ADOLESCENTES**

FERNANDA CRISTINA DA SILVA RIBEIRO

Dissertação aprovada em 31 de agosto de 2015.

Valéria Marques de Oliveira, Profa. Dra. UFRRJ
Presidente

Lilian Borges, Profa. Dra. UFRRJ
Membro interno

Silviane B Barbato, Prof. Dr. UNB

Membro externo

Priscila Pires Alves, Profa. Dra. UFF
Membro suplente

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra a todos adolescentes e jovens com os quais tive e terei a oportunidade de desfrutar de encontros singulares e potentes, de diálogos renovadores e libertadores. A eles dedico meu trabalho, meu empenho e minha voz. A eles agradeço por me ensinarem a profissão e vocação de educadora social.

AGRADECIMENTOS

[...] A beleza dos avessos... Às vezes, na pressa de encontrar, a gente não vê. Quantas vezes na minha vida eu desprezei as pessoas porque eu considerei o agora? É tão doído a gente ser visto somente a partir do presente, quando as pessoas olham p'ra gente e só enxergam aquilo que a gente tem no momento. [...] os amantes nunca esgotam as criaturas amadas, porque o amor sobrevive de futuro, ele consegue enxergar o que a gente ainda não viu. A pessoa que ama consegue enxergar o que o outro ainda não é, vê o avesso, vê o contrário da situação. É tão bonito a gente pensar que a beleza do tecido tem um sustento, uma trama que está por trás de tudo isso. Compreender as pessoas, amá-las, só é possível a partir do momento que a gente entra na trama do avesso, quando a gente não enxerga somente aquilo que os olhos podem revelar, podem conhecer, mas também tudo aquilo que ainda está oculto”. Deus nos ama assim, porque consegue enxergar o que a gente ainda não é, mas que a gente ainda pode ser! (Pe FÁBIO DE MELO, 2009).

Agradeço a todos que foram capazes de amar e achar beleza no avesso desse meu processo...

Obrigada à Prof^a Dr^a Valéria Marques por sempre e em todo momento da construção desse trabalho ter sido capaz de enxergar a potência e a beleza do devir, mesmo nos momentos mais confusos. Agradeço sua coragem e generosidade em verdadeiramente orientar, indicando com liberdade os caminhos. No momento em que nos encontramos um universo de possibilidades veio ao meu alcance. Sua credibilidade e incentivo foram os combustíveis dessa realização. Agradeço também à Prof^a Dr^a Lilian Borges por sua compreensão em um dos momentos mais temerosos dessa caminhada e sua doce disposição em contribuir. À Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, aos professores do PPGPSI. E à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES por subsidiar e viabilizar essa pesquisa.

Às professoras Silviane Bonaccorsi Barbato, Priscila Pires Alves e Lilian Borges por, tão gentilmente, aceitarem participar da banca examinadora.

À minha família, meu alicerce, por seu apoio incondicional aos meus sonhos. À minha mãe Maria da Conceição, por suas orações, por sua infinita compreensão silenciosa, por cuidar de tudo enquanto eu não pude e pelos cafés da manhã caprichados. Ao meu pai Paulo, por seu amor e suporte inquestionável aos meus estudos e à minha carreira. Ao meu irmão Kaick, por seu respeito, paciência e generosidade, quando eu ocupava toda a casa e exigia silêncio. Meus queridos avós, tios, primos pelas orações, amor e carinho sempre presentes.

Ao meu amor, meu namorado Felipe, por seu incentivo entusiasmado, sua paciência e parceria em todas as horas e à sua querida família.

Aos meus amigos, minha estrutura, por todo tipo de apoio e ajuda, para todas as horas, cada um, de maneira peculiar e essencial fizeram, das várias etapas desse processo, um pouco mais leve, cada vez mais possível, cada vez mais real. É uma lista extensa (graças a Deus). Como não os nomear?

À minha querida Larissa Machado, que ofereceu guarita, moradia, repouso, descanso, concentração, comida e amor (embora acredite que os dois últimos são sinônimos) e acima de tudo por ser presença, apoio e carinho. Aos “Seus Lindos” Alexandre Nogueira e Maiara Oliveira pela “parceiragem” das aulas de pilates, verdadeiras sessões de terapia. A meus *Happy Tree Friends*, Juliana Rocha e Gessé Santos, inspirações e preces diárias, amor, arte e alquimia. Anelise Santos e Daniele Santos, e Livia Rocha, a quem tenho imenso amor, onde tudo começou.

À Maria Celeste, Marcos Urioste, Paulo Lopes, Priscila Leite, Flávia Lima, Talita Alves, Luis Alípio, Lú Fradique, Joana Amélia, Dona Geni, anjos maravilhosos que sustentaram de amor, carinho, colo e encorajamento minha formação acadêmica. Aos amigos Isabela Libório, Érico Baltazar, Gustavo Alves, Alice Penedo por me adotarem em suas famílias, quando a formação me tornava distante da minha.

À Maria Inês Romero, Éllen Rabelo e Regina Antônia que participaram de momentos singulares do meu crescimento pessoal.

“Aos queridos mestres com carinho”, meus amados e inspiradores professores, Luciano Gonçalves, Anelise Barros, Manuela, Marta Viviene, Conrado Sathler.

Ao Bruno Marcato, amigo, parceiro, chefe (ocupa tantos papéis que nem dá para definir) para mim exemplo de ética, de como pensar diferente e melhor para o coletivo, meu principal modelo de profissional em psicologia, mostrou que temos de ser humanos demasiado humanos. Obrigada pelos puxões de orelha, por acreditar em mim e por dividir belos banquetes.

Aos meus queridos amigos companheiros de jornada e de trabalho no Projeto Na Medida que proporcionou belas aquisições da vida... Susana e Hélder obrigada pelo carinho e acolhimento, Sú prestou grande colaboração às minhas pesquisas, Hélder sempre um “queriiido”.

Ao companheiro Diego Linx, pelas longas e divertidas conversas e reflexões sobre a vida, a psicologia. À Mariana Bossan, pelas contribuições editoriais e os chás da tarde. À Jeane Oliveira, Flora Pimentel, Maria Cristina, Vítor Lopes, Iara Farias, Carol Melo, Ulisses Coli, pelo acolhimento, pelos desabafos e conselhos.

À Fabiana Maynarth, Juliana Porfirio, Priscila Cavalcanti, Priscila Reis, Pedro Cruz, Fontinelle Paulo, Eduardo Miranda, Felipe Silva, Marco Antônio, Thiago Moraes, Wallace

Oliveira, Sebastião Lima pelas alegrias e desafios diários e pela torcida animada.

Itiana Rochelle, Suzi Brum, Nilma Barros, amigas, colegas de jornada, entusiastas dessa empreitada.

Aos queridos colegas de turma e de caminhada, agradeço por tê-los conhecido e lamento o pouco tempo de convívio. À Alissandra Braga, Letícia Penha, Daniel Viana, Marcelo, Ana Carolina de Paula, Itiana Rochele, Suzi Brum, Juliana Gomes, Januária Pralon, Priscila Boechá, Luciana Nunes, Patrícia Bessa, Mírian Ribeiro, José Carlos, Simone Ramos. E aos parceiros de viagem, camaradagem e escuta Flávio Ferreira e Angel Fujita.

A todos vocês que fizeram parte dessa construção, me alimentando de coragem, amor, amizade ofereço minha gratidão por toda minha vida. Encontrá-los fez de mim quem sou hoje, alguns de você foram meus modelos desde a adolescência e não posso deixar de destacar a importância que tiveram enquanto referência nessa época, já que é a mesma que retrato nessa pesquisa, podendo afirmar seguramente que é fundamental para o desenvolvimento pleno e saudável de um adolescente encontrar pessoas que lhe sejam boas referências na construção e descoberta de sua identidade.

Agradeço a Deus pelas infinitas graças e oportunidades de crescimento humano e evolução espiritual. O Deus que está em mim, saúda o Deus que está em você.

Joyce pensava nas minúcias da experiência como
epifanias do comum
(BRUNER, 2002, p.14).

RESUMO

RIBEIRO, Fernanda Cristina da Silva. **Glamourização do álcool nas baladas adolescentes**. 2015. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia (Mestrado em Psicologia). Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2015. 97 p.

O uso de drogas não é um comportamento recente do ser humano. Desde o início de sua história, há indícios de utilização de substâncias encontradas na natureza para fins terapêuticos, recreativos, espirituais e até alimentícios, como no caso das bebidas alcoólicas. Uma questão que se configura nesse percurso é: Como o tema repercute no adolescente na atualidade? Que aspectos subjetivos, assim como socioculturais, históricos e político-econômicos, estão envolvidos no uso que os jovens fazem atualmente das drogas (especificamente, neste estudo, do álcool)? A conjectura básica desta pesquisa é que o álcool relaciona-se ao glamour na sociedade atual e isso pode ser encontrado na narrativa do adolescente. Para aprofundar o estudo dessa questão, este trabalho traz como objetivo geral verificar se o uso abusivo do álcool relaciona-se ao glamour na sociedade atual sob o ponto de vista do adolescente. Os objetivos específicos são: i) Investigar o que o adolescente narra a respeito do uso abusivo do álcool na adolescência, perpassando questões pessoais e contextuais, ii) Verificar como o discurso canônico encontrado na mídia a respeito do uso de álcool (principalmente propagandas televisivas e música popular) se presentifica na narrativa do adolescente. Para tanto, foi realizada uma pesquisa descritiva, qualitativa, utilizando uma entrevista semi-estruturada dirigida a dois adolescentes, de ambos os sexos. Os sujeitos escolhidos tinham como característica comum ter dezoito anos completos e cursar o terceiro ano do ensino médio em uma cidade do interior do RJ. As entrevistas foram gravadas em vídeo, transcritas integralmente, e foi realizada uma análise narrativa desse texto. Os dados encontrados foram divididos em duas categorias: narrativas adolescentes a respeito do uso abusivo do álcool – na qual foi abordada a maneira que os adolescentes descrevem a relação entre adolescência e álcool –, e influência canônica na narrativa adolescente – na qual buscou-se abordar a questão da influência do contexto sócio cultural na constituição identitária do adolescente. Os resultados encontrados apontaram para a confirmação da conjectura inicial: o discurso da glamourização do abuso de álcool, disponível nas mídias, da hipervalorização do exagero no consumo e do status promovido por esse comportamento é presentificado na narrativa dos adolescentes. Entretanto, os mesmos não reconhecem a influência desse discurso como sendo de origem midiática ou cultural e a relacionam a um comportamento exclusivo dos grupos de pares, endereçando a influência à amigos e adolescentes mais velhos. Concluímos que os discursos dispostos nas mídias e na cultura hegemônica operam seu poder simbólico na canocidade cotidiana de forma tal que sua influência nem sempre é percebida nas falas e comportamentos repetidos diariamente. E considera-se preciso que se promovam mais espaços para os diálogos e narrativas sobre a temática, pois é na narrativa que as rupturas acontecem, e desenvolve-se a criticidade. Uma vez que a valorização do abuso de álcool é compreendida como incentivo a comportamentos de risco, não apenas na adolescência, mas que implica numa questão de saúde pública global. Nesse sentido, faz-se premente a mobilização das múltiplas esferas sociais em prol de uma regulamentação mais incisiva da mídia e seus diversos veículos.

Palavras-chave: Narrativa; abuso de álcool; hipervalorização; adolescência

ABSTRACT

RIBEIRO, Fernanda Cristina da Silva. Glamorization of alcohol in teenagers ballads. 2015 Master's thesis. Program Graduate in Psychology (Master in Psychology). Institute of Education, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2015. 97 p.

Drug use is not a recent human behaviour. Since early history, there are indicators of substance use allied to therapeutic ends, recreational, spiritual and even feeding purposes, as in alcoholic drinks, for instance. An issue that lies in this route is: How drug use affects teenagers today? Which aspects – subjective, historical and socio-economic – are implied in the current adolescent drug use (specifically, in the present study, alcohol use)? Basic conjecture in this research is that alcohol is related to glamour in present society and this can be found in adolescent speech. In order to deepen this matter investigation, we bring as our main objective to verify if abusive alcohol use is related to glamour in present society under adolescent point of view. Our specific objectives were: i) Investigate what adolescents tell concerning abusive alcohol use during adolescence, pervading personal and contextual issues; ii) Verify how canonical speech found in media on alcohol use (specially on popular music and on TV ads) presentifies itself in adolescent speech. To do so, a qualitative, descriptive research was carried on, having as instrument a semi-structured interview done with two teenagers – a male and a female. Both respondents were aged eighteen and attended their last year at high school in a small town in Rio de Janeiro State. Interviews were recorded in video, integrally transcribed, and speeches were analyzed. Found data were sorted into two categories: adolescent speech on abusive alcohol use – in which the way adolescents describe relation between adolescence and alcohol was approached –; and canonic influence over adolescent speech – in which there was an attempt to approach the matter of socio-cultural influence over adolescent identity constitution. Found results confirmed initial conjecture: alcohol glamorization speech, conveyed by media, overestimation of exaggerate alcohol consumption and consequent status promoted by this behavior are present in adolescent speech. However, adolescents do not assume this speech as originated from media or cultural influence, and relate it solely to peer pressure, spotting friends and older young people influence. We came to the conclusion that speech displayed on media and hegemonic culture exercises their symbolic power over in such way that its influence is not always noticed on people's everyday discourse and behaviour. It is suggested, thus, utterly necessary the promotion of more space to dialogue and idea exchange on the theme (since it is on speech that ruptures take place and criticism is developed), once alcohol abuse overvaluation is understood as incentive to risky behaviour, not only concerning adolescents, but also taking into consideration a global public health matter. In this instance, it is peremptory multiple social spheres mobilization towards more incisive regulation of media and its multiple agents.

Keywords: Narrative; alcohol abuse; overestimate; adolescence

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1. INTRODUÇÃO	14
2.1. ÁLCOOL: HISTÓRICO SOCIAL E O CONCEITO DE SAÚDE-DOENÇA	17
2.2. PADRÕES DE CONSUMO DE ÁLCOOL: DEFINIÇÕES E CONCEITOS	19
2.3. DISCURSO CANÔNICO DISPONÍVEL NAS MÍDIAS: INCENTIVO AO ABUSO DE ÁLCOOL NA CULTURA HEGEMÔNICA	24
3. ADOLESCÊNCIA E USO DO ÁLCOOL	39
3.1. ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA	39
3.1.1. Adolescência e álcool	46
4. METODOLOGIA	54
4.1. OBJETIVOS	54
4.1.1. Objetivo geral	54
4.1.2. Objetivos específicos	54
4.2. SUJEITOS DA PESQUISA	54
4.3. ENTREVISTA	56
4.4. PROCEDIMENTO	59
4.5. ANÁLISE DE RESULTADOS	59
4.6. NARRATIVAS ADOLESCENTES SOBRE USO ABUSIVO DO ÁLCOOL	61
4.7. INFLUÊNCIA CANÔNICA NA NARRATIVA ADOLESCENTE	81
5. CONSIDERAÇÕES GERAIS	93
REFERÊNCIAS	98

LISTA DE SIGLAS

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
CONAR	Conselho de Auto-Regulamentação Publicitária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LENAD	Levantamento Nacional de Álcool e Drogas
NCADD	National Council on Alcoholism and Drug Dependence
NIAAA	Instituto Nacional Sobre o Abuso de Álcool e Alcoolismo dos Estados Unidos
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
SAF	Síndrome Alcoólica Fetal
SENAD	Secretaria Nacional de Álcool e Drogas
SPA	Substâncias Psicoativas
WHO	World Health Organization

APRESENTAÇÃO

Há pouco mais de dez anos, quando era adolescente, comecei a me preocupar com a representatividade juvenil na minha escola, na minha cidade. Aos dezesseis anos, ingressei num projeto de fomento de grêmios estudantis na cidade, trabalhei para implementação do grêmio na minha escola. Nesse processo, fui convidada a participar de um curso de capacitação para jovens líderes – uma iniciativa da Secretaria Municipal de Ação Social. A ideia era fortalecer e estruturar as lideranças juvenis na região. Posteriormente, essa iniciativa ampliou-se aos demais jovens no município e em pouco tempo já se configurava um projeto sócio-cultural para a juventude, contando com a participação dos adolescentes em todas as decisões e mediação dos eventos do projeto, resultando na formação de um conselho gestor do qual eu participava. A proposta do projeto era dar voz à juventude, garantir a possibilidade de participação, de atuação – falava-se em protagonismo juvenil e desenvolvimento de criticidade. Ganhando o nome de *Oficina de Ideias – o jovem falando o que pensa e mostrando o que faz*, o projeto teve duração de dez anos, passando por transformações, mudanças, falta de patrocínio, até se tornar uma iniciativa coletiva.

Minha escolha de formação acadêmica – psicologia – e minhas escolhas de estágio foram não apenas influenciadas por esse trabalho, como também, sempre direcionadas às políticas públicas de juventude e ao Sistema de Garantia de Direitos, encontrando intersecção com a temática do uso de drogas no final do curso. Tive participações em conferências de políticas sobre drogas e políticas de juventude. Enquanto cursava a faculdade de psicologia em outro estado, o projeto que ajudei a criar em minha cidade natal estava ganhando outras formas, outros espaços e práticas, já não falava para grandes públicos em eventos abertos, mas ganhava o território das salas de aula, os jovens do projeto inicial, agora educadores, eram convidados pelas próprias escolas para mediar encontros e trazer reflexão a partir de temas demandados pela direção, conselho pedagógico e alunos. Até chegar na atual formulação, quando em 2010 fomos convidados a desenvolver uma nova proposta que, contando com a mesma metodologia lúdica, leve e interativa, abordasse o tema do consumo de álcool com adolescentes (alunos do Ensino Fundamental e Médio) e jovens (alunos do EJA e Universidades) de escolas públicas da região, atuando com o viés da informação, prevenção, redução de danos e promoção de saúde. A essa altura, eu estava em vias de me graduar e voltei a atuar no projeto com a nova formulação

– o *Projeto Na Medida* como é configurado até hoje.

Assim, iniciei minha trajetória como educadora social e consolidei meu engajamento e interesse na temática do problema do uso e do abuso de álcool, principalmente pelo público adolescente e jovem. A partir daí, surgiu meu interesse em aprofundar nessa temática e poder elaborar e retratar minha experiência através da pesquisa acadêmica no mestrado.

Acredito que as pesquisas, principalmente, em Ciências Humanas devem estar intimamente atreladas às práticas sociais, subsidiando-as e sendo alimentada por elas. Penso que fazer pesquisa e atuar junto ao público adolescente pode contribuir para que os jovens tenham mais oportunidades e riqueza de referências para se desenvolverem.

Poder participar de atividades que me despertaram interesse e encontrar pessoas que me deram a oportunidade de desenvolvimento e ampliar minha perspectiva, durante minha adolescência, foi um privilégio. Todavia, tenho de admitir que essa não é a realidade de todos adolescentes da minha região. Hoje, mais de dez anos depois, vejo um cenário árido de estímulos e oportunidades limitadas para nossos jovens. Oportunidades que se resumem, às vezes, a cursos tecnicistas voltados para aprendizagem de uma atividade profissional mecanizada. Esta crítica não significa que formações técnicas e profissionais não se façam necessárias, apenas apontam que tê-las como única opção é muito limitador, pois não atinge a diversidade de interesses e dos diferentes tipos de inteligência.

Diante disso, espero que minhas pesquisas e minha prática profissional possam contribuir para que outros adolescentes e jovens tenham oportunidades tão boas ou melhores que as minhas para se desenvolverem de forma livre e crítica diante de suas comunidades e sua cultura. Espero que eles possam conhecer as armadilhas da alienação e exercitem experiências de emancipação e reflexão crítica. O uso abusivo do álcool, certamente, é um obstáculo para estes ideais.

1. INTRODUÇÃO

O uso de drogas não é um comportamento recente do ser humano. Desde o início de sua história, há indícios de utilização de substâncias encontradas na natureza para fins terapêuticos, recreativos, espirituais e até alimentícios, como no caso das bebidas alcoólicas. O uso de substâncias psicoativas (SPA), capazes de alterar o estado mental e o humor dos indivíduos, tem sido associado a múltiplos contextos nas sociedades, tomando forma através do enquadramento econômico, cultural e político. O álcool, por exemplo, está fortemente associado a comemorações e celebrações culturais e religiosas. É usado como meio de socialização, de isolamento e até de enfrentamento de problemas, ou mesmo para transgredir e transcender as normas e os meios de convivência, além de ser inserido como parte da alimentação e dos medicamentos (CARNEIRO, 2004; DUARTE & MORIHISA, 2011; MacRAE, 2014).

Há relatos de consumo de álcool desde a pré-história e, ao longo da história, o uso de bebidas alcoólicas se inseriu nas mais diversas civilizações, assumindo distintos papéis e funções, sendo sempre mediado através das relações econômicas e políticas, pelo contexto sociocultural e pelas normas de conduta, o que se traduz em controles sociais. De acordo com MacRae (2014), os controles sociais que regulamentam o uso de drogas se apresentam tanto formais quanto informais, desde leis e normas de fiscalização, aos códigos de condutas entre a família, a comunidade, a religião e demais redes sociais consideradas significativas pelos indivíduos. Cada uma dessas culturas e contextos “traz seu próprio sistema de valores e regras que afetam os modos e as finalidades do uso, produzindo diferentes efeitos, tanto subjetivos quanto sociais” (MacRAE, 2014, p. 29).

Outro aspecto envolvido na concepção das drogas e de seus usuários e que influi diretamente sobre o conceito de saúde-doença é a criminalização da droga, que corresponde à licitude das substâncias. Um exemplo deste fato é que o próprio álcool já foi impedido de ser comercializado em determinado período histórico¹. Tal *status* favoreceu a marginalização de seus usuários e dependentes em determinada época, e se reflete até hoje com relação ao uso de

¹ Referência à *Lei Seca* que no final do século XIX proibiu completamente o consumo de álcool nos Estados Unidos e alcançou seu auge momentâneo no resto do mundo no início do século XX, quando desencadeou a formação de mercados clandestinos e contrabando de bebidas. Entretanto, nos países do ocidente, a lei perdeu sua força na década de 1930, dando ao álcool e ao tabaco o status de “mercadoria de primeira importância” na economia e transferindo para drogas como a maconha e a cocaína o foco do narcotráfico (CARNEIRO, 2004, p.7).

álcool e outras substâncias.

A relação com o álcool talvez seja a mais antiga entre o homem e as drogas. Apesar da crença de que ‘álcool não é droga’ esteja largamente difundida na crença popular, em função de ser, hoje, uma droga lícita com grande circulação no mercado e exposição publicitária, esse relacionamento serviu como base para a construção de conceitos e julgamentos morais a respeito do consumo de drogas em todo o mundo. Tais percepções estão em constante evolução e antes dos aspectos relacionados à saúde serem estudados e discutidos (mais recentemente nos últimos séculos) predominavam discursos preconceituosos em relação às pessoas com dependência química que geravam sua marginalização, o que atualmente ainda pode ser percebido na relação entre esses indivíduos (DUARTE, & MORIHISA, 2011).

As concepções a respeito do uso de SPA são muito diversas a partir de cada ponto de vista: seja do profissional de saúde, de gestores, pesquisadores, agentes de prevenção, de tratamento, de redução de danos, familiares, usuários e outros interessados em temas relacionados ao álcool e outras drogas. Faz-se, portanto, necessária uma coesão diante dessas definições que permitam mais clareza nos diálogos entre esses setores. Tal iniciativa faz ainda mais sentido em relação ao álcool que, em geral, tem sido banalizado pela sociedade contemporânea, de maneira que, conceituações mais apuradas permitiriam melhor enquadramento do problema.

Os questionamentos que se configuram nesse percurso de entendimento do problema do álcool na sociedade atual são: O tema se repercute no adolescente da atualidade? Em caso afirmativo, que aspectos subjetivos, assim como socioculturais, históricos e político-econômicos, estariam envolvidos nessa possível repercussão? A conjectura básica da presente pesquisa é de que o álcool relaciona-se ao glamour na sociedade atual e isso pode ser encontrado na narrativa do adolescente.

Para aprofundar o estudo dessa questão, este trabalho tem como objetivo geral verificar se o uso abusivo do álcool relaciona-se ao glamour na sociedade atual sob o ponto de vista do adolescente. Os objetivos específicos são: i) Investigar o que o adolescente narra a respeito do uso abusivo do álcool na adolescência, perpassando questões pessoais e contextuais; ii) Verificar como o discurso canônico encontrado na mídia sobre o uso do álcool (principalmente propagandas televisivas e música popular) se presentifica na narrativa do adolescente.

Este trabalho organiza-se nas temáticas a seguir: *O álcool na contemporaneidade* aborda a localização do fenômeno do consumo de álcool na contemporaneidade, a partir do histórico de conceituação da substância e os padrões de consumo, bem como um panorama de da representatividade da substância nas mídias; *Adolescência e uso de álcool* apresenta uma

revisão teórica sobre adolescência, o uso feito pelas pessoas nessa faixa etária e a classificação dos padrões de consumo de álcool; *Narrativa e subjetividade: uma proposta de investigação* apresenta a narrativa como ferramenta metodológica, delineando o design da pesquisa, desde os sujeitos, procedimentos, resultados e matriz de análise de dados; *Glamourização do Álcool na Adolescência* discute os resultados encontrados à luz do referencial sócio-histórico. Por fim, nas considerações gerais, despontam as reflexões provocadas por esta obra.

2. O ÁLCOOL NA CONTEMPORANEIDADE

O presente texto trata da importância da conceituação e da localização do álcool como droga, como problema de saúde pública e as relações dos indivíduos com essa substância e seus possíveis contornos na atual sociedade.

De acordo com Carneiro (2004), o comércio de álcool se tornou um protótipo para as relações comerciais e de um mercado no qual o valor do produto é gerado pelo quanto ele se torna indispensável. Pontua que o álcool é “[...] uma mercadoria que agarra e se apossa de seu consumidor, metáfora máxima da condição reificante de todas as mercadorias na época contemporânea” (CARNEIRO, 2004, p.2). A partir disso, evidencia-se que as relações comerciais com o álcool e as drogas traduzem também as relações dos indivíduos com qualquer bem de consumo, podendo refletir-se nas relações interpessoais estabelecidas na sociedade líquida atual (BAUMAN, 2001).

Em uma análise mais ampla sobre o lugar do álcool na sociedade, Carneiro (2004) discute o significado do consumo de álcool atravessado pelas esferas da ciência social moderna, relativas aos domínios da economia e da medicina, ambas munidas dos recursos da política e da moral como meio de operar a coerção e o controle com a finalidade de classificar e julgar os padrões de consumo, os “tipos de embriaguez”, da maneira que se apresentar conveniente aos interesses e à moral dos mais poderosos e afortunados.

Diante disso, observa-se que são múltiplos os fatores que atravessam e constroem a temática do uso de álcool pela humanidade, desde tempos mais primórdios até a contemporaneidade. Para compreender melhor tal fenômeno, faz-se importante considerar tanto aspectos subjetivos e particulares, quanto contextos mais amplos de ordem social, cultural, política e econômica à luz das dimensões históricas.

2.1. ÁLCOOL: HISTÓRICO SOCIAL E O CONCEITO DE SAÚDE-DOENÇA

Duarte e Morihisa (2011) descrevem o processo histórico que contribuiu para a melhoria na construção de conhecimento sobre os transtornos associados ao uso de álcool e drogas na

humanidade. Em meados do século XX, no ano de 1952, nos EUA, E. M. Jellinek, talvez o maior estudioso de sua época a divulgar o assunto alcoolismo, enfoca a história de consumo dos alcoolistas através de um modelo de fases que o define como uma doença progressista que poderá acabar em morte, se não interrompida (RAMOS, 2002; BERTOLOTE, 2010). O cientista recebeu apoio e acesso aos grupos de ajuda mútua, como os Alcoólicos Anônimos (AA) – estratégia pioneira no apoio a dependentes químicos em 1935 – e ainda, influenciou a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Associação Médica Americana (AMA) a promoverem pesquisas mais profundas da temática.

Segundo os autores, em consequência desse movimento, o programa da saúde mental da Organização Mundial de Saúde na década de 60 do último século, empenhou-se em produzir melhores diagnósticos e classificações mais precisas dos transtornos mentais, bem como definições mais consistentes dos termos relacionados às patologias listadas. Como resultado desse processo estimulou-se a condução de pesquisas sobre critérios para a classificação e confiabilidade de diagnósticos, que incidiram na produção da 8ª Revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID - 8), chegando atualmente à 10ª Revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID - 10) – utilizada pelo sistema de saúde pública nacional e que segue os critérios para dependência, de acordo com os conceitos de Síndrome de Dependência do Álcool, de Edward e Gross, em 1976 – promovendo melhorias no diagnóstico das patologias (DUARTE, MORIHISA, 2011).

Dessa maneira, faz-se pertinente recorrer a algumas definições de conceitos e termos que circundam essa temática, assim como o alcoolismo crônico e outras doenças e distúrbios relacionados ao uso indevido do álcool que podem afetar atividades sociais e laborais. O *Glossário de Álcool e Drogas* – elaborado pela Organização Mundial de Saúde e pelos Institutos Nacionais de Saúde dos EUA, agora editado pela SENAD (Secretaria Nacional de Álcool e Drogas), com tradução para o português de Bertolote (2010, p.17) –, entre outras definições de propriedades químicas, afirma que

O álcool é um sedativo/hipnótico com efeitos semelhantes aos dos barbitúricos. Além dos efeitos sociais do uso, a intoxicação pelo álcool pode resultar em envenenamento e até morte; o uso excessivo e prolongado pode resultar em dependência ou numa ampla variedade de transtornos mentais, orgânicos e físicos.

Em definição complementar Nicastrì (2011, p.20) descreve o álcool etílico como

[...] um produto da fermentação de carboidratos (açúcares) presentes em vegetais, como a cana-de-açúcar, a uva e a cevada [...] A fermentação produz bebidas com concentração de álcool de até 10% (proporção do volume de

álcool puro no total da bebida). São obtidas concentrações maiores por meio de destilação.

Com relação à especificidade do teor alcoólico, Andrade *et al* (2010, p.13) afirmam que consideram-se bebidas alcoólicas os preparos que contiverem a concentração de “0,5 grau Gay-Lussac ou mais, incluindo-se aí bebidas destiladas, fermentadas e outras preparações como a mistura de refrigerantes e destilados, além de preparações farmacêuticas que contenham teor alcoólico igual ou acima de 0,5 grau Gay-Lussac”.

Ainda sobre as características do álcool, a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2003) destaca os efeitos nocivos do consumo da substância, elencando o deterioramento da capacidade motora, de concentração e memória, sonolência, prejuízos no reflexo e no rendimento intelectual. Além de alterações sensoriais, redução de ansiedade e diminuição de critério devido à afetação da capacidade de julgamento. Enfatiza, também, o coma alcoólico, como consequência do consumo excessivo em um único episódio, ou mesmo, por um longo período de tempo, chegando muitas vezes ao óbito alcoólico.

Embora seja uma droga depressora do sistema nervoso central, o álcool é, muitas vezes, consumido, especialmente, em função da ação euforizante e pelo efeito *desinibidor*, proporcionado em doses pequenas da substância, e pode ser facilitador da interação social. Nicastri (2011) arrazoa que o álcool é decididamente a substância psicotrópica de uso e abuso mais vastamente distribuída em todo mundo, com a maior diversidade de países na atualidade, sendo, muitas vezes, a opção mais barata em alguns desses. E completa destacando que o Álcool é bem conhecido, desde tempos pré-históricos em, provavelmente, todas as populações por suas propriedades “euforizantes e intoxicantes”, tendo já alguma experiência em suas culturas.

2.2. PADRÕES DE CONSUMO DE ÁLCOOL: DEFINIÇÕES E CONCEITOS

Nos estudos sobre álcool, seja de organizações nacionais ou de âmbito mundial, grande parte dos documentos sobre a temática dispõe de pressupostos científicos e evidências empíricas que identificam padrões de consumo de álcool, além de recomendações, orientações e definições sobre os mesmos. A definição desses padrões pode variar de acordo com o código cultural e normas vigentes na sociedade em questão ou mesmo em função de idade, sexo/gênero, regionalidade e camada social do consumidor. Dessa forma, os riscos e seus níveis também variam de acordo com cada padrão de consumo de álcool (MELONI & LARANJEIRA, 2004).

Silveira e Doering-Silveria (2014) citam alguns padrões de consumo designados pela OMS que fundamentalmente não correspondem às classificações e diagnósticos, mas que têm como foco as possíveis relações do indivíduo com a substância. Sendo eles:

Uso experimental: refere-se à pessoa que experimenta a droga, levada geralmente por curiosidade. São aqueles que provam a droga uma ou algumas vezes e em seguida perdem o interesse em repetir a experiência.

Uso ocasional: utilização de uma ou várias drogas apenas quando disponíveis ou em ambiente favorável, sem rupturas (distúrbios) afetiva, social ou profissional.

Uso habitual: uso frequente da substância, porém sem que haja ruptura afetiva, social ou profissional, nem perda de controle quanto ao consumo.

Uso recreativo: uso de uma droga, geralmente em circunstâncias sociais, sem implicações com dependência ou outros problemas relacionados.

Uso controlado: refere-se à manutenção de um uso regular, porém não compulsivo e que não interfere no funcionamento habitual do sujeito.

Uso social: pode ser compreendido como o uso em companhia de outras pessoas e de maneira socialmente aceitável.

Uso nocivo: [...] baseia-se nos critérios [...]: evidência clara de que o uso pode ser responsabilizado (ou contribuiu consideravelmente) por algum dano físico ou psicológico, incluindo capacidade de julgamento comprometida ou disfunção de comportamento; a natureza do dano é claramente identificável; o padrão de uso tem persistido por pelo menos um mês ou então tem ocorrido repetidamente dentro de um período de doze meses; não satisfaz critérios para qualquer outro transtorno relacionado à mesma substância no mesmo período (exceto intoxicação aguda) (SILVEIRA E DOERING-SILVERIA, 2014, p. 101).

Os padrões mais comumente classificados são: uso, abuso e dependência de substâncias psicotrópicas. Entre esses grupos, podem aparecer nuances e variações de comportamentos e definições através dos riscos que proporcionam.

O *uso de substâncias*, de acordo com Duarte e Morihisa (2011), se dá pela administração invariada de substâncias psicoativas. Porém, com relação ao álcool o termo *uso* caracteriza-se também quanto ao consumo moderado.

O *uso moderado* de bebidas alcoólicas é um padrão de consumo muitas vezes impreciso. Sua relatividade se dá pela individualidade da percepção de cada sujeito, cultura ou país. De acordo com Silveira (2011) a Organização Mundial de Saúde (OMS) define que *padrão moderado de consumo* sugere a ingestão de certa quantidade de bebida alcoólica que não traz riscos à saúde apenas em função desse consumo. Em definição complementar, o Instituto Nacional Sobre o Abuso de Álcool e Alcoolismo dos Estados Unidos (NIAAA) define o uso moderado como o consumo que não provoca prejuízos sociais, tampouco, individuais. Não

raramente, essa definição é tomada como sinônimo de “beber socialmente”, ou seja, um consumo não problemático, em concordância com os padrões socialmente aceitos (ANDRADE & OLIVEIRA, 2009).

Quanto à recomendação do limite de consumo de álcool por semana, ou por dia, o NIAAA define que uso moderado se limita a 14 (quatorze) unidades/semana para homens e até 7 (sete) para mulheres, ou no caso de níveis diários, duas doses alcoólicas para homens e uma para mulheres, prescrevendo-se um ou dois dias sem consumo durante a semana. Com relação às recomendações dadas pela OMS, o consumo aceitável é um pouco maior, a organização estabelece que para se evitar prejuízos, o consumo de álcool é de até 15 (quinze) doses/semana para os homens e 10 doses/semana para as mulheres. Na perspectiva de volume alcoólico a unidade-padrão varia de 10 a 15g, entretanto existem países com recomendações maiores, chegando até 20g (ANDRADE & OLIVEIRA, 2009; SILVEIRA, 2011).

O uso moderado, além de ser compreendido como uma opção à redução de danos, pode estar associado a fatores protetivos à saúde, relativos ao desenvolvimento de doenças cardiovasculares. Porém, há de se advertir que os benefícios à saúde não são exclusivamente consequências das bebidas alcoólicas ou de suas propriedades (no caso do vinho), mas também estão associados ao estilo de vida do bebedor, opções mais saudáveis de alimentação e seu histórico médico (ANDRADE & OLIVEIRA, 2009).

Outra forma de relação com o álcool é o *abuso de substância, uso indevido* ou *uso nocivo* (BERTOLOTE, 2010). O abuso de álcool é o consumo, episódico ou constante, que pode trazer danos à saúde física ou mental e prejuízos sociais. Caracteriza-se pelo uso exagerado, ultrapassando recomendações de uso moderado e provocando doenças ou agravando quadros clínicos de doenças já existentes, levando a prejuízos psicológicos, funcionais, cognitivos, emocionais e problemas no funcionamento social do indivíduo. O uso exagerado também aumenta o risco de envolvimento em brigas e acidentes, podendo o usuário ser ator ou vítimas dessas situações (OIT, 2003; CASTRO et al, 2011; SILVEIRA, 2011).

O consumo abusivo, quando em condição de não dependência, pode abrir precedentes para o diagnóstico de “abuso de álcool” para o usuário que apresenta repetidamente os mesmos problemas relacionados ao consumo de álcool. Segundo Silveira (2011), são quatro esferas da vida afetadas por esses problemas e que compõem o diagnóstico: problemas ocupacionais, problemas sociais e interpessoais, constante uso em situações de perigo e complicações legais.

Acompanhando essa discussão, MacRae (2014) indica que as diretrizes diagnósticas para caracterizar uso abusivo exigem que o usuário, sem enquadramento para dependência ou transtornos induzidos por outras drogas, tenha sofrido real dano físico ou mental, tais como:

Intoxicação Aguda, Transtorno Psicótico Induzido, Transtornos Neuropsiquiátricos, Síndrome de Abstinência, Comorbidade Psiquiátrica, Síndrome Cerebral Orgânica (SCO).

Está também associado ao abuso e uso nocivo de álcool, o padrão de consumo chamado *Beber Pesado Episódico*, em inglês *Binge Drinking*, que se dá pelo consumo abusivo e exagerado de álcool em uma só ocasião, na qual o indivíduo coloca-se em situação de vulnerabilidade. O *Binge Drinking* ocorre através da ingestão, em uma única ocasião, de cinco doses ou mais de álcool para homens e quatro ou mais doses para mulheres, num intervalo de até 2 horas. Essas dosagens foram definidas a partir de evidências científicas de que tais quantidades, equivalentes ou maiores, aumentam os riscos e problemas ligados ao uso de álcool (ANDRADE, OLIVEIRA, 2009; SILVEIRA, 2011; LARANJEIRA *et al*, 2014).

Entre os riscos provocados por essa modalidade de consumo, Andrade e Oliveira (2009) destacam que se observa uma crescente associação entre o uso pesado de álcool e aumento do risco de ocorrência de derrame cerebrovascular. Além de evidências epidemiológicas que demonstram que beber no padrão *binge drinking* está relacionado a situações adversas no âmbito social e na saúde, tais como: sexualidade de risco, violência, comportamento antissocial e problemas escolares, entre outros (Silveira, 2011).

Em ordem progressiva, a definição dos padrões de consumo do álcool termina na *dependência química*. Para caracterizar a dependência observa-se um conjunto de sintomas e comportamentos de caráter psicológico e físico: incapacidade de controlar o consumo de álcool independentemente da circunstância, custo ou prejuízo; desejo intenso de forma a priorizar o uso em detrimento de outras atividades de lazer, convívio familiar, compromissos e responsabilidades; desenvolvimento de tolerância, necessidade gradual e progressiva de maiores quantidades da substância para obter o mesmo efeito do início do consumo; e sintomas de abstinência, com grande desconforto físico e mal-estar quando o consumo é descontinuado (BERTOLOTE, 2010; OIT, 2003; CASTRO *et al*, 2011).

Os critérios para dependência do DSM-IV e CID-10 são basicamente iguais, diferenciando-se apenas quanto ao tempo de ocorrência, enquanto o DSM-IV designa a ocorrência de três ou mais sintomas no período de 12 meses, o CID-10 observa a ocorrência de três sintomas conjuntamente em períodos menores que um mês para caracterizar a dependência (DUARTE & MORIHISA, 2011).

A Dependência do Álcool é chamada de *Alcoolismo*, de acordo com a definição da Sociedade Norte-americana de Adicções (*National Council on Alcoholism and Drug Dependence*) de 1990, definição mais comumente referenciada em documentos nacionais e

internacionais (BERTOLOTE, 2010; CASTRO ET AL, 2011; DIAS, 2001; SILVEIRA, 2011; OIT, 2003) que diz que o alcoolismo é

[...] uma doença crônica primária que tem seu desenvolvimento e suas manifestações influenciados por fatores genéticos, psicossociais e ambientais. A doença frequentemente é progressiva e fatal. É caracterizada por uma perturbação contínua ou periódica do controle sobre a ingestão, uma preocupação com o álcool, o seu uso apesar das consequências adversas e distorções de pensamento, notadamente, negação (OIT, 2003, p. 19).

O alcoolismo é um dos principais transtornos causados pelo abuso do álcool, entretanto há doenças que são menos apregoadas como consequências desse consumo. O uso de álcool pode aumentar os riscos de mais de 200 doenças e, além disso, o uso nocivo pode desencadear comportamento de risco nos usuários, deixando-os suscetíveis à infecção de doenças como HIV, tuberculose e pneumonia, ou ainda, ao envolvimento em violência e acidentes (WHO/OMS, 2014)².

Segundo Andrade e Oliveira (2009), as doenças que derivam da relação de causalidade ou associação com o consumo do álcool podem ser elencadas em três categorias: as totalmente atribuíveis ao uso de álcool; as crônicas; e as agudas que têm o álcool como fator contribuinte. Entre elas: câncer (oral, faringe, esôfago, laringe); cirrose hepática; Síndrome Alcoólica Fetal (SAF); doenças cardiovasculares (cardiomiopatia, hipertensão, arritmia, derrame cerebrovascular, insuficiência cardíaca congestiva); demência (desordem do funcionamento cognitivo) e ainda as causadas por acidentes.

De acordo com a OMS, os grupos de maior vulnerabilidade aos impactos do uso problemático de álcool são os de menor renda, pois são mais afetados pelas consequências sociais e de saúde e com frequência são privados da proteção de redes familiares ou comunitárias funcionais e de serviços de saúde de qualidade (WHO, 2014).

Percebe-se que o consumo de álcool, e principalmente a relação de cada indivíduo com essa substância, está circuncidado por múltiplos fatores de caráter intrínseco e extrínseco que geram diversas consequências para sua saúde física e mental e interferem nas mais diversas esferas de sua vida. Entretanto, resguardadas as peculiaridades de cada relação, o abuso de álcool ganha uma posição de problema de saúde pública através de dispositivos sociais que permitem a manutenção e o agravamento desse problema e devem ser diagnosticados e definidos para que se faça sua prevenção e desconstrução.

² Correspondência entre as siglas OMS (Organização Mundial da Saúde) e WHO (*World Health Organization*).

2.3. DISCURSO CANÔNICO DISPONÍVEL NAS MÍDIAS: INCENTIVO AO ABUSO DE ÁLCOOL NA CULTURA HEGEMÔNICA

Bruner (2002, 1997) é o principal autor da Psicologia Cultural, apoiado em Vygotsky na abordagem interacionista da constituição da linguagem. Considera a cultura no cerne da constituição do ser humano, ou seja, através da apreensão dos sistemas simbólicos os seres humanos constituem e são constituídos por sua cultura. Ele é produzido nessa cultura, ele a reforça e produz e intervém o tempo todo e esse processo ocorre através da narrativa. Através da história que a pessoa conta de si, como ela se narra, de maneira que a narrativa não é apenas a verbalização, mas toda expressão do indivíduo.

Para melhor compreender, Bruner (2002) faz a distinção entre as duas formas de pensamento: paradigmático, científico e seu aparato de verificabilidade; e narrativo, influenciado pelo discurso canônico e suas rupturas, e a verossimilhança com a realidade cotidiana. Essas duas formas de pensamentos são fundamentalmente distintas e irreduzíveis uma a outra e não, necessariamente, antagônicas. Segundo o autor sabe-se muito sobre o pensamento paradigmático, ele pode ser facilmente assimilado e aplicado e tem compromisso com a *verificação da verdade*, suas teorias e hipóteses devem ser testadas e verificadas. Contudo, o pensamento narrativo, conta com menor sistematização e estudo. Nesse sentido, o autor destaca que:

[...] a atividade humana depende, para sua expressão completa, de estar ligada a um conjunto de ferramentas culturais – um conjunto de dispositivos protéticos, por assim dizer –, então seria aconselhável que ao estudar uma atividade mental levássemos em conta os instrumentos empregados naquela atividade (BRUNER, 2002, p.16).

O pensamento narrativo é alimentado por diferentes fatores, um deles é o discurso canônico. Neste trabalho, entende-se por canônico ou hegemônico o discurso repetitivo, dado como pronto, encerrado, inquestionável, aderido pela cultura predominante (BRUNER, 2002, 1997). A canonicidade influencia o pensar e tende a ser fortalecida por dispositivos sociais de controle, por exemplo, a mídia.

Diante disso, faz-se importante discutir e levantar os discursos canônicos a respeito do álcool, uma vez que, como já apresentado neste trabalho, pode-se compreender o quanto o uso de álcool participa e é valorizado na história da existência humana, adotando em várias culturas, através dos tempos, papéis e funções diversas na vida e no cotidiano do ser humano. Diante do recorte doravante destacado nesta pesquisa – a glamourização do abuso de álcool por

adolescentes em sua narrativa – mostra-se necessária a localização da representatividade do uso/abuso de álcool através da mídia, compreendida aqui como a grande disseminadora/operadora/reforçadora da cultura hegemônica.

Entretanto, antes é necessário localizar o conceito de *glamourização* na perspectiva da cultura contemporânea e sua aplicabilidade ao tema do presente trabalho. O verbete definido pelo Dicionário Oxford descreve a *glamourização* como a ação de fazer algo/alguém parecer glamouroso, desejável, falsamente especial. Os exemplos sugeridos pelo dicionário para aplicação do termo destacam frases como: “as letras de música que glamourizam as drogas”; “muitos desses sites promovem abertamente o uso de drogas, outros glamourizam a cultura da droga e, assim, promovem implicitamente uso e experimentação” (OXFORD DICTIONARY, 2016, tradução da autora). Observa-se que a definição do dicionário elege o exemplo da *droga* como modelo de algo equivocadamente valorizado, glamourizado, o que indica o quanto o termo ajusta-se ao tema abordado neste trabalho – como apresentado a seguir.

A *glamourização* encontra-se forte na perspectiva do espetáculo da sociedade atual. De acordo com Debord (2003, p. 11) “o espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é «o que aparece é bom, o que é bom aparece».” O espetáculo definido por Debord (2003) parece, a princípio, um termo correlato para o da *glamourização*, entretanto é compreendido pelo autor, de maneira mais ampla, como o modo de existência pós-moderno, para o autor “[...] a prática social, diante da qual surgiu o espetáculo é também a totalidade real que contém o espetáculo”, de maneira que os modos de produção modernos e o capitalismo, em sua forma mais evoluída, converteram o valor de ter em aparecer. A partir disso, entende-se que a cultura contemporânea privilegia a imagem, o parecer ser na qual o espetáculo enquanto “modo de ser concreto é justamente a abstração.” (DEBORD, 2003, p. 19).

Todos esses conceitos circundam a maneira como dialogam os elementos da narrativa, com o modo de ser sociocultural contemporâneo e seus veículos de expressão/propagação/sedimentação. A cultura tem em seus sistemas simbólicos ferramentas para se relacionar com o mundo, umas dessas ferramentas são “padrões estabelecidos de crença” que configuram uma dimensão normativa que tecem uma trama de comportamentos esperados em determinadas situações (DUARTE, ROAZZI, 2013, p.120).

Temos, então, a partir desse conjunto de crenças que engendram normas de comportamento, a canocidade das falas cotidianas, dos símbolos culturais e da mídia como principal veículo de propagação dessas falas e comportamentos.

O poder midiático necessita sempre estar gerando algo que o sustente e torne lucrativo dando continuidade à sua atual situação. Influenciar o sujeito é a principal forma de manter e conseguir que eles não o esqueçam, ela tem a capacidade de criar mudanças que podem influenciar as pessoas, por isso nada que esteja na mídia é ingênuo e totalmente verdadeiro (FERRES, 1996 *apud* AZEVEDO, MEZZARROBA, ZOBOLI, 2014, p. 76).

Ou seja, “enquanto as pessoas se comportam conforme a situação, sendo isto o habitual, experimenta-se o canônico, sendo este autoexplicativo, já que não temos de perguntar o porquê de alguém se comportar como o esperado” (DUARTE, ROAZZI, 2013, p.120).

Compreendendo o canônico, então, como modo de ser predominante, encontra-se na obra de Debord (2003, p.09) a ideia de que o espetáculo na sociedade pós-moderna aderiu-se nessa expressão.

Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário — o consumo.

Transpondo isso para o tema abordado, evidencia-se o importante papel das mídias para instituir “normas” para o comportamento de beber, configurando o discurso sobre o uso e abuso de álcool para *a forma de se comportar como o esperado*, sendo tomado como o que é “normal” e esperado das pessoas-público-alvo do seu discurso, em sua maioria, os jovens – e que reverbera nos adolescentes uma vez que tem o público jovem adulto como referência e objetivo de identidade.

Um dos resultados esperados pela mídia é a criação de demanda, no caso mercadológico do tema em questão, a criação de consumidores para a bebida. A atualidade marcada pela economia global além de maximizar os lucros com o mínimo de investimento, existe a ampliação do mercado consumidor, com novos perfis de consumo (SOUSA, 2005). Baseado na psicologia mercadológica a mensagem vendável pode advir de forma explícita, em propagandas televisivas apresentando diretamente o produto, ou de forma implícita com a exposição sutil deste relacionado a outros produtos já valorizados pelo público alvo objetivado, como em séries televisivas ou novelas. Para sua eficácia não é necessário reduzir os personagens da mídia aos próprios adolescentes, mas introduzir personagens com os quais de certa forma eles se identifiquem, tais como heróis, ou anti-heróis. Para aumentar ainda mais esta eficácia, a mídia alarga o público alvo, instigando outras faixas etárias com a exposição e valorização do produto, tais como as crianças e os adultos, alimentando as fantasias, as projeções, relacionando o produto com um objeto de desejo, tal como o status grupal.

A formação da demanda inicia-se ao se ligar o televisor, ou o rádio, ou comprar um jornal, ou qualquer uma outra forma de mostrar ao consumidor que determinado produto existe, ou que ele é melhor do que seu competidor, assim como se criam fantasias para que esse produto seja aceito pela sociedade e dê condições de crescimento industrial e da própria empresa fabricante (SOUSA, 2005, s/p).

A abordagem da mídia acontece de forma que, ao mesmo tempo em que divulga um comportamento/produto que eles querem vender, tornam esse comportamento tão habitual que não deixa espaço para questioná-lo.

A respeito do papel social da mídia na sociedade, Thompson (2009) diz do seu impacto na comunicação entre as pessoas, fazendo com que novas relações sociais e maneiras de relacionamento se criem entre os indivíduos, uns com os outros e consigo próprios. Realça a dimensão simbólica da mídia, para além de seu aspecto técnico, afirmando que a comunicação midiática é sempre contextualizada de acordo com os sistemas simbólicos das sociedades.

De acordo com o autor, a comunicação é, de maneira básica “[...] um tipo distinto de atividade social que envolve a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas” (THOMPSON, 2009, p. 25). No que tange à comunicação midiática, no seu poder simbólico e efeito globalizante na relação com outros poderes – econômico, político e coercitivo – se configura em uma atividade social básica que envolve produção, transmissão e recepção de formas simbólicas e implica também a utilização de recursos e veículos variados.

Dessa maneira, a comunicação midiática, a chamada *comunicação de massa*, é denominada como a “produção institucionalizada e difusão generalizada de bens simbólicos através da fixação e transmissão de informação ou conteúdo simbólico” (THOMPSON, 2009, p. 53). Sendo estruturada pelos meios técnicos e institucionais de propagação e a mercantilização dos produtos, antes elaborados como “bens simbólicos” que recebem valor simbólico/afetivo e depois comercial; e perpassada pela dissociação entre os produtores e os receptores da comunicação, ou seja, na comunicação de massa há uma fundamental assimetria entre quem produz a mensagem e quem a recebe que pode ou não se manifestar e reagir à mensagem; e sujeita a uma disponibilidade prolongada de sua mensagem e produtos no tempo e espaço, uma vez que ela se propaga, não se tem o controle de aonde e até quando irá perdurar; a circulação dessa mensagem é pública e se torna visível e verificável a uma multiplicidade de indivíduos que podem estar situados nos mais diversos contextos. Diante disso verifica-se o poder simbólico da comunicação midiática.

Traçando um paralelo entre o poder simbólico na mídia e a definição de cultura na perspectiva da psicologia cultural – compreendida como um processo de mediação semiótica

que constitui e é constituído como parte inerente das funções psicológicas humanas – seu poder atua na medida em que seus sistemas simbólicos (signos e significados) se fazem legítimos no momento em que são inteligíveis aos indivíduos que se constituem nessa cultura (THOMPSON, 2009, GOMES, DAZZANI, 2013). Demonstrando assim, como opera seu poder simbólico através da produção, mercantilização, disponibilização e circulação de seus bens simbólicos, entendidos como os produtos elaborados de mensagens e formas simbólicas valorizadas de maneira a ter apreço, estima, indiferença ou desprezo dos indivíduos e seu valor econômico de modo que podem ser trocadas no mercado (THOMPSON, 2009).

A partir disso, o uso da mídia provoca uma reorganização do tempo e do espaço. Os indivíduos os reapropriam dentro do contexto de suas vidas, trazendo impacto sobre o eu (self), seu processo de formação e sobre a maneira de vivenciar as experiências. Tal processo tem se tornado mais reflexivo e aberto, fazendo com que o indivíduo dependa cada vez mais dos próprios recursos para construir uma identidade coerente para si, afirma Thompson (2009).

O autor ressalta que a formação do self entrelaça-se cada vez mais com as fórmulas simbólicas midiáticas, propondo que os aspectos positivos envolvidos nesse processo estão em oferecer mais elementos para a construção do sujeito, como projeto simbólico, exigindo dele reflexividade e abertura. Todavia, ressalva que como influências negativas existem “a intrusão midiática de mensagens ideológicas”, “a dependência midiática”, “o efeito desorientador da sobrecarga simbólica” e “absorção do self na interação quase midiática” (THOMPSON, 2009, p. 187).

Na tentativa de um diálogo entre essas proposições e as da psicologia cultural, tem-se que a cultura se organiza em sistemas semióticos que, a partir do contexto concreto das práticas sociais e da comunicação, podem se expressar, se modificar e se consolidar. Nesse mesmo contexto, na interação comunicativa, é que o self se constitui, como parte “[...]das transações entre sujeitos coparticipantes de uma dada realidade social, na qual conhecimento e subjetividade se produzem mutuamente, de acordo com influências exercidas por sujeitos que agem e negociam significados em contextos socioculturais concretos” (OLIVEIRA, 2003, *apud* OLIVEIRA, 2006).

Pode-se dizer que o conceito de self articulado à Psicologia Cultural ainda tem uma ampla acepção, está em desenvolvimento (MACEDO; SILVEIRA, 2012). Bamberg e Zielke (2007 *apud* MACEDO; SILVEIRA, 2012, p. 282) destacam três dilemas que estão altamente inter-relacionados:

- (1) a questão da identidade e de sentir-se o mesmo, ou seja, como é possível considerar-se o mesmo face a constantes mudanças;
- (2) a questão de sentir-se

único e o mesmo, ou seja, se é possível considerar-se como único apesar de ser o mesmo como qualquer outro (e vice-versa); e (3) a questão de quem é o encarregado da construção, isto é, se é a pessoa quem constrói o mundo do jeito que é ou se a pessoa é construída pelo modo como o mundo é.

Utilizaremos como conceito norteador o self narrativo de Bruner (1991) que será compreendido como uma representação de si com aspectos permanentes, contínuos, modificáveis, atualizáveis, o que promove um diálogo constante entre as questões internas e externas na interação com o ambiente.

Dessa maneira ressalta-se a importância do uso da mídia, da comunicação midiática e de seu poder simbólico para constituição do self, da identidade da personalidade, tendo ocupado na sociedade moderna um papel “educativo” à medida que orienta comportamentos, dissemina conhecimentos e é investida de credibilidade pelos indivíduos. Vê-se aí o risco da alienação, uma vez que não é incomum momentos em que a mídia institui “verdades inquestionáveis”, sendo sustentadas pelos indivíduos em falas tais como: “*é verdade, eu vi na televisão*”, tendo no imaginário popular de que quem produz as mensagens midiáticas tem sempre o compromisso com os crivos da verificabilidade, ética e moral, validando o discurso midiático acima das próprias percepções em algumas vezes.

Compreendendo então este papel, aponta-se para o perigo da valorização do consumo de álcool na mídia e no discurso hegemônico, operando na canocidade cotidiana. Isto se torna ainda mais alarmante quando se fala em adolescentes, partindo da premissa que o indivíduo nessa fase de desenvolvimento está exatamente se constituindo enquanto identidade própria e singular, e precisa de referências para essa constituição. Esta questão será mais bem explorada no capítulo seguinte no qual se fará uma revisão teórica a respeito da adolescência compreendida da contemporaneidade, mas antes cabem alguns questionamentos. Onde se apoiarão suas referências, diante do que foi dito sobre a mídia? Qual o risco de o consumo abusivo ser valorizado e validado para pessoas nesta idade? Seria o uso do álcool mais uma ferramenta alienante em nossa sociedade fluida?

Para embasar essa discussão partir-se-á agora a uma revisão e levantamentos de dados que depõem sobre o impacto da comunicação midiática e da cultura sobre o consumo de álcool na sociedade contemporânea. Este apanhado se iniciará pela apresentação da contribuição das propagandas de bebidas alcoólicas para o fomento da cultura do consumo de álcool, principalmente dirigida ao público adolescente, e em seguida serão apresentados levantamentos de elementos da cultura popular do abuso de álcool, dispostos principalmente entre músicas e frases populares. Observando como esses fatores comungam para a promoção da glamourização do abuso do álcool na cultura nacional, principalmente.

Uma das formas de promoção oficial desta glamourização é através das mídias. Estudiosos destacam que existem evidências sugestivas de que a propaganda contribui para a ampla aceitabilidade social das bebidas alcoólicas, e, desse modo, influencia tanto sobre o primeiro uso, quanto no uso continuado dessa substância (MARTIN *et al*, 2002, ELLICKSON *et al*, 2005). Há uma gama extensa de pesquisas que destacam este impacto sobre o efeito de consumo de álcool por parte da população, principalmente entre os jovens (MARTIN *et al*, 2002; ELLICKSON *et al*, 2005; PINSKY, JUNDI, 2008; PINSKY *et al*, 2009). Sendo esses considerados, além de mais vulneráveis a esses efeitos, também identificados como público-alvo dessas propagandas, pois estas costumam ser dirigidas por conteúdos e mensagens que falam e apelam para o universo juvenil, com elementos como o relaxamento, bons momentos, alegria, festa, diversão, sensualidade, etc. Pinsky *et al* (2009) ressaltam que em “termos quase caricatos poderíamos dizer que a imagem que se passa é: beber é fazer parte, não beber é estar de fora. Beber é libertador, não beber é repressor” sendo essa mensagem repetida invariavelmente através dos comerciais veiculados pela televisão, rádio, internet, eventos musicais e esportivos.

Elementos como estes ferem intimamente o próprio código de regulamentação publicitário, o CONAR (Conselho de Auto-Regulamentação Publicitária) como, por exemplo, no texto do Anexo A que trata das bebidas alcoólicas, encontra-se a determinação: “eventuais apelos à sensualidade não constituirão o principal conteúdo da mensagem; modelos publicitários jamais serão tratados como objeto sexual” (PINSKY *et al*, 2009, p. 50). Vê-se então, a necessidade de maior intervenção na fiscalização das propagandas, Pinsky e colaboradores (2009) sugerem que é a sociedade, de maneira participativa e democrática quem deve, portanto, definir os limites da regulamentação da publicidade, principalmente das bebidas alcoólicas, e não apenas publicitários e anunciantes que têm interesse econômico sobre as mesmas, tendendo a um discurso parcial e especulativo, pois de acordo com esses autores,

E é a exposição, no final, o que realmente importa em termos do impacto no consumo dos adolescentes e jovens. Assim, do ponto de vista da saúde pública, é fundamental que a sociedade possa, sim, exercer influência não somente no conteúdo da publicidade a que as crianças e adolescentes são expostas, mas também e principalmente na quantidade de exposição. Pelo simples motivo de que quanto mais expostas, maior o consumo do álcool.

Da mesma maneira, estudos desenvolvidos pelo NIAAA indicaram existir relação entre a exposição dos jovens à propaganda de bebidas e o aumento do consumo. “Ver mais anúncios apresenta um efeito maior no beber do que o contrário, ou seja, quem bebe não repara mais nas propagandas do que quem não bebe” (MARTIN *et al*, 2002). Destacando que, não é pelo fato

de um jovem já ser um consumidor que o faz prestar mais atenção às propagandas, mas sim o contrário, a propaganda desperta atenção e interesse ao público jovem em geral, o que pode incidir na decisão por começar a consumir e reforçar as atitudes favoráveis de quem já bebe.

Martin e colaboradores (2002) apontam a atenção a outros aspectos que dão indícios de que a propaganda pode ter grande impacto no consumo de álcool, os autores consideram os índices de investimento em propaganda, por parte das indústrias do álcool, como indicadores de que a propaganda se reverte em aumento de consumo, uma vez que, investem bilhões de dólares em publicidade. Nos Estados Unidos, desde 2000, foram gastos mais de 1 bilhão de dólares com as propagandas de bebidas alcoólicas por ano, sendo que, a maioria dos gastos com a publicidade de bebidas alcoólicas é feita na televisão, com destaque para os anúncios de cerveja que constituem a maior parte dos investimentos, assim, concluem que os anúncios de álcool têm uma presença marcante na mídia. (SNYDER et al, 2000 apud MARTIN *et al*, 2002).

Pinsky e Jundi (2008) afirmam que no Brasil, a publicidade da cerveja, entre outras bebidas, é bastante apreciada por sua qualidade e criatividade, e os adolescentes e adultos jovens parecem estar especialmente expostos a ela, que os tem como alvo preferencial. Em pesquisas desse seguimento foram destacados os temas e elementos que mais chamam atenção dos jovens nesses comerciais. Martin *et al* (2002) destacam que os anúncios de álcool mais apreciados continham alguns elementos específicos como: personagens, história e bom-humor.

Em análise complementar, Pinsky (2014) ressalta que além de elementos como desenhos animados, festas raves retratados pelas propagandas, há iniciativas massivas em conquistar esse público como promoção de festas com patrocínios das marcas, e desenvolvimento produtos com a mistura de refrigerante, entre outros com sabor atrativo. Mas a autora é categórica a destacar que tão, ou mais importante que essas estratégias, é “a utilização do Brasil e de símbolos nacionais para a venda de álcool. Esse tipo de associação das bebidas alcoólicas com o que temos de mais característico no nosso país normatiza o álcool” (PINSKY, 2014, p. 2).

Na conclusão desses estudos (MARTIN *et al*, 2002; PINSKY *et al*, 2009) os autores foram capazes de elencar as consequências e o impacto da exposição de jovens e adolescentes à publicidade do álcool, obtendo resultados muito semelhantes e complementares. Sendo assim, a exposição à publicidade: reforça atitudes pró-álcool, os adolescentes vêem o álcool de maneira positiva, ou seja, influencia a percepção dos jovens sobre álcool e as normas de beber, dessa forma não enxergam as complicações de seu uso; percebem e aceitam facilmente o uso do álcool por parte de colegas e familiares; pode aumentar o consumo entre quem já bebe, os jovens apresentam níveis mais altos de consumo de álcool; pode desestimular a redução do consumo; predispõe, portanto, os jovens a beber muito antes dos 18 anos, os adolescentes apresentam

maiores intenções de beber no futuro; e por fim, pode influenciar as políticas públicas.

A propaganda das bebidas alcoólicas é regulamentada, em território nacional, pela Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996, e a principal restrição que apresenta é a redução do horário de propaganda na televisão e no rádio permitindo propagandas de álcool apenas entre 21:00 e 6:00 horas, além da regulação do conteúdo para as peças publicitárias. Entretanto é considerada bebida alcoólica apenas aquela com teor alcoólico acima de 13° GL, excluindo, portanto, alguns vinhos, “coolers” e todas as cervejas. Desse modo, tais restrições não alcançam as bebidas alcoólicas mais consumidas no país, as cervejas. O que significa que propaganda de cerveja tem permissão para ser exibida a em qualquer horário e em qualquer programa, sendo regulamentada apenas pelo Código Brasileiro de Auto-Regulamentação Publicitária. Essa norma voluntária, como afirmado acima, não tem sido eficaz em evitar abusos na propaganda de cervejas, que tem grande audiência entre o público adolescente, fazendo-se necessária maior mobilização da sociedade como um todo (MOREIRA JUNIOR, 2005; PINSKY, *et al*, 2009, PINSKY, 2014).

Moreria Júnior (2005) destaca que há insatisfação por parte da sociedade e dos parlamentares com o modelo de regulação dessa matéria atualmente em vigor no País que se reflete pelo grande número de projetos de lei propondo restrições à publicidade do álcool, apresentados nos últimos anos no Congresso Nacional.

Em dezembro de 2014, houve um esforço da Procuradoria Geral da República (PGR) em reparar assimetria da citada Lei 9.294/96 que regulamenta a propaganda de bebidas alcoólicas, que deixa de fora bebidas alcoólicas com teor alcoólico menor que 13° GL, a saber cervejas, coolers, bebidas “ice” e vinhos, ao questionar falta de regulamentação de propaganda de algumas bebidas alcoólicas. Seguindo este movimento a decisão Tribunal Regional Federal da 4a Região propunha restringir as propagandas de cerveja nas emissoras de rádio e TV ao horário de 21h a 6h, valendo para a cerveja e para o vinho as restrições impostas à publicidade de bebidas com maior teor alcóolico. Além de novas limitações restringissem também a associação do produto a esporte olímpico e a imagens de “maior êxito na sexualidade das pessoas, insinuando o aumento de virilidade ou feminilidade” (STF, 2015).

Entretanto, em abril de 2015, a iniciativa de alteração da lei foi vetada no Supremo Tribunal Federal (STF) julgou improcedente a Ação Direta, alegando “o que a Constituição fixou como preservação da saúde pública e da família, de forma legítima aprovou a lei formal exigida pelo artigo 220, parágrafo 4º, da Constituição e, ainda, resguardou a liberdade de informação” (STF, 2015, p. 1).

Em documento direcionado a contribuições para Primeira Conferência Nacional de

Comunicação em 2009, o Conselho Federal de Psicologia - CFP se posiciona a favor de várias frentes para melhor regulamentação das mídias e da propaganda, entre elas, os representantes da psicologia são enfáticos em defenderem o fim da propaganda de bebidas alcoólicas “A regulamentação não é obedecida. A indústria cria artifícios legais para burlar as restrições à publicidade. Isso não aceitável! Por isso a Psicologia posiciona-se pelo fim da publicidade de bebidas alcoólicas!”. (CFP, 2009, p.7). Diante disso, reforça-se que a pressão e mobilização de todos os setores têm de ser mais incisivas na cobrança dessas mudanças.

Além das peças publicitárias e as propagandas de bebidas alcoólicas, existem outros veículos difusores do discurso abuso de álcool dispostos nas mídias que tem objetivo comercial como secundário na promoção do uso da substância. Partindo de uma perspectiva mais ampla sobre o fenômeno do abuso de álcool por adolescentes, configura-se o objetivo geral desse trabalho, que está em reconhecer e identificar elementos na narrativa do adolescente que enderecem ao discurso midiático da glamourização do abuso de álcool.

A partir do que já foi destacado neste estudo, entende-se por glamourização a ação e o discurso que busca hipervalorizar alguma prática visada socialmente, no intuito de promover o status de quem a comete. Em uma breve busca pela internet pode-se perceber que o termo é reconhecido em alguns sites que promovem debates de eventos cotidianos e socioculturais, *weblogs*, onde foi encontrado, por exemplo, um texto que trata do assunto, intitulado pelo termo “A glamourização do abuso do álcool”. No qual o autor Ricardo Coiro (2015), um dos colaboradores do blog *Entenda os Homens*, define e tece uma crítica afirmando o que quer dizer com o termo é:

[...] que comumente chamamos de herói – ou de “O CARA” – aquele que costuma beber sem a mínima moderação; até começar a balbuciar groselhas, beijar a sarjeta e, por fim, precisar de glicose dentro das veias. Quero dizer que costumamos compartilhar – como se estivéssemos compartilhando quebras de recordes olímpicos – vídeos nos quais garrafas inteiras de vodca são esvaziadas em menos de quinze segundos, por uma só pessoa (pessoa ou suicida?); compartilhamos e ainda fazemos grandiosos elogios, como: “Esse maluco é pica!”, “Quero ser igual a ele quando crescer!”.

O autor ainda ressalta que as produções culturais populares favorecem a propagação e legitimação dessas práticas. O que vem ao encontro do propósito deste texto, uma vez que compreende-se que a produções culturais e midiáticas aos mesmo tempo em que sustentam, são sustentadas por esses comportamentos, refletem e promovem tais condutas. Coiro (2015) continua:

Quero dizer que basta uma espiadinha em nossas produções culturais para

encontrarmos músicas que tratam porres homéricos – e sinais claros de alcoolismo – como atitudes engraçadas, apenas. Quer um exemplo? *Beber, Cair e Levantar*, dos Aviões do Forró (COIRO, 2015).

Adotando este movimento, apresenta-se agora um levantamento de falas e frases, tanto de músicas³ quanto ditos populares e memes de internet que refletem o discurso canônico acerca da glamourização do abuso disposto nas mídias sociais, afim de que se explore o imaginário popular e na cultura de massa a respeito do presente fenômeno.

Algumas músicas populares são verdadeiros hinos cultuando ao álcool, seu uso/abuso e sugerem um estilo de vida de exageros e fugacidade e descompromisso. Muitas delas estão nas últimas paradas de sucesso, tocam frequentemente nas baladas (festas), exibem seus clipes em programas televisivos e viralizam na internet, algumas estão entre os *Top10*, no ranking das mais tocadas segundo websites⁴ especializados em monitorar em tempo real as posições das músicas nas rádios. Por exemplo: a música *Vai vindo* do cantor Lucas Lucco canta em um trecho: “Enquanto você tá em casa, eu tô aqui no bar bebendo, Uh! Vai vindo”, demonstrando estar em posição de vantagem por estar bebendo em relação a estar que em casa. Outra canção que está, atualmente, entre as líderes, cujo título é *Farra, Pinga e Foguete* dos cantores Bruno e Barreto, diz “Hoje eu quero um dia de sossego eu quero paz [...] Mais todo fim de tarde a galera me aciona, era p’ra tomar uma [...] Ir trabalhar amanhã é o cacete, hoje é só farra, zona e foguete” (SIC) – evidenciando a influência exercida pela pressão social e o desinteresse em compromissos e responsabilidades.

Outro exemplo emblemático do discurso do abuso e da glamourização do álcool, difundido em múltiplos contextos do cotidiano e festas populares está na música de refrão *Beber, beber* e título homônimo. Sua letra versa sobre uma vida, uma rotina dedicada a beber: “Segunda-feira eu vou p’ro bar, terça-feira eu vou também... Beber, beber, beber, beber[...]Eu sou o cara, pode levar fé, a semana inteira eu caio na zoeira. Eu abro e fecho o cabaré”.

Outras letras que evidenciam e valorizam um estilo de vida “aventureiro”, “louco”, que desafia os limites são as músicas *Balada Louca* de Munhoz e Mariano e *É Tenso* de Fernando e Sorocaba. A primeira descreve uma festa onde aconteceram coisas “fantásticas”: “Bebi demais na noite passada, eu só me lembro do começo da balada. Alguém do lado aqui na mesma cama, nem sei quem é mais tá (sic) dizendo que me ama[...] Achei meu carro dentro da piscina e o celular no microondas da cozinha. DJ mais louco que padre do balão”. A segunda faz referência a característica “libertadora” do álcool que, uma vez consumido, seria como um passaporte para

³ Todas as letras de música foram acessadas através do site <<http://letras.mus.br/>>

⁴ Ranking das 100 músicas mais ouvidas na rádio no Brasil:< <http://top10mais.org/top-10-musicas-mais-tocadas/>>

justificar ações impensadas e livres de culpa: “O problema é que eu bebo e apronto, mas depois não lembro de nada. Tudo bem, não faz mal, a gente bota culpa na cachaça. É meu defeito, eu bebo mesmo, beijo mesmo, pego mesmo, e no outro dia nem me lembro”.

Além das músicas, existe uma variedade de frases populares e elementos que corroboram e sustentam a canocidade dos discursos do álcool, difundidas no cotidiano e propagadas principalmente, através de *memes de internet*, veiculados em hipermídias nas redes sociais como *Facebook e Twitter e blogs*.

Os *memes de internet* viralizam eventos, e elementos simbólicos. Recuero (2006, p. 2) apresenta a origem do termo:

O conceito de meme foi cunhado por Richard Dawkins, em seu livro “O Gene Egoísta”, publicado em 1976. Dawkins compara a evolução cultural com a evolução genética, onde o meme é o “gene” da cultura, que se perpetua através de seus replicadores, as pessoas. O estudo dos memes está diretamente relacionado com o estudo da difusão da informação e de que tipo de idéia sobrevive e é passado de pessoa a pessoa [...]

Para Dawkins (2001) o meme se equipara ao gene da teoria evolucionista de Darwin,

Um "meme de idéia" pode ser definido como uma entidade capaz de ser transmitida de um cérebro para outro. O meme da teoria de Darwin, portanto, é o fundamento essencial da idéia que é compartilhado por todos os cérebros que compreendem-na (DAWKINS, 2001, p. 217).

Com base na teoria de Dawkins (1976), Recuero (2006) abaliza que as características essenciais para a sobrevivência de um meme são a longevidade, a fecundidade e a fidelidade das cópias. Entretanto com o advento da cibercultura o processo de evolução cultural dos memes ganhou alta velocidade, permitindo que uma ideia, uma anedota, sejam difundidas em grande escala o que corresponde à sua capacidade de viralização. Dessa maneira, Brandão e Rios (2011) ponderam que dentro do ambiente virtual, na blogosfera, através dos blogs mais relacionados a humor e entretenimento, há uma grande difusão dos memes. Os autores associam esse alcance de grande difusão ao capital social que esses blogs agregam (BRANDÃO, RIOS, 2011).

O blog é, portanto, um instrumento de captação de capital social para os blogueiros. O capital social constitui-se em um conjunto de recursos de um determinado grupo, obtido através da comunhão dos recursos individuais, que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, e que está baseados na reciprocidade.

O capital social apresentado por Recuero (2006) fundamenta-se, principalmente, no poder relacional dessas redes de interação, o que viabiliza a propagação desses conteúdos, por

exemplo, pessoas que fazem comentários, ou que curtem e/ou replicam as postagens, no caso do *Facebook* e do *Twitter*.

Desse modo, o poder de propagação e identificação desses elementos quando aplicados ao tema do álcool promove-se uma expansão de larga escala das ideias a respeito do consumo, um exemplo disso são as formações de *funpages* e *profiles* (perfis) nas redes sociais exclusivamente dedicadas à promoção da glamorização do abuso de álcool. Como por exemplo as páginas do *Facebook* intituladas como *Amiga Bêbada*⁵ e *Frases de Cachaceiros*⁶ com mais de 527.148 e 175.031 adeptos em cada uma respectivamente, e ainda contam com outras páginas homônimas, cópias das classificadas “oficiais”, dada a repercussão das postagens em forma de memes e piadas referentes ao comportamento de beber exageradamente. Apresentam-se alguns exemplos representativos dessas frases de domínio público, dispostas livremente na internet, nas redes sociais e propagadas de forma viral:

Mamãe mandou tomar juízo, como não tinha tomei cerveja!

Chega o fim de semana, vai embora a dignidade.

Se eu não lembro eu não fiz, se eu fiz não era eu.

Parecia amor, mas era open bar.

Bebo cerveja porque nunca vi ninguém fazendo amigos tomando leite.

Eu bebo pouco, mas o pouco que bebo me transforma em outra pessoa, e essa sim bebe muito.

O único exercício que eu quero hoje é levantamento de copo.

Quem não bebê, não vê o mundo girar.

Se for p'ra beber é p'ra ficar ruim, pois se fosse p'ra ficar bom tomaria remédio.

Beber p'ra afogar as mágoas.

A bebida entra e a verdade sai.

Mulher bêbada é mulher fácil.

São falas como essas que refletem como a cultura do consumo abusivo de álcool é apropriada e reforçada nos canais midiáticos onde os adolescentes e jovens mais transitam. Legitimando no imaginário popular que a bebida alcoólica só traz benefícios e experiências

⁵ Facebook Amiga Bêbada <https://www.facebook.com/amigabebada?ref=br_rs>

⁶ Facebook Frases de Cachaceiro <<https://www.facebook.com/FrasesDeCachaceiro>>

positivas, e que “não há mal nenhum em exagerar”, pois “todo mundo faz”, “é normal”, é divertido, “dá comédia”. Afinal, “quem não bebe não tem histórias para contar”. Esse clima de aceitação favorece a banalização do uso de bebidas e encobre as consequências negativas, biopsicossociais citadas na seção anterior, desse padrão de consumo.

É preciso deixar claro que o objetivo deste estudo de maneira nenhuma pretende demonizar a mídia, atribuindo-lhe o papel exclusivo de persuasão e indução do comportamento dos jovens, pois isso representaria menosprezar a capacidade crítica dos jovens, além de ignorar uma infinidade de fatores. Entretanto não se pode deixar de reconhecer que no caso das drogas lícitas principalmente, os meios midiáticos tendem a legitimar o discurso canônico acerca de sua valorização.

Schenker e Minayo (2005, p.710) corroboram que o “[...] uso do álcool e do tabaco costuma vir associado, por meio da publicidade, a imagens de artistas, ao glamour da sociabilidade e à sexualidade. Frequentemente os anúncios glorificam as substâncias, retratando-as como mediadoras de fama e sucesso.”

De acordo com as autoras, seria um grande erro a absolutização do papel da mídia como fator de risco em detrimento da percepção da comunhão de diversos fatores tanto de risco como de proteção. E apontam como saída o desenvolvimento da criticidade na comunidade que cerca o adolescente, como a escola a família e o grupo de pares para a construção de uma postura crítica ante ao acesso a esses conteúdos (SCHENKER, MINAYO (2005).

Em virtude do que foi mencionado, considerando que este trabalho se propôs perceber como esses discursos se dispõem na narrativa adolescente, evidencia-se o papel desta última, em favor do indivíduo. Retomamos o ponto de vista de Bruner (2002, 1997) de que o indivíduo constrói narrativas sobre si mesmo e se constrói a partir delas e que, na perspectiva da psicologia cultural, o *self* é o resultado de um processo de construção de significado, compreende-se então, que as narrativas têm uma função organizadora do *self*. O papel da narrativa seria para ele, o “de gerir os desvios em relação ao considerado canônico, que corresponde à norma” (DUARTE, ROAZZI, 2013, p.120).

O indivíduo ao se retratar também se constitui, de onde advém o valor libertador da narrativa. Ao falar da própria história e de seus pontos de vista a pessoa tem a oportunidade de ter um olhar exterior sobre si, podendo vislumbrar o que na sua fala lhe pertence e o que é reproduzindo o que lhe oportuniza ponderar a respeito do que pensa e reproduz. Cabe à narrativa trazer evidência ao discurso canônico e produzir suas rupturas a partir do que o indivíduo versa.

Postos todos os aspectos observados, e diante do que se apresenta a “experimentação do canônico, ou seja, o comportamento conforme o esperado dentro dos padrões estabelecidos de

crenças” – o uso abusivo de álcool entre os adolescentes – surge a narrativa no desvio ou ruptura desse canônico (DUARTE, ROAZZI, 2013, p.120).

3. ADOLESCÊNCIA E USO DO ÁLCOOL

Neste capítulo serão discutidos o conceito e o delineamento da adolescência como categoria criada socialmente, a partir da perspectiva interacionista, circunscrita num recorte sócio-histórico-cultural e como essa se relaciona ao fenômeno do uso e abuso de álcool na contemporaneidade. Para enriquecer essa temática, busca-se um diálogo entre Erikson (1972) e Bruner (2002, 1997). Iniciaremos com as características gerais da adolescência, para em seguida relacionar essa etapa da vida com o uso/abuso de álcool.

3.1. ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA

O período da adolescência, em tempo cronológico, é uma questão relativa, que varia entre sujeitos, contextos sociais e culturais, justamente por não ser um momento determinado apenas pelas transformações físicas que acontecem em paralelo ao processo de adolecer, a dada puberdade, que corresponde ao amadurecimento sexual e tem um ciclo programado de início e fim. Oliveira (2004 apud OLIVEIRA; REGO, AQUINO, 2006) propõe pensar a periodização do desenvolvimento

[...] não tomado como a passagem por estágios predefinidos que constituiriam uma marcha natural e universal, mas como modos de inserção dos sujeitos em suas condições de vida históricas e concretas, bem como múltiplas formas de apropriação de tais condições (OLIVEIRA, 2004 apud OLIVEIRA; REGO, AQUINO, 2006, p. 121).

Esse conceito vem ao encontro desta proposta, porque a teoria de desenvolvimento nomotética e normativa não consegue, de forma rígida e descontextualizada, explicar essa pessoa “universal”. Cabe valorizar a diversidade do adolescente desta ou daquela cultura.

A adolescência é tida como um período peculiar do desenvolvimento humano que inclui transformações muito significativas, tanto de cunho físico, cognitivo e hormonal, quanto de cunho emocional, psicológico e afetivo. As transformações permeiam as relações do indivíduo que amplia seu contexto social e particular, formando novos vínculos e transformando os já existentes. Sua representação diante da família e dos pares muda, assim como sua autoimagem, em favor das demandas e expectativas de novos papéis sociais em conexão com o contexto sociocultural.

Então, o que de fato “define” a adolescência e a juventude, para cada contexto social, são os marcos e etapas normatizados culturalmente como parte integrante dos modelos de desenvolvimentos (teorias) e a relação disso com a subjetividade, correspondentes ao processo de amadurecimento do ser humano e início da vida adulta.

Todavia, há de se destacar que *adolescência* é uma categoria criada socialmente. De acordo com Bruner, as teorias de desenvolvimento humano não apenas têm o papel de descrever os processos naturais de crescimento, mas, uma vez aceitas e integradas na cultura predominante, acabam por conferir “uma realidade social aos processos que buscam explicar e, até, certo ponto, aos ‘fatos’ que elas citaram em seu apoio” (BRUNER, 2002, p.140). De outra maneira, cada teoria se prova “verdadeira” a medida que exista uma congruência com os valores prevalecentes na cultura.

Bruner (2002) ressalta que até o genoma humano é flexível à cultura, ao protótipo cultural de crescimento. Segundo o autor há duas maneiras de “instruções” de como o ser humano deve crescer, sendo elas a cultura e genoma humano. Entretanto, devido à plasticidade do genoma humano, há uma infinidade de maneiras de se realizar de acordo com as oportunidades fornecidas pela cultura do indivíduo. Ou seja, “a cultura humana simplesmente fornece *modos* de desenvolvimento entre muitos que são possíveis, por nossa plástica herança genética. Esses modos são receitas sobre o curso canônico do crescimento” (BRUNER, 2002, p.141).

Posto isso, o pilar desta pesquisa ancora-se na perspectiva interacionista. Abordam-se os conceitos e definições a seguir, considerando o seguinte ponto de vista: a adolescência é uma categoria criada socialmente e tem definições e determinações diversas, é, portanto, compreendida como uma etapa do desenvolvimento. Leva-se em conta aqui que as teorias de desenvolvimento são, ao mesmo tempo, produzidas pela cultura e validadas nela.

Percebe-se em diversas culturas e ao longo dos séculos que os fatores universalizantes nos estudos da adolescência são a existência de um marco biológico que inicia transformações no corpo, trazendo o amadurecimento sexual e reprodutivo, e uma transição na mudança de papéis que, ao menos, marca a passagem da infância para a vida adulta (SCHOEN-FERREIRA, AZNAR-FARIAS, 2010). Deve-se levar em consideração o contexto social no qual a adolescência é abordada, como no caso desta pesquisa, que retrata a sociedade ocidental, contemporânea e, mais especificamente, no âmbito brasileiro, em uma cidade do interior, na região sudeste do país.

As pesquisas, culturas e sociedades foram se modificando e atualmente abrangem o período da adolescência para além das transformações do corpo e levam em consideração que,

através dos tempos, o adolescente foi ganhando um lugar na sociedade pelo seu momento de desenvolvimento físico, biológico, psicológico e cognitivo (SCHOEN-FERREIRA, AZNAR-FARIAS, 2010).

A adolescência é iniciada pela puberdade, que é um processo concomitante ao desenvolvimento bio-psico-cognitivo. A puberdade traz, junto às suas transformações corporais, demandas desse novo corpo que não se encaixa nos padrões infantis e nem adultos, a instabilidade de humor e exacerbação das emoções – provocadas pela mudança hormonal – e necessidades de contato e interesse sexual. Entretanto, o fim da puberdade – o amadurecimento sexual e reprodutor – não significa o fim da adolescência, iniciada por ela. De maneira geral, a adolescência é iniciada pela puberdade e as transformações corporais e se conclui através da inserção do indivíduo na sociedade adulta, através da dimensão social, profissional e econômica (FORMIGLI, COSTA & PORTO, 2000 apud SCHOEN-FERREIRA, AZNAR-FARIAS, 2010).

De acordo com Papalia, Olds e Feldman (2006) o fim da adolescência e o ingresso na idade adulta podem ser compreendidos através dos crivos de duas dimensões, sociológica e psicológica: o engajamento em um relacionamento afetivo significativo, casamento, constituição de família; independência financeira, escolha de carreira profissional; e/ou a maturidade cognitiva e emocional, capacidade de pensamento abstrato, hipotético, independência dos pais, construção da identidade, formar relações afetivas. Contudo, afirmam ainda que “[...] algumas pessoas nunca saem da adolescência, não importando sua idade cronológica” (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006, p. 441).

Entretanto, há de se destacar que, diante da atual conjuntura social, os crivos, principalmente sociológicos, sofreram alterações de referências e valores, o que faz com que também se torne mais difícil delinear o fim da adolescência. Uma vez que casar-se e constituir família não é mais um valor totalitário, tampouco a escolha de uma profissão e sua atuação garantem estabilidade e independência financeira, ou mesmo, quando a escolha de profissão se torna flexível diante de uma gama extensa de possibilidades, o trabalho também não garante uma identidade apenas, mas múltiplas. Pode-se dizer que isto é reflexo do que Bauman (2001) diz sobre a liquidez da contemporaneidade na qual se vive a fluidez das referências, o movimento ao invés da consistência, como consequência da evolução sócio-histórica da modernidade, da mudança de valores e da quebra das tradições, em que os valores econômicos e de consumo determinam as relações e as subjetividades individuais. Da mesma maneira, isso é observado nas definições da adolescência contemporânea, bem como Papalia, Olds e Feldman (2006, p.440) concluem,

A puberdade começa mais cedo do que antes, e o ingresso em uma profissão tende a ocorrer mais tarde, pois sociedades complexas exigem períodos mais longos de educação ou de treinamento profissional para que o jovem possa assumir responsabilidades adultas.

Desse modo, com relação à delimitação desse período da vida, de acordo com as organizações da sociedade contemporânea que tentam regulamentar e demarcar esse período – muitas vezes no intuito de promover políticas públicas para esse público –, verifica-se certa dissonância entre essas delimitações, tanto no âmbito mundial quanto nacional: para a Organização das Nações Unidas – ONU e, da mesma forma, a Organização Mundial da Saúde – OMS, a adolescência começa aos 10 anos e termina aos 19 anos, e o período da juventude se amplia de acordo com o contexto de análise e/ou propósito de intervenção, deflagrando uma imprecisão onde a variação oscila ora até os 24 anos, ora até os 29 anos (EISENSTEIN, 2005).

Já no Brasil, o limite estabelecido pelas normativas legais vigentes, respectivamente – Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990) e Política Nacional da Juventude: diretrizes e perspectivas (BRASIL, 2006) – adolescência começa aos 12 e vai até os 18 anos e a juventude vai dos 15 até os 29 anos, enquanto para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2009), a adolescência encontra-se entre os 15 e os 24 anos, apresentando uma subdivisão que indica a fase entre 15 e 17 anos como adolescência e a dos 18 aos 24 anos como juventude (ROMERA, 2008). Sem dúvida, diante do que já foi dito, os fatores que contribuem para categorizar tais faixas são as mudanças físicas, comportamentais, psicológicas e ambientais.

O fato é que temos nesse período um momento importante para o avanço na construção da identidade, da individualidade e da inserção na vida social e produtiva, já que essa é a fase do desenvolvimento humano em que o repertório de vida dos sujeitos se amplia e sua interação social ganha gradativa autonomia pessoal, após um período de vida caracterizado, de maneira geral, pelo estado de dependência dos seus responsáveis.

Contudo, de alguma maneira, em todos os períodos da história do desenvolvimento humano reconhece-se a crise de papéis presente nesse período da vida (SCHOEN-FERREIRA, AZNAR-FARIAS, 2010). Tal crise encontra-se num paralelo com o conceito de crise de identidade da teoria psicossocial de Erikson (1972), uma vez que se percebe a crise de identidade em função da necessidade de se encontrar um papel na sociedade. Ilustrando esse pensamento de Erikson, Hall, Lindzey e Campbell (2000, p.173) ressaltam que “[...] durante adolescência, o indivíduo passa a experienciar um sentido da própria identidade, um sentimento de que é um ser humano único, que está preparado para se encaixar em algum papel significativo na sociedade”.

A crise de identidade, por sua vez, corresponde às demandas intrínsecas e extrínsecas que surgem em favor de todas as transformações e do que se espera de seu papel social, afetivo e efetivo. A crise de identidade delineada por Erikson (1972) traz elementos normativos do desenvolvimento humano na adolescência, orientados pelos elementos sociais, culturais e contemporâneos. Embora esse autor seja afiliado à corrente psicanalítica, influenciado por Ana Freud, valoriza mais os processos da consciência que do inconsciente. Com base nisso, Erikson organiza a teoria do desenvolvimento humano através de etapas psicossociais, ainda que respeite e conserve as fases pautadas nos estágios psicosexuais, ele dá mais ênfase às demandas culturais e sociais para cada etapa do desenvolvimento (MOREIRA, 2000, MARQUES, 2012).

Moreira (2000) destaca que para Erikson existem três prerrogativas básicas, sendo elas: cada indivíduo passa por oito etapas do desenvolvimento, tendo em cada uma delas designada uma tarefa a ser cumprida, advinda de uma crise, e que pode resultar em uma virtude; cada etapa a ser completada está relacionada à uma faixa etária determinada pelas demandas e expectativas sociais e culturais; dessa maneira, considera que quando uma tarefa não é bem realizada em determinado estágio haverá comprometimento na realização das próximas etapas, porém, Erikson reconhece que essa organização não é engessada e que existe a possibilidade de reelaboração e integração dela num próximo estágio.

A partir disso, e para fins deste estudo, destaca-se a quinta idade, que se refere à adolescência, contudo, para sua melhor apreensão, inicialmente apresenta-se todo o ciclo de vida (a partir do quadro abaixo), do nascimento ao idoso, para que se destaque a conexão entre a faixa de vida estudada com as demais.

Quadro-Resumo das Oito Idades de Erikson

Idade	Denominação	Idade aproximada	Virtude	Processo de identificação	Resolução	
					Ritualização (positivo)	Ritualismo (negativo)
1ª	Confiança X Desconfiança	Bebê	Esperança	Individuação e separação	Numiosas	Idolismo
2ª	Autonomia X Dúvida ou vergonha	1ª infância	Vontade	Identidade pessoal	Judiciosas	Legalismo
3ª	Iniciativa X Culpa	2ª infância	Determinação	Identidade sexual	Dramáticas	Moralismo
4ª	Produtividade X Inferioridade	3ª infância	Competência	Identidade social	Formais (Técnicas)	Formalismo
5ª	Confusão de papéis X Identidade na adolescência	Adolescência	Fidelidade	Identidade contínua	Ideológicas	Totalismo

6ª	Intimidade X Isolamento	Juventude	Capacidade de amar	Identidade relacional	Associativa	Elitismo
7ª	Generatividade X Estagnação	Adultice	Capacidade de cuidar	Identidade profissional	Geracionais	Autoritarismo
8ª	Integridade X Desespero, observada na 3ª idade	Idoso	Sabedoria	Identidade Plena	Filosóficas	Dogmatismo

Fonte: (MARQUES, 2012, ERIKSON, 1985, p.32-33 apud HALL, LINDZEY, CAMPBELL, 2000, p.169)

A quinta idade, “Identidade X Confusão de Papéis”, corresponde ao início da fase genital freudiana. A fase genital seguirá presente em todas as demais idades posteriores. Os estudos eriksonianos dão ênfase a essa idade, sobre a qual se encontra maior produção do autor. Nas quatro primeiras idades, diferentes tipos e graus de identificação ocorreram e no momento da adolescência as perguntas referidas à questão da identificação são atualizadas e resumidas na pergunta principal “Quem sou eu? O que quero ser? Sou diferente de meus pais?”, buscando descobrir e diferenciar o que é seu e o que é exterior. Há uma atualização nas transmissões geracionais e são configuradas as marcas de uma nova geração. O adolescente vive mudanças drásticas, tanto orgânicas quanto psíquicas. A segurança que ele precisa para vivenciar positivamente essa idade encontra-se na identidade, na força egóica, que veio sendo constituída até então. Ao final, se ele passa por essa idade de forma satisfatória, espera-se que comece a sentir-se inteiro, coerente, independente e responsável.

Dessa maneira, em *Idade Adulta Jovem*, na conclusão da adolescência o indivíduo alcança uma *definição de identidade*, composta por três elementos: a Identidade Sexual, que corresponde ao desenvolvimento e a definição do papel genital, e a orientação sexual; Identidade Profissional, que indica um elemento forte da constituição de identidade através do papel social que o trabalho lhe proporciona – *sou o que eu faço* – além da subsistência; e Identidade Ideológica que diz respeito à virtude da lealdade, à adoção e formulação de ideologias às quais se afiliar, contribuindo para o processo de evolução social (MOREIRA, 2000).

De acordo com Moreira (2000, p.30), a identidade, para Erikson, é entendida “[...] como processo de construção, que conserva e transforma aquisições da etapa anterior. As fases do desenvolvimento da identidade são marcadas por etapas que se sucedem até que completem o ciclo vital”. E a puberdade é compreendida como o processo que encerra a infância e inicia a próxima fase, a adolescência, que se desenvolve em torno da definição de identidade.

Ainda se tratando dos processos da adolescência, surge a identificação com seus pares e a necessidade expressa de se diferenciar dos adultos, por exemplo, no surgimento do envolvimento ideológico. Ou seja, nesse período ocorre a cisão com os *pais da infância* – o

adolescente rompe com a ideia de que os pais são figuras perfeitas (heróis) e emerge, então, a necessidade de se distinguir dos adultos da família através da adoção de ideologias, muitas vezes contrárias às do núcleo familiar, refletindo um desafio às normas. Esse envolvimento pode levar o adolescente para a identificação positiva como grupo ou ao fanatismo ideológico.

O adolescente, ao ampliar seu repertório de convivência, amplia também a oportunidade de trocas com diversos universos, a sexualidade entra como um elemento contundente no engajamento social que vai para além do seu núcleo familiar, de sua comunidade, que talvez tenha sido mais restrito na infância.

A intimidade sexual/sexualidade na adolescência, para Erikson (1972), é pautada na crise de identidade, responsável por engajamento em novos vínculos e pela descoberta de si. A intimidade é a próxima crise de desenvolvimento vivenciada na *idade jovem adulta*, logo, a crise de identidade antecede a crise da intimidade. A vivência da sexualidade começa na crise da identidade e se prolonga nas próximas crises. Essa ampliação pode trazer ganhos e riscos, na medida em que o indivíduo vivencia suas experimentações.

A escolha aparece como uma possibilidade de liberdade e autonomia, mas também em forma de responsabilidade, a compreensão de que escolhas feitas de forma autônoma acarretam consequências (às vezes imprevisíveis) com as quais o indivíduo terá de lidar. À medida que se compreende, se responsabiliza, o indivíduo dá um passo em direção à maturidade. É nesse momento em que o ser humano ganha a capacidade de se expandir e a oportunidade de se confrontar com novas realidades, trabalhando numa dinâmica dialética de desconstrução e construção chegando, assim, a novas sínteses. A demanda por escolha nessa diversidade pode levar o adolescente à confusão de papéis. Quanto melhor o adolescente tiver resolvido suas crises anteriores, melhor enfrentará essa confusão de papéis e alcançará a estabilidade identitária: ser fiel aos seus propósitos e leal aos seus pares.

A crise de identidade delineada por Erikson (1972) traz elementos normativos do desenvolvimento humano na adolescência, orientados pelos elementos sociais, culturais e contemporâneos. Dessa forma, justifica-se o apoio encontrado nesse texto no marco normativo da crise de identidade, ou seja, embora de formação psicanalista, o modelo proposto pelo teórico considera o campo da antropologia cultural, valorizando o papel da sociedade, do modelo político econômico e de seu potencial ideológico para o desenvolvimento da identidade do jovem. Para melhor ilustrar, o autor afirma que “é o potencial ideológico de uma sociedade que fala mais claramente ao adolescente que está tão ansioso por ser afirmado pelos seus pares, confirmado pelos professores e inspirado por ‘modos de vida’ que valham a pena ser vividos” (ERIKSON, 1972, p. 130).

Essa idade, portanto, relaciona-se com as anteriores e com as seguintes, quando ele expandirá novamente seu mundo para novas experiências com grupos sociais ainda mais amplos e diversificados, o que demandará escolhas com a consciência das consequências de seus atos e planejamento de futuro. Erikson (1972, 1987) destaca a preocupação mórbida com o que os outros pensam de si e observa que esse fenômeno torna-se mais pesado com o fato da antecipação cada vez maior da fase da adolescência na sociedade ocidental. O adolescente deve determinar seu sentido pessoal de identidade ("Quem sou eu?") ou sentir confusão sobre papéis.

Dessa maneira, os riscos que acompanham essa crise de identidade e a oportunidade de explorar novos contextos estão na falta de referência em favor das desconstruções e da apresentação de novos paradigmas. Na busca da autodescoberta e nos questionamentos dos dogmas, leis e regras, as novas experimentações, tanto da sexualidade como das sensações, geram a busca por novas experiências. Dessa forma, o uso de álcool e drogas e comportamentos sexuais de risco podem se configurar em problemas que prejudicam o desenvolvimento biológico, psíquico e social do indivíduo. Visto que este trabalho se norteia na questão de como o adolescente se apresenta hoje diante da questão do álcool, bombardeado por suas questões pessoais e, ao mesmo tempo, as questões contextuais, a próxima seção apresenta um recorte no binômio adolescente & álcool.

3.1.1. Adolescência e álcool

O álcool, sendo a droga de mais fácil acesso ao público em geral, torna-se um elemento, muitas vezes, catalisador de todas as experiências juvenis, permeia diversas esferas sociais, está constantemente relacionado à diversão, a engajamento e sucesso sexual, aos modos/estilos de vida, status, à fuga da realidade, à experimentação de sensações, ao mecanismo de alienação e anestesiamento. O álcool, na sociedade contemporânea, tem assumido o papel de *lubrificante social*, relacionado a uma gama muito extensa de situações e sendo exaltado em seu uso sem limites. Dessa forma, o adolescente, no papel de "alguém" na busca de assimilação, compreensão e intervenção na realidade, vê-se, por vezes, vulnerável à confusão de identidade, entre outros riscos oferecidos pela substância.

Pesquisas recentes constatarem de forma unânime que o álcool é, atualmente, a droga mais usada pelos adolescentes e o consumo tem se iniciado cada vez mais cedo (BRASIL, 2007; IBGE, 2009; MALTA, *et al*, 2011; PADILHA, SILVA, 2011; LARANJEIRA *et al*, 2014). Entre os fatores contribuintes para esse uso precoce abalizam-se a influência de família/amigos e a

crença social de que o álcool não é droga e que seus prejuízos são menores.

Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004, p. 16) acrescentam que os adolescentes têm uma percepção limitada a respeito dos problemas inerentes do consumo de álcool, apresentando dificuldades em dimensionar “a hierarquia dos prejuízos considerados mais graves”. Além disso, conjecturam sobre a ausência dos “freios sociais”, preocupações comuns na vida dos adultos que consomem álcool – como problemas familiares, perda de emprego e prejuízos financeiros – como fator contribuinte para explicar a rápida evolução sofrida pelos adolescentes do abuso para a dependência alcoólica.

Pinsky e Bessa (2004) afirmam que o álcool pode ser eleito uma ferramenta de integração na adolescência, justamente quando a preocupação com a inserção no grupo se torna fundamental. Nesse sentido, uma pesquisa realizada com alunos, com idade entre 14 e 18 anos, de uma escola pública estadual da cidade de São José do Rio Preto/SP, revela que o grupo de pares tem sido um importante fator de risco em relação ao consumo de álcool e drogas. Os resultados da pesquisa ressaltam que entre os adolescentes entrevistados, 84% acreditam na influência dos amigos no consumo de bebida alcoólica e que, em 87% dos relatos, o consumo dessa bebida acontece principalmente na companhia dos amigos, além disso, 84% deles admitiram que pressionaram alguém a consumir álcool em determinada ocasião. Esses dados evidenciam que os estudantes e seu grupo de amigos, de maneira geral, demonstram tolerância e aprovação em relação ao consumo de drogas por seus membros. O que, de certa forma, contribuiu até para implementação do estudo, sendo que ressaltado pela pesquisadora que o “[...]fato de eles considerarem o próprio consumo de bebida alcoólica como algo bonito de se mostrar, contribuiu para que os estudantes participassem da pesquisa de forma interessada e enriqueceu as informações compartilhadas nos diálogos” (SILVA, 2010, p. 77).

Além disso, há outras características dessa fase que preocupam os pesquisadores:

Alguns riscos são mais frequentes nesta etapa do desenvolvimento, pois expressam características próprias desta etapa, como o desafio a regras e a onipotência. O adolescente acredita estar magicamente protegido de acidentes, por exemplo, e também se sente mais autônomo na transgressão, envolvendo-se, assim, em situações de maior risco, por muitas vezes com consequências mais graves (PECHANSKY, SZOBOT, SCIVOLETTO, 2004, p. 16).

Trabalhos recentes sobre as representações sociais dos adolescentes frente ao consumo de álcool realizados no Brasil afirmam que, para eles, o consumo está associado a fatores como diversão, prazer e relaxamento, busca de novas experiências, independência, conflitos familiares, fuga da realidade, significando “um modo de não pensar nos problemas”. Os

adolescentes declararam também que o álcool favorece a socialização e aceitação do grupo de pares. Também aparece a tendência ao uso abusivo, aumentando o risco de uso associado de drogas (PADILHA; SILVA, 2011, p.1063; SILVA *et al*, 2012).

Outro estudo com esse perfil, realizado com jovens de área urbana de um estado da Região Nordeste, descreve que o uso de bebidas alcoólicas está relacionado a ritos de passagem para a vida adulta, designado como elemento que os torna mais próximos do comportamento adulto, além de fatores como autodeterminação, atitude desafiadora, atuando como elemento de agregação social (SOUZA, 2009).

Souza (2009) aloca o uso de bebidas alcoólicas ao nível de capital simbólico para a vida dos adolescentes, de maneira a potencializar e legitimar uma atitude de coragem e comportamentos de disputa de força, através de indicadores de “quem é mais resistente”, “quem é mais forte”, diante do consumo de álcool. A autora critica e aponta contradições entre o contexto social – que privilegia a identidade e a capacidade individual de *vencer na vida* – e o discurso da prevenção – que, por vezes, tende a informar aos adolescentes, de maneira inadequada e irreal, sobre os danos do uso de álcool.

Outra questão demonstrada pelos estudos é a importância da relação com a família como parâmetros para os jovens avaliarem se sua adolescência está sendo boa ou ruim, e isso também tem ligação com o consumo de bebidas alcólicas nessa fase. De acordo com Silva *et al* (2012, p. 138) “[...] é nesse cenário, atrelado aos conflitos com os pais, que surge o consumo de bebidas alcólicas pelos adolescentes”.

O I Levantamento Nacional Sobre os Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira enfatiza que os adolescentes, pertencentes à faixa-etária pesquisada (de 14 a 17 anos), estão vivendo a transição da dependência dos pais para autonomia e independência, estando na fase de vida que mais necessitam de apoio e, ao mesmo tempo, é o momento em que mais desafiam os pais e sua ajuda (LANJEIRA *et al*, 2007).

Nesse sentido, os dados contabilizados, pelo do IBGE (2009) – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – sobre saúde nas escolas, corroboram essa questão ao revelar que 93% responderam que seus pais se importariam muito caso chegassem em casa bêbados. O estudo ainda aponta a presença dos pais e seu envolvimento com a vida escolar dos filhos como fatores de proteção para o uso precoce de drogas.

Todavia, as pesquisas têm evidenciado que os principais lugares de acesso ao álcool são ambientes, por vezes, familiares, além de festas, bares e lojas. É comum o primeiro contato acontecer na presença da família e ainda, não é infrequente a presença de bebidas alcoólicas em festas de adolescentes (PECHANSKY, SZOBOT, SCIVOLETTO, 2004; LANJEIRA *et al*,

2007; SILVA *et al*, 2012). De acordo com isso, Zalaf e Fonseca (2009, apud SILVA, *et al*, 2012, p. 130) observam que o álcool se faz presente na vida dos adolescentes, sobretudo em festas onde o acesso é favorecido, oportunizando o consumo tanto por parte dos que já são usuários, quanto daqueles que ainda não iniciaram o uso. Os autores alertam que “tais condições propiciam o acesso àqueles adolescentes com menos aparato preventivo”.

Além de questões subjetivas e peculiares da vida dos adolescentes, suas famílias e grupo de pares, existem fatores mais amplos que contribuem para o consumo de álcool entre adolescentes. Tem-se que o consumo precoce de bebidas alcoólicas e, portanto, abuso de álcool por jovens, é um problema da sociedade como um todo. Há toda uma trama por trás de tal problema, pois mesmo que haja políticas-públicas para se evitar essa problemática elas precisam ser postas em prática e fiscalizadas seriamente todos os dias. Não é desconhecido o fato de que álcool é uma droga de fácil acesso, contando com baixo custo, diversos locais de venda e em horários impróprios e desrespeito à proibição de venda para menores por parte dos comerciantes. Dessa maneira vê-se a contradição social que circunda o fenômeno álcool, uma vez que, embora proibido pela legislação brasileira a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos, efetiva-se uma prática habitual o consumo por parte deles facilitado em diversos ambientes (PINKSY, 2009; PECHANSKY, SZOBOT, SCIVOLETO, 2012).

Podemos elencar ainda o impacto da publicidade. Pechansky, Szobot e Scivoletto (2012, p.1) apontam para as atitudes paradoxais em relação ao uso do álcool na juventude que: “[...] por um lado, condena o abuso de álcool pelos jovens, mas é tipicamente permissiva ao estímulo do consumo por meio da propaganda”. Como já pontuado neste trabalho, a mídia e publicidade exercem forte efeito sobre o consumo e a maneira de se comportar na sociedade, assim sendo, vale lembrar que seus efeitos com relação ao uso de álcool estão em: reforçar atitude pró-álcool; incentivar o aumento de consumo por quem já bebe; influenciar a percepção dos jovens sobre o álcool e as normas de beber; o que predispõe os adolescentes a consumir muito antes de atingirem a maioridade.

Diante disso, para melhor ilustrar, procede-se ao delineamento do perfil de padrões de consumo de álcool no Brasil, considerando os dados de levantamentos tanto nacionais como internacionais. Destaca-se que, de acordo com os dados publicados pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2014) no último Relatório Mundial sobre álcool e saúde, considera-se apenas o público maior de 15 anos, não havendo distinção peculiar entre adolescentes e adultos.

A média mundial de consumo per capita calculada é de 6,2 litros de álcool puro por ano, que equivale a 13,5 gramas de álcool puro por dia. Entretanto, ao considerar que apenas 38,3%, menos da metade da população mundial, realmente bebe, esse número aumenta para 17 litros

de álcool puro consumido por ano por aqueles que declaram consumir bebidas alcoólicas (WHO, 2014).

Diante desses fatores, destaca-se o volume médio *per capita*, ou seja, volume médio consumido por pessoa, em um número de habitantes de determinada população, como elemento de avaliação do impacto do consumo de álcool e da dimensão de exposição à droga (MELONI & LARANJEIRA, 2004). No país, os dados apontam que o consumo médio anual do brasileiro é de 8,7 litros de álcool per capita, mais elevado que a média mundial global, apresentada acima. Entretanto, considerando apenas os bebedores, esse índice sobe para 15,1 litros de álcool puro por pessoa em um ano (WHO, 2014).

Esse perfil é corroborado pelo LENAD II (Levantamento Nacional de Álcool e Drogas) realizado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD) da UNIFESP em um estudo longitudinal entre 2006 e 2012⁷. No Brasil, em 2012, a prevalência de pessoas que consomem bebidas alcoólicas na população é representada por cerca de 50%. Destacando a diferença entre sexos, a proporção de bebedores entre os homens é 1,6 vezes maior que entre as mulheres não abstinente, embora o estudo aponte crescente consumo nocivo entre as mulheres que bebem (LARANJEIRA, *et al* 2014).

Os autores destacam que, embora não seja apresentada mudança significativa desde o último levantamento sobre a quantidade de bebedores e abstinente (proporção de abstinente subiu de 48% do total da população em 2006 para 50% em 2012), é possível observar mudanças expressivas na forma e na quantidade de consumo, o que indica um aumento do uso frequente e nocivo de álcool. Em relação aos adolescentes de 14 a 17 anos, faixa-etária considerada pelo estudo, diferentemente dos adultos, nota-se um aumento mais expressivo da proporção de abstinente, ou seja, daqueles que não consumiram nenhuma bebida alcoólica nos últimos 12 meses – passando de 66% em 2006 para 74% em 2012. E assim, como observado em 2006, diferentemente da população de adultos, a prevalência de bebedores não difere entre meninos e meninas de maneira significativa, tendo em 2012 74% de meninos abstinente e 75% de meninas na mesma condição (LARANJEIRA *et al* 2014).

O estudo ainda destaca que, embora tenha havido pequena queda do consumo de 5 doses ou mais em uma ocasião regular entre os meninos que bebem, passando de 31% em 2006 para 24% em 2012, o quadro das meninas que têm bebido dessa maneira aumentou significativamente, passando de 11% em 2006 para 20% em 2012, crescimento de 9 pontos percentuais – observa-se que essa já é uma quantidade que ultrapassa as recomendações da

⁷ Para ter acesso ao dados de maneira mais completa recomenda-se acessar o estudo na íntegra através do endereço: <www.inpad.org.br/lenad>

OMS e NIAAA para adultos (ANDRADE & OLIVEIRA, 2009; SILVEIRA, 2011), podendo ser considerada abuso, já que se trata de adolescentes, e seu organismo em desenvolvimento é mais vulnerável aos efeitos do álcool.

Com relação à idade de consolidação do consumo, cresceu significativamente o número de meninas que declararam ter começado a beber regularmente até os 15 anos, a proporção era de 69% em 2006 e passou para 74% em 2012 (LARANJEIRA, *et al* 2014). Isso leva a destacar que há uma questão de gênero que merece maior atenção, pois as últimas pesquisas relevam que as meninas têm começado a experimentar e até a beber regularmente mais cedo que os meninos (BRASIL, 2012; ACSELRAD *et al*, 2012; LARANJEIRA, *et al* 2014).

Os dados do I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira, de 2007, destacaram que em relação ao beber em *binge*, os adolescentes apresentaram altas taxas, com 21% dos meninos e 12% das meninas (LANJEIRA *et al*, 2007). Embora, como mencionado anteriormente, os adolescentes também apresentem um crescimento na taxa de abstinência, ocorre uma situação na qual os que bebem têm a tendência a beber de uma forma problemática. São raros os que conseguem beber pouco e com baixa frequência (LANJEIRA *et al*, 2007; LARANJEIRA, *et al* 2014).

Em um comparativo com a população adulta, com relação ao consumo em *Binge Drinking*, houve aumento de 13 pontos percentuais na prevalência da população de bebedores nesse período. Entre os não abstinentes que declararam ter bebido em excesso em pelo menos um episódio nos últimos 12 meses, o percentual subiu de 45% em 2006, para 58% em 2012. Segundo o levantamento, os índices relativos às mulheres aumentaram ainda mais, variando de 34% para 48%, representando um aumento de 14 pontos percentuais (LARANJEIRA, *et al* 2014).

Em informação complementar, no ano de 2010, a OMS registrou que 12,7% da população geral afirmaram ter bebido em *binge*, considerando o critério de consumo de 60g ou mais de álcool puro num único episódio nos últimos 30 dias. Contudo, ao se observar a ocorrência apenas entre os que se afirmam não abstêmios, esse número sobe para 22,1% de consumidores que vivenciaram episódios de consumo abusivo. O *beber pesado episódico*, é o padrão que mais preocupa a OMS, por ser um comportamento de alto risco para os indivíduos, podendo resultar em morte por intoxicação, acidentes e violência. No Brasil a taxa de pessoas que declaram beber de forma exagerada em pelo menos alguma ocasião representa um terço da população que bebe (WHO, 2014).

Dessa maneira, o I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira realça que o “beber com maior risco em um curto espaço de tempo”, ou o

beber em *binge*, tem sido uma prática que oferece risco especial para os adolescentes, que, estando em fase de desenvolvimento, ficam expostos a uma série de problemas sociais e de saúde. Ainda aponta, entre as temeridades, os acidentes de trânsito como o evento mais comum e com consequências mais graves, e o envolvimento em brigas, vandalismo e a prática sexual de risco (sem camisinha e/ou sem consentimento) (LANJEIRA *et al*, 2007, p. 45).

Portanto, o uso/abuso de álcool está cada vez mais frequentemente associado a uma série de comportamentos de risco, que ocasionam prejuízos no desenvolvimento e estruturação das habilidades cognitivo-comportamentais, detrimientos emocionais e aumento de risco de dependência futura. Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004, p.14) elencam uma série de riscos e danos que melhor ilustram o quão delicado é a questão do consumo de álcool por pessoas em fase de desenvolvimento, crianças e adolescentes:

O uso de álcool por adolescentes está fortemente associado à morte violenta, queda no desempenho escolar, dificuldades de aprendizado, prejuízo no desenvolvimento e estruturação das habilidades cognitivo-comportamentais e emocionais do jovem. O consumo de álcool causa modificações neuroquímicas, com prejuízos na memória, aprendizado e controle dos impulsos.

Posto isso, fazem-se prementes investimentos na prevenção, além de medidas sociopolíticas e econômicas.

Entretanto, as ações de prevenção, em qualquer âmbito, possibilitam que se evite a eclosão de focos de violações de direitos, através de programas, projetos e campanhas que subsidiem a sociedade, as comunidades e as famílias para uma gradativa transformação cultural em relação às posturas que favoreçam o desenvolvimento saudável das crianças e dos adolescentes e contribuam para a promoção de seus direitos humanos. Tais ações objetivam, ainda, a identificação precoce das circunstâncias de risco, assim como a interrupção das situações já deflagradas em uma perspectiva de resgate do bem-estar físico e emocional dos indivíduos envolvidos nessas dinâmicas.

É imperativo que as ações de responsabilidade social estejam alinhadas com as normativas técnicas e legais, atentas ao enquadramento da legislação local. Vale citar aqui, o item da resolução em questão que trata dos objetivos das ações de Prevenção - Resolução N°3/GSIPR/CH/CONAD, 2005:

1.1.3 As ações preventivas devem ser pautadas em princípios éticos e pluralidade cultural, orientando-se para a promoção de valores voltados à saúde física e mental, individual e coletiva, ao bem-estar, à integração socioeconômica e a valorização das relações familiares, considerando seus diferentes modelos.

Pode-se, então, afirmar que as práticas de prevenção devem se alinhar e engendrar representações que levem em consideração a dinâmica da relação com o contexto sócio-histórico-cultural dos indivíduos e aos grupos nos quais estão inseridos. Atuando nessa perspectiva, as atividades preventivas devem corroborar suas práticas em novos modos de se relacionar com o fenômeno em questão. Nessa perspectiva, Souza (2009) reforça que os adolescentes percebem os riscos envolvidos no uso/abuso de álcool, entretanto, seu comportamento precisa ser compreendido à luz de questões que vão além do conceito de vulnerabilidade e que incluam as dimensões históricas e culturais dos grupos populacionais e o papel da bebida nesses contextos.

Dessa forma, a compreensão das representações dos adolescentes sobre a questão favorece conhecer o entendimento que eles têm sobre esse objeto psicossocial no seu cotidiano, e, por sua vez, como elas influenciam suas práticas (PADILHA; SILVA, 2011). Destacando, assim, a necessidade de se desvelar o universo do uso de álcool, centrado na narrativa dos adolescentes para poder compreender suas atitudes e comportamentos adotados frente à droga e patrocinar ações que permitam esclarecer falsos conceitos ou crenças dos jovens e prevenir e/ou reduzir o consumo de álcool por eles. No capítulo seguinte, aprofundaremos a questão da narrativa e subjetividade do adolescente na busca de novos elementos para esta empreitada.

4. METODOLOGIA

Este capítulo apresenta o design metodológico utilizado na pesquisa. Trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa, que utiliza a análise narrativa das entrevistas realizadas a dois adolescentes sobre o uso abusivo de álcool na adolescência.

4.1. OBJETIVOS

4.1.1. Objetivo geral

Verificar se o uso abusivo do álcool relaciona-se ao glamour na sociedade atual sob o ponto de vista do adolescente.

4.1.2. Objetivos específicos

- 4.1.2.1. Investigar o que o adolescente narra a respeito do uso abusivo do álcool na adolescência perpassando questões pessoais e contextuais.
- 4.1.2.2. Verificar como o discurso canônico encontrado na mídia social, principalmente propagandas televisivas e música popular, sobre o uso álcool, se presentifica na narrativa do adolescente;

4.2. SUJEITOS DA PESQUISA

Um dos pré-requisitos para a escolha dos sujeitos da pesquisa foi ter 18 anos, por essa idade estar de acordo com a descrição de idade da Política Nacional da Juventude (BRASIL, 2006) e do IBGE (2009). Além disso, pela idade, já teriam oportunidade de vivenciar e entrar em eventos com liberação do álcool. Decidiu-se trabalhar com um representante do sexo masculino e um do sexo feminino. Na seleção, o primeiro corte se deu pelas duas características citadas.

Os sujeitos escolhidos tinham como característica comum cursar o terceiro ano do Ensino Médio. Em relação ao álcool, um não bebia e outro já bebera muito, mas atualmente bebia de forma controlada, socialmente.

Os participantes foram selecionados e contatados pela pesquisadora através da escola em que estudam. A direção da escola já era conhecida pela pesquisadora, em função dos

trabalhos e palestras, sendo então, uma escola parceira de longa data de projetos e trabalhos conjuntos, o que facilitou o acesso aos potenciais candidatos a participante.

Além disso, o critério que baseou a escolha da escola e seleção dos participantes foi o fato de a escola e os alunos que a frequentam se localizarem no centro da cidade, e por ser uma escola pública regular, dessa maneira, alcançar-se-ia um público regular para o desenvolvimento da pesquisa. Não se pretendia nesse trabalho, alcançar nenhum público com viés específico além da fase de desenvolvimento em questão. A proposta era alcançar adolescentes que têm acesso às atividades e ambientes e à cultura, de maneira geral, que um jovem de classe média acessa. No caso, jovens de classe média de uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro, com poucos recursos socioculturais e escassez de ações e políticas-públicas voltadas para a juventude.

O contato com os sujeitos da pesquisa foi, a princípio, mediado pela diretora pedagógica da escola que apontou os adolescentes que já haviam alcançado a maioridade e que poderiam se interessar em participar da pesquisa. A partir desse contato inicial, dois adolescentes se dispuseram a participar das entrevistas diante do que lhes foi exposto. Assim, que se apresentaram e compreenderam a proposta da pesquisa, um dos participantes, a garota, declarou: “somos perfeitos para sua pesquisa, porque ele bebe – disse apontando para o colega – e eu não” (SIC).

Será, agora, apresentada uma descrição dos participantes com nomes fictícios para que se mantenha o sigilo sobre suas identidades.

O primeiro participante entrevistado foi um rapaz de dezoito anos de idade, Miguel, aluno do terceiro ano do ensino médio. Reside no centro, nas imediações da escola, aparentemente seu perfil socioeconômico é de classe média, não relatou ter irmãos e parece que sua família tem uma situação econômica regular, atualmente pratica esportes e frequenta a igreja protestante. Miguel afirmou em entrevista que consome bebidas alcoólicas, mas que hoje menos que em outro momento da vida. O adolescente apresenta uma trajetória de vida peculiar, relatando que desde muito cedo – sete anos de idade – teve liberdade para andar sozinho, morou em cidades grandes e tinha a oportunidade de frequentar e se associar a ambientes com adolescentes mais velhos. O entrevistado não especifica muito, mas deu a entender que já foi usuário de outras drogas. Declarou que atualmente só consome álcool e de maneira moderada.

A outra participante, uma garota, Rebeca, de dezoito anos de idade, também estudante do terceiro ano do ensino médio, mora em um bairro próximo ao centro da cidade. Seu nível socioeconômico é de classe média, diz ter apenas um irmão mais novo, sua família aparenta ter uma situação financeira estável, frequenta a igreja (não menciona a religião) e estuda em curso

pré-vestibular. Rebeca relatou não ter muitos amigos, e ser muito ligada a família e ao namorado. Ao se apresentar, uma das primeiras coisas que disse foi a respeito do seu desejo de prestar vestibular para medicina veterinária. Declara não consumir bebidas alcoólicas, embora já tenha experimentado.

4.3. ENTREVISTA

A entrevista é uma técnica de coleta de dados, que consiste em abordar diretamente o participante de pesquisa e dirigir-lhe perguntas a respeito da temática/assunto/opinião em questão, que contribua com o objetivo de pesquisa do entrevistador. Embora seja uma comunicação, a entrevista é diferente de uma conversa dada a divisão de papéis entre entrevistador e entrevistado. No sentido em que, numa conversa a comunicação é informal, na qual acontece troca de informações/opiniões, e em uma entrevista, o entrevistador não tem a intenção de informar ou se expressar sobre os assuntos abordados e sim coletar o ponto de vista e informações do entrevistado (MORRISON, 2010). Macedo e Carrasco (2005, p.6) propõem pensar a “entrevista como o recurso de ‘escutar’ o outro, tanto na especificidade como na finalidade de cada encontro”. A entrevista pode ser utilizada por diferentes profissionais, contudo no caso do uso pelo psicólogo, este é um procedimento basicamente

[...] com o objetivo de conhecer, de buscar dados para intervir em uma dada situação, entendendo-se esta intervenção sempre determinada pela especificidade de cada situação. A entrevista tem por finalidade fazer um levantamento de informações que possibilite relacionar eventos e experiências, fazer inferências, e estabelecer conclusões e tomar decisões (TAVARES, 2000; CRAIG, 1991 *apud* MACEDO & CARRASCO, 2005, p. 21).

Existem diferentes tipos de entrevistas, como existem diversas técnicas que dão suporte a cada tipo de abordagem. Entre elas estão: a entrevista dirigida, a semidirigida e a livre, que se valem de técnicas mais diretivas a posturas mais passivas, como por exemplo, o uso do silêncio, da clarificação, da repetição, etc. Associada à entrevista, utiliza-se a observação. Lodi (1991) ressalta que

Durante a entrevista, a observação é empregada de diversas maneiras: a) para observar a vida do entrevistado em seu ambiente natural e em sua interação com seus familiares ou pessoas de trato cotidiano; b) para notar como reage às perguntas, seu tom de voz, as hesitações e as atitudes para com o entrevistador; c) para observar se o entrevistado age realmente como diz ao entrevistado (LODI, 1991, p. 14).

A observação pode ser tanto de primeira ordem quanto de segunda ordem (MARQUES, 2005). Na observação de primeira ordem há um registro do que é percebido diretamente na relação entrevistador-entrevistado e seu contexto, não apenas os comportamentos visíveis, mas as emoções e intenções do entrevistado intuídas pelo entrevistador. Na observação de segunda ordem, o entrevistador assume um distanciamento e observa a si mesmo como outrem nesta mesma relação. Da mesma forma que a perspectiva anterior, portanto, observa-se o comportamento aparente, as dissonâncias e as mensagens subliminares, agora não apenas do entrevistado, mas do próprio entrevistador. Nesta segunda perspectiva, busca-se perceber também o impacto deste encontro para ambos, com destaque para a presença do observador, no caso, o entrevistador no entrevistado.

Outra questão que se difere é a forma de análise e tratamento dos dados, que se direciona a partir da postura epistemológica que orienta o pesquisador. Este trabalho se pauta na postura hermenêutica, que corresponde à interpretação do que é apresentado pelo entrevistado, acolhendo o que é oferecido, de forma a não recorrer à verificação de “veracidade”, mas interpretar e compreender o que foi escolhido ser dito ou não. Utiliza-se a análise narrativa que se assemelha à análise de conteúdo de Bardin (2006 [1977]) pela valorização dos dados apresentados pelo entrevistado e pelas atividades sequenciais. Contudo, difere-se por valorizar além do conteúdo explícito, o conteúdo implícito, não dito, e dirigir o olhar não apenas para o entrevistado, mas também para o entrevistador. A análise narrativa vai para além da produção oral e considera toda forma de expressão do pensamento, desde a plástica na qualidade de interação homem ambiente e homem-homem, até os silêncios e os atos falhos (MARQUES; SATRIANO, 2014). Os dados são obtidos e organizados a partir da coleta na interação com o entrevistado, buscando indicadores do pensamento lógico-científico e do pensamento narrativo. O encontro que ocorre na entrevista provoca uma mútua influência tanto no entrevistado quanto no entrevistador, e estes dados são registrados, no caso do entrevistado, a partir das transcrições literais com descrições contextuais e comportamentais; no caso do entrevistador, a partir do diário de campo com autoavaliação (MARQUES; SATRIANO, 2014).

Os indicadores de análise que compõem as categorias podem ser delineados antes e/ou depois da entrevista: categorias a priori - relacionados aos objetivos específicos traçados e às expectativas advindas da revisão teórica ou da observação empírica; categorias a posteriori - relacionadas à frequência, intensidade, ruptura da canocidade/expectativa inicial (MARQUES, SATRIANO, 2014).

As etapas da análise narrativa seguem da seguinte formas: no primeiro momento da entrevista o entrevistador mergulha em suas próprias percepções e expectativas. A seguir, ele

repassa toda a entrevista de modo a perceber a cena como observação de segunda ordem, olhando para o entrevistador como outra pessoa em interação com o entrevistado. Do mesmo modo que Bardin (2006[1977]) na análise de conteúdo, neste primeiro contato, o entrevistador repassa toda a entrevista numa posição de escuta livre, chamada pela autora de *leitura flutuante* e denominada por Marques (2005) de *olhar fluido*. Nele busca perceber indicadores das categorias prévias ou que se delineiam como categorias posteriores. A subjetividade do entrevistador está presente no contato com a subjetividade do entrevistado, e isto pode ser alimentado através das tramas elaboradas no entrecruzamento entre a transcrição e o registro no diário de campo. Além do dito, o não dito emerge nesta análise. Perguntas podem ser formuladas, assim como discussões teóricas ou comentários de impressões pessoais podem ser anotados para serem posteriormente refletidos pelo pesquisador (MARQUES; SATRIANO, 2014).

Os dados passam, então, a ser organizados pelos blocos que se formam, o primeiro exercício é nomear estas categorias e escrever um pequeno texto que justifique o bloco formado. Verifica-se se a tabela inicial criada sobre os resultados esperados consegue alimentar a discussão teórica dos dados finais. Quando há a observação de dados novos que justifica a formação de categorias posteriores, é comum necessitar a ampliação da discussão teórica. Estes dados são novamente reorganizados agora compondo um novo quadro com as categorias prévias e as posteriores, que valorizam o pensamento lógico científico e o pensamento narrativo, lógica linear e não linear, respectivamente (MARQUES; SATRIANO, 2014).

Nesta pesquisa foram realizadas entrevistas semi-abertas, registradas em vídeo, com duração média de 40 minutos. As entrevistas seguiram uma estrutura simples, básica. Os principais tópicos seguiram os objetivos geral e específicos da pesquisa, com perguntas abertas e não diretivas para que escolha do que seria enunciado fosse do entrevistado – uma vez que a análise narrativa considera também as ausências, o não dito. Foi incentivada a fala livre, explorando a partir da narrativa os tópicos que interessavam a entrevistadora, buscando esclarecer as ideias logo a seguir. Dessa maneira, usaram-se as técnicas da repetição e clarificação, que consistem em, a cada resposta do entrevistado, fazer uma revisão do que foi falado por ele, elaborando a partir de suas palavras novas perguntas no intuito de se aprofundar mais em alguns tópicos que foram trazidos por ele e também alcançar temas de interesse do entrevistador.

É importante salientar que, ao se utilizar dessas técnicas – embora, se dê abertura para que o entrevistado fale livremente – o núcleo temático proposto e já acordado com o entrevistado seja respeitado, no caso da presente pesquisa, o cotidiano dos adolescentes, suas

opções de diversão e como isso se relaciona com o uso de álcool.

Para que as perguntas não sejam tão diretivas, ou no caso de o entrevistado não abordar o tema da entrevista, usa-se fazer perguntas mais amplas, porém que cerquem o tema, e após a conclusão das respostas, demonstrar que compreendeu e prestou atenção nas falas clarificando o que foi dito e enunciando algum tópico que não ficou claro ou não foi dito pelo entrevistado, sempre se resguardando de ser sutil, utilizando as próprias palavras do entrevistado e ainda cuidando para não induzi-lo. Por exemplo: ao invés de perguntar se o adolescente bebe, propõe-se perguntar como é seu cotidiano, sobre sua rotina, que coisas gostam de fazer para se divertir. Ou ainda, sendo menos diretivo, perguntar o que “os adolescentes” gostam de fazer para se divertir e explorar a partir do que for apresentado.

Ao final da entrevista recomenda-se fazer uma revisão do que foi conversado e dar a oportunidade de o entrevistado acrescentar algo que ache pertinente. Dessa forma, as entrevistas foram transcritas integralmente, incluindo as observações e mensagens subliminares, e a auto-observação.

4.4. PROCEDIMENTO

- 1) Delineamento da pesquisa e aprovação do Comitê de Ética, processo nº 23083.003980/2014-39. Adequação da pesquisa após a qualificação, com foco na relação adolescência e abuso de álcool.
- 2) Contato com participantes de pesquisa e assinatura do TCLE
- 3) Realização e gravação em vídeo da entrevista
- 4) Transcrição literal
- 5) Categorização e análise

4.5. ANÁLISE DE RESULTADOS

Como alcançar o adolescente por ele mesmo e quebrar uma visão pré-formada desta pessoa? Como capturar seu modo de ver o mundo e a si mesmo? As teorias do desenvolvimento no seu sentido estrito, nomotético, podem anular sua subjetividade em nome de um caráter universal. Criticando o pensamento linear e categorizante, propomos na análise narrativa a possibilidade de seguir o ritmo e o movimento do autor, no caso, do adolescente. Seu processo de ser é uma construção que se dá na interação com o mundo, com a cultura e com sua própria trajetória. Neste sentido, Oliveira, Rego e Aquino (2006) fortalecem este argumento no trecho

a seguir:

Em vez de mostrar eventos psicológicos como sendo bem dirigidos e progressivos, a análise dos dados evidencia que o desenvolvimento deve ser entendido como um processo que inclui, simultaneamente, avanços e retrocessos, bem como ambiguidades, rupturas e descontinuidades (OLIVEIRA; REGO, AQUINO, 2006, p. 119).

A análise de dados seguirá basicamente as categorias prévias que despontam das narrativas adolescentes, relacionadas aos objetivos específicos. São elas: 1) analisar os argumentos adolescentes sobre o uso abusivo de álcool; 2) análise da canocidade presente nas narrativas adolescentes relacionadas às mídias e cultura.

4.5.1. Narrativas adolescentes sobre uso abusivo do álcool

Nesta categoria será abordada a maneira que os adolescentes descrevem a relação entre adolescência e álcool. Buscar-se-á investigar as questões pessoais e contextuais que influenciam a aproximação e o uso abusivo do álcool pelo adolescente. Serão verificados indícios de canocidade e rupturas sobre esta temática.

4.5.2. Influência canônica na narrativa adolescente

Nesta categoria será abordada a questão da influência do contexto sociocultural na constituição identitária do adolescente. A influência canônica, presente na mídia, pode ser explícita ou não no comportamento adolescente, e da mesma forma, aparecer na narrativa de modo claro ou não. Os dados serão agrupados em três conjuntos propagados canonicamente: as características adolescentes; o valor do álcool nas interações sociais; e a norma relacionada ao álcool e à adolescência.

É importante salientar que possivelmente haverá repetições nas exposições e análises dos trechos de falas destacados. Isso ocorrerá toda vez que se fizer necessário, uma vez que um mesmo trecho pode ilustrar diversas análises e situações correspondentes às categorias de análise e seus subitens. As falas dos entrevistados estarão em destaque entre aspas quando forem mencionadas dentro dos parágrafos ou terão destaque em citações maiores. Nestas citações, quando necessário, as perguntas da entrevistadora estarão dentro de colchetes e as observações comportamentais dos entrevistados entre parênteses.

GLAMOURIZAÇÃO DO ÁLCOOL NA ADOLESCÊNCIA

Para iniciar nossa análise, cabe lembrar que o foco de pesquisa não está no adolescente alcoolista e sim nas narrativas adolescentes sobre o abuso do álcool, que está mais próximo ao comportamento do *Binge Drinking*, anterior ao estágio do alcoolismo. Tendo em vista que o trabalho parte de um ponto de vista da promoção de saúde e/ou redução de danos.

O pensamento crítico advém contra a canocidade e a alienação. A partir de seu exercício abre-se a possibilidade para a ruptura da reprodução social dos valores hegemônicos, muitas vezes excludentes e classistas.

A quantidade de informações e sua velocidade funcionam como obstáculo para o exercício da contemplação e da reflexão. É mais fácil “entrar na onda”, apaixonar-se por uma ideia do que posicionar-se criticamente frente a ela. A capacidade crítica não é mero fruto de uma maturidade biológica.

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano fundamental para a constituição da identidade. Comumente este momento está marcado de perguntas, dúvidas, conflitos, descobertas, questionamentos. Fatores internos e externos influenciam esta vivência. Nos fatores externos destacam-se a cultura e a pressão social. Nos fatores internos destacam-se o questionamento pessoal sobre si e o sentimento de pertencimento. De que forma estes aspectos conectam a adolescência e o álcool? Será que frente a estes aspectos seriam encontrados indicadores da glamorização do álcool na narrativa adolescente?

Estes fatores serão analisados a partir do resultado obtido na narrativa dos dois adolescentes entrevistados. A análise está dividida em duas categorias: i) Narrativas adolescentes sobre uso abusivo do álcool e, ii) Influência canônica na narrativa adolescente.

4.6. NARRATIVAS ADOLESCENTES SOBRE USO ABUSIVO DO ÁLCOOL

Neste tópico será explorada a narrativa do adolescente sobre si próprio em relação à temática. Tendo como eixo a construção da identidade do adolescente descrita pela Teoria Psicossocial de Erikson (1972), os dados destacados estão ligados à: i) crise de identidade e; ii) âmago do indivíduo X cultura coletiva. Ambos estão conectados à autorreflexão crítica sobre

fatores, internos e externos, intervenientes no processo. Serão investigados aspectos apontados às questões pessoais e contextuais, verificando os movimentos de reprodução do pensamento hegemônico e os de ruptura.

É importante ressaltar que esta divisão é meramente didática e está a serviço de uma melhor compreensão do eixo proposto – a construção da identidade do adolescente – transcorrido pelo consumo e abuso de álcool nessa fase.

Embora consideremos que não exista uma posição nomotética de periodização, percebe-se que características biológicas, psicológicas e sociais são atualizadas na interação com o contexto social e espaçotemporal.

Em ambas as narrativas dos dois entrevistados aparecem com destaque a importância da influência familiar no processo de constituição da identidade. Erikson (1972) delinea a Quinta Idade do Homem: conflito de papéis X identidade na adolescência. O canal de comunicação entre a família e o adolescente interfere na forma como este vivenciará tal processo. Famílias rígidas, tipo “nada pode”, ou famílias permissivas, “tudo pode”, dificultam o movimento de ampliação social do adolescente e seu processo de autonomia (CALIL, 1987). Não existem regras fixas, cada grupo social se organiza conforme sua história, seus elementos, sua herança transgeracional; necessita-se negociação constante, contudo e fica claro o impacto de todos esses elementos sobre o adolescente.

Neste sentido, cada qual com sua especificidade, os entrevistados relacionam seu processo de subjetivação com a relação familiar e posteriormente debatem sobre a possível influência de conflitos familiares sobre a escolha adolescente pelo uso abusivo do álcool. Rebeca descreve uma família mais tradicional e Miguel uma família mais liberal.

Meu pai, moro com meu pai e com minha mãe, eu tenho um irmão de nove anos, e... eu namoro, há 8 meses. E... eu priorizo muito a família em si, os amigos também, eu tenho amigos, são poucos, porque eu sou difícil, uma pessoa difícil de lidar, e não sou muito de fazer muita amizade e... acho que é isso que eu tenho pra falar (sorriso tímido)... Gosto muito de cavalo, gosto muito assim de natureza, essas coisas. (Rebeca).

Eu fui para lá com sete anos. Morei, vamos supor, não sei direito. Morei nove anos em Juiz de Fora, fui para lá com sete anos. Não sabia que tinha tanta coisa assim para fazer. Aí lá fui conhecendo, fui parar logo em uma escola enorme, muita gente diferente. Tipo, muita coisa diferente, e lá comecei a sair, descobrir as coisas com sete anos. Aí foi quando tive experiências que nunca imaginei ter, frequentei lugares que nunca imaginei frequentar. Mas, é... meus pais sempre falaram que você: “Eu não te proíbo de nada, mas uma coisa que nunca eu vou fazer é te buscar em uma delegacia. Se depender de mim você vai ficar lá, eu não vou fazer nada para tirar de lá. Eu te dou a liberdade, mas você tem que saber usar”. E usei minha liberdade mesmo, usei com vontade mesmo, nossa! Eu saía, com sete anos, eu fui para..., eu andava aquela cidade

sozinho, sozinho, sete anos. Fazia de tudo eu tinha sete anos. Por eu ter esta liberdade, eu aprendi a administrar ela. Ai, poxa, isto não é legal..., isto eu vou perder isto..., aprendi a ligar uma coisa com a outra. Lá, nossa, muita coisa! (Miguel).

Miguel traz a liberdade de escolha desde seus sete anos, embora essa idade fuja do foco de discussão desta dissertação, pensando sistemicamente esta vivência influencia todo o processo. Cada etapa da vida integra-se na outra. Uma crise não resolvida pode acompanhar a pessoa até que seja elaborada. A história pessoal de Miguel, segundo ele, tem caminhado para a conquista da autonomia e da consciência. Isto não é o mais comum nestes casos em que tamanha liberdade é concedida tão precocemente. Este tópico não foi aprofundado na entrevista, portanto esta narrativa serve apenas para refletir sobre a conquista de autonomia de modo geral. Nas palavras do próprio Miguel, a qualidade de relações estabelecidas marca a história do adolescente.

Então,... Isto vai muito de relações, com quem você convive, com os pais também,... é,... os costumes do dia a dia, isto vai influenciar no seu futuro...É..., por exemplo, se você tem muita facilidade de ir pela cabeça dos outros, aí você vive num meio que não é favorável, então, a consequência disto não vai ser muito boa, não vamos dizer que,... Não vamos generalizar, nem todos, nem todos se deixam influenciar, mas tem as facilidades, tanto é fácil para você se dar bem quanto é fácil para você se dar mal. Então, fica naquele equilíbrio, para se dar bem você tem o esforço, tem que ter o esforço, a determinação, quebrar muitas barreiras, e p'ra você,...é,, seguir o caminho contrário, você não tem estas barreiras. Isto vai muito de relação familiar, de familiar..., de amigos, é tudo,.. uma coisa ligada à outra. (Miguel).

A influência do grupo de pares e da convivência familiar associado à questão da “falta de interesse e meta” e falta de autoconhecimento e estrutura pessoal pode funcionar como um dispositivo que fragiliza o ego do adolescente. Embora possam influenciar, a menção apenas destes fatores revela uma visão mais estreita e fora da análise econômica e sócio-histórica. Em qual lugar a sociedade coloca a adolescência? O que espera dela e o que oferece? Ao elencar apenas estes fatores, fragiliza-se o empoderamento e a constituição política do ser humano.

Será que existem realmente políticas públicas eficientes dirigidas para os adolescentes? Miguel repete o discurso vigente e afirma que oportunidades são oferecidas, mas que não são aproveitadas pelos adolescentes. Aqui encontramos espaço para alguns questionamentos: Será que é tão simples? De onde surgem as ofertas e disponibilidades? Elas interessam a quem? Os adolescentes foram indagados sobre seus desejos e expectativas? Será que são respeitadas as múltiplas inteligências? Miguel, ao fortalecer o discurso de oferta das oportunidades tecnicistas com aproveitamento no mercado de trabalho industrial, repete sem consciência crítica a mais ampla expectativa social depositada nos adolescentes, ou seja, que se tornem mão de obra. O

adolescente que tiver um perfil mais ligado às artes plásticas, por exemplo, não é tão valorizado e nem encontra tantas oportunidades. Contudo isso parece passar despercebido por Miguel.

SENAI, meu pai me colocou em um curso no SENAI. Cara, o SENAI, lá eu vi o que é a vida. Aí o SENAI me mostrou o que é a vida. O que é que é, tipo... O que está acontecendo. Crise, desemprego... Lá, acordei para a vida, nossa, ‘tá acontecendo tudo isto? Tipo Era curso remunerado que você ficava de uma às cinco para ganhar 300 reais, meio salário mínimo. Que nossa, era muita gente, era fila dava volta ao mundo. Era um cursinho bobo, chato, mas,...., aquele curso que tinha um emprego garantido na fábrica. Nossa eu vi que,...., é tem que dar um jeito. Aí eu comecei a pensar no meu futuro e aí que minha cabeça foi mudando mesmo. (Miguel).

Esse trecho elucidica a dimensão de âmago do indivíduo X cultura coletiva, uma relação que, exige um equilíbrio entre essas dimensões na constituição da identidade (ERIKSON, 1972). De outra maneira, ao se privilegiarem os aspectos subjetivos do indivíduo e as relações que o circundam, em detrimento dos fatores contextuais da cultura coletiva, na avaliação de uma situação, como a do exemplo, corre-se o risco de se sobrecarregar o sujeito, dirigindo-lhe todas as responsabilidades sobre seu sucesso ou fracasso. Da mesma forma, a tendência será de fragilizá-lo e torná-lo vítima das circunstâncias, pois quando só a coletividade e contexto prevalecem ocorre um processo de pasteurização da singularidade. No trecho a seguir, a fala de Miguel sustenta a culpabilização, a responsabilização do indivíduo – do jovem – sobre seu sucesso escolar/profissional, e sustenta o discurso de lugar comum que fala do adolescente irresponsável, desinteressado e descomprometido diante das oportunidades que lhe são oferecidas. Em contrapartida trazemos novamente os questionamentos: essas oportunidades são interessantes de fato? Contemplam as múltiplas habilidades e interesses dos adolescentes?

[...]Não traça um caminho. Não tem um sonho. Não tem algo que vai ser útil para a vida dela, da pessoa. É o que está acontecendo. Não vamos dizer que não tem exemplo. É,.... Eu estudo em escola pública, mas tenho aí um monte de prova de graça um monte de oportunidade de ser alguém, para ir para fora, de ter um status. Todo mundo tem, não vou dizer eu, mas mesmo tendo exemplos aí, está complicado.

Todavia, a ideia de relação indivíduo X coletivo, não condiz com a realidade, uma vez que essa relação não é dicotômica, e sim complexa e mutuamente complementar. De acordo com a psicologia cultural, a cultura é parte inerente das funções psicológicas humanas (VALSINER, 2012 *apud* GOMES, DAZZANI, 2013). Ela faz parte dos processos psicológicos individuais, é a dimensão social das experiências do indivíduo, de modo que nenhum fenômeno pode ser avaliado parcialmente. A visão de Erikson (1972, p.22) complementa esta ideia, “não podemos separar o desenvolvimento pessoal e a transformação comunitária, assim como não podemos separar [...] a crise de identidade na vida individual e a crise contemporânea no

desenvolvimento histórico, porque ambas ajudam a definir uma a outra e estão verdadeiramente relacionadas entre si”. Fica evidente que é interessante ao poder hegemônico manter essa divisão no entendimento dos sujeitos, colocando a responsabilidade hora para o sujeito e seus vínculos, hora responsabilizando o meio que ele vive, para nunca se ter um panorama real dessa dimensão e, constantemente, tirar-lhe a autonomia. Contudo, é nessa perspectiva complexa que os fenômenos aqui devem ser abordados, inclusive, e principalmente, a relação entre o adolescente e o álcool.

A influência familiar é destacada tanto pelos fatores biológicos quanto psicológicos e sociais. Rebeca elenca a genética como um dos fatores para a predisposição para o abuso do álcool. No seu próprio caso, ela considera que a genética influenciou seu posicionamento diante deste tema. Pelo observado no próprio pai, ela tira como exemplo a não ser seguido e relaciona bebida ao sofrimento. Ainda que a genética não venha influenciar, a herança transgeracional possivelmente o fará. As situações não elaboradas vivenciadas na família tendem a ser reproduzidas, mesmo que inconscientemente (ALMEIDA, 2008).

Acho que é isso, e também um pouco da genética, né? Do filho, que o pai bebe dizem que o filho pode herdar também, já desenvolver isso... Aí não sei, é muito relativo isso, porque meu pai bebia muito e, tipo, e sofria muito, e por causa disso, de ver ele, sofreu muito, então eu não quero isso. Eu acho que eu não bebo, por medo de desenvolver isso, então... aí depende muito do pensamento e da opinião da pessoa, entendeu? Mas eu acho que isso ajuda também, o meio que a pessoa vive... (Rebeca).

Miguel aponta problemas familiares como gatilho para a entrada em caminhos perigosos.

Então,... é uma situação meio difícil de se comentar porque você precisa estar sabendo o que a pessoa está passando para ela poder parar nesta situação. Dela estar bebendo para usar isto como escape. Eu não tenho muitos exemplos. Eu posso dizer que a maioria que eu vejo aí, que eu sei, falar do que eu sei, é familiar, é questão familiar. “Ah, meus pais não sei o que tal”, ... E você vai assim por alto, mas eu não sei muita coisa não. Não sei de muitas pessoas não. Não tenho muito conhecimento, das que eu sei elas usam por motivo familiar. Problemas familiares elas tentam,... saem de casa, vou beber para esquecer isto. Só isto que eu sei. (Miguel).

Esta é uma questão evidenciada por muitos estudos, a qualidade da relação com a família é preponderante para o desenvolvimento de recursos internos de enfrentamento da angústia, e isso se reflete nas ações e escolhas do adolescente com relação às drogas (SILVA *et al* 2012, IBGE, 2009; PECHANESKY, SZOBOT, SCIVOLETTO, 2004). Silva *et al* (2012) apontam que um dos principais fatores considerados quando os adolescentes avaliam a qualidade desse momento de sua vida, como bom ou ruim, é a sua relação com os pais e isso também tem ligação

com o consumo de bebidas alcóolicas nessa fase. Além da importância desse suporte familiar diante das crises dos adolescentes, como destacado na fala dos entrevistados, a ausência dele, ou uma relação conflituosa, marcam profundamente essa fase, e o álcool ou as drogas podem aparecer como soluções.

Existem ainda outros aspectos evidenciados nas pesquisas através dos quais família pode “contribuir” para consumo de álcool pelo adolescente. Os estudiosos afirmam que não é incomum que o primeiro contato com a substância ocorra na presença da família, em ambientes caseiros, festas, e encontros familiares (PECHANSKY, SZOBOT, SCIVOLETTO, 2004; LANJEIRA et al, 2007; SILVA et al, 2012). Quando se começa a beber? Rebeca e Miguel nos apresentam cenários distintos. Ela menciona antes dos 18 anos, mas parece indicar a adolescência. Miguel já relata experiências na infância.

Não, eu não me sinto à vontade, porque, [não] é uma atitude que eu concordo: um adolescente ficar bebendo, entendeu? Não acho legal isso. Até porque a maioria é menor de 18 anos, entendeu? A maioria, tipo com 18 anos, se você quiser beber, você já tem uma cabeça formada. Mas vai começar, entendeu, com 18 anos. Você, tipo, você ser responsável, então deveria realmente ser depois dos 18 anos. Entendeu? Mas mesmo eu com dezoito anos – Eu experimentei antes dos dezoito – mas mesmo com dezoito anos eu não quero continuar nisso. Entendeu? Tipo... entrar nisso... (Rebeca).

Procuram mais esse tipo de festas. Até porque, quando uma festa é liberada, tipo a bebida só p’ra dezoito anos, a pessoa que é menor dá um jeito de pegar a bebida ali, porque se não pegar a bebida não vai ter graça a festa. (Rebeca).

Segundo Laranjeira e colaboradores (2012), a média de idade de experimentação entre adolescentes tem sido entre os 12 e 14 anos. Entretanto, de acordo com o que a autora deste trabalho tem percebido, em sua atuação profissional, os jovens com os quais ela tem contato costumam relatar que a primeira experimentação acontece bem mais cedo, ainda bebê, quando os adultos molham a chupeta da criança na bebida, ou oferecem a *espuminha* da cerveja, com a justificativa: *Ah, ela estava olhando, vou dar um pouquinho para não ‘aguar’* (SIC). Há relatos populares sobre introduzir o menino em “roda de cachaça para aprender desde cedo”. Neste cenário, muitos adultos riem quando as crianças tomam estas iniciativas.

Na cultura popular, onde prevalece em muitos lugares a posição machista e sexista que relaciona o homem com “ser macho”, “beber pinga”, “ter saco roxo”, o contato com o álcool inicia-se desde cedo. Essa experimentação ocorre muitas vezes na família, pois na cultura brasileira há uma percepção bastante difundida de que o álcool “quando devidamente utilizado em situações sociais, tem boas funções, como promover encontros sociais ou o ‘relaxamento’ após um dia estafante” (LEPRE, MARTINS 2009 apud ACSELRAD et al, 2012). Uma criança

ou um pré-adolescente teria maturidade suficiente para fazer este tipo de escolha? Que mensagem transmite uma sociedade permissiva a este ato?

Cabe ressaltar que, em consonância com a abordagem deste trabalho, não apenas a família ou o próprio adolescente são os únicos responsáveis pela inserção precoce e desregulada do álcool na vida do adolescente e sim uma série de fatores que envolvem a cultura da permissividade e da banalização dos riscos do consumo da substância.

Observa-se um discurso saudosista que aponta a geração mais velha como mais focada, com meta mais clara de vida. Este pode ser um exemplo de idealização que reforça a autoridade da geração mais velha em relação à geração mais nova. Esta contradição parece ser comum nos adolescentes que ao mesmo tempo em que admiram seus pais, por exemplo, tem a expectativa de superá-los ou ao menos se diferenciar deles. Este momento é libertador e contribui para a construção da autoestima e do autoconhecimento. Contudo, ao mesmo tempo, se este momento não for vivido com equilíbrio e crítica, pode afastar-se da realidade, criar pontos de ilusão e pender o crivo de decisão de problemas para parâmetros fora da realidade. No próximo extrato de fala, Miguel, ao comparar as gerações, idealiza a geração anterior como amadurecida e a atual como *bagunceira*. Este argumento reproduz o senso comum que identifica o adolescente com o irresponsável.

Não vamos dizer que não tem exemplo. É,... Eu estudo em escola pública, mas tenho aí um monte de prova de graça um monte de oportunidade de ser alguém, para ir para fora, de ter um status. Todo mundo tem, não vou dizer eu, mas mesmo tendo exemplos aí, está complicado. As pessoas não têm mais,... não sei se já tiveram, mas acho que já tiveram sim, pelos exemplos do que tenho dos mais velhos,... As pessoas não tem mais aquele foco: “Ah, vou estudar”. Agora é só bagunça. (Miguel).

Rebeca parece ter mais clareza em sua carreira e expectativa de futuro em comparação com Miguel, que começa a se descobrir no esporte.

[...] eu pretendo fazer faculdade de medicina veterinária (Rebeca).

[...] hoje em dia em parei, por causa do meu esporte, pretendo muito me dedicar. Foi o que me ajudou a sair,... e, sair por ai e deixar acontecer, se perder na madrugada. (Miguel).

A clareza deste foco parece interferir na rotina de cada um, o que favorecer à decisão quanto à aproximação com o álcool. No caso de Rebeca parece que ela sublima suas energias psíquicas através do estudo, do namoro e tem determinação para atingir a sua meta traçada. O nível de ansiedade parece estar disperso nas tarefas do cotidiano, e busca alternativas saudáveis para que este nível de estresse não aumente.

Eu levanto cedo, vou pra escola. Eu gosto de ir a pé, esse ano eu ‘tô indo a pé pra escola, porque assim: Aí pega ônibus, aí tem muita gente, e às vezes chego atrasada... É melhor eu fazer o meu horário e chegar no horário certo no colégio. E... aí depois eu vou pra aula particular. E depois eu faço curso, pré-vestibular de tarde. E a noite eu estudo, eu fico com a minha família... eu uso o celular. Eu sou muito de ficar no meu quarto! E aí eu fico lá estudando mesmo. (Rebeca)

Quanto ao Miguel, a rotina descrita já inclui a possibilidade do consumo do álcool.

Então, minha rotina é o seguinte, colégio de manhã, aí eu saio e almoço, dou uma descansada, ou então quando tenho prova no dia seguinte eu estudo, umas duas horas eu descanso ou estudo, todo dia, depois destas duas horas que eu almocei, eu vou ver se tenho algum trabalho para fazer, porque eu faço instalação elétrica. Aí eu marco um horário e dou um horário para as pessoas, se elas quiserem me chamar, elas chamam. Aí, as pessoas que tem meu número aí, me procuram. Trabalho só depois das duas ou das três. Depende do dia. Aí, se não tem, eu fico na internet ou então eu saio, dou um pulo no shopping, encontro o pessoal, quem tiver aí sem fazer nada, troco uma ideia. Aí, vou para casa. De noite, eu estudo, e depois eu durmo. Praticante isto de segunda a sexta, não de segunda a quarta. Porque sexta, já é o dia que as pessoas mais apostam nela. Então na sexta feira, eu procuro algum evento. Algo que reúna muita gente, que chame minha atenção. Tipo, sei lá, uma festa na casa de alguém, não é nada certo. Aí, eu procuro alguma coisa e vou. No sábado, de manhã bem cedo, eu corro, aí eu volto durmo um pouco, almoço e depois eu vou para algum lugar, marco de sair com alguém. Sábado de noite, eu saio de novo. É meio chato, sábado eu saio, mas domingo de manhã, de manhã bem cedo, umas cinco ou seis horas, eu pego minha bicicleta e vou por aí. Final de semana passado eu fui para Itatiaia, para o Parque Nacional. Fui p’ra Dutra mesmo, ... e é isto! (faz gesto com a mão, representando que não se importava). E cada domingo eu vejo um lugar para ir, porque eu gosto muito de andar de bicicleta, gosto muito. Aí eu durmo o domingo inteiro e vai tudo de novo. Quer dizer, sair mesmo é só sexta e sábado. (Miguel).

Além de sua ligação com o esporte, Miguel aponta como outro fator que influenciou a mudança de sua ligação abusiva com a bebida ou o comportamento desregrado, o conhecimento de uma garota, sua namorada, e a sua entrada em uma religião. Ele aponta este momento e virada como maturidade. Isto nos leva refletir a importância do sentido de vida, principalmente neste momento em que o adolescente interroga-se sobre si e o mundo.

Até que eu namorei com uma menina, que ela era muito certinha. Nossa, caraca! Ela era muito certinha! Eu admirava ela p’ra caramba! Nossa, que esta menina tem? Ai, ela sempre me chamava para ir lá na igreja, e tal. Ai eu fui lá com ela. [...] Bom, é...,(espaço) o meu exemplo, o que eu tive como exemplo, que me fez mudar muito a cabeça foi quando eu comecei a frequentar igrejas, e tive contato com pessoas diferentes, com cabeças diferentes, pessoas que já passaram por coisas que eu já passei , tipo muito piores, tipo pessoas que já foram presas, viciadas e... tal, e as pessoas dão o testemunho, sabe, isto não é legal e tal, e tipo elas se arrependem e por se arrependerem, elas tentam,...é..., elas tentam que as pessoas não caiam no mesmo erro. Aí foi o lugar que,... assim..., é como eu disse para a minha situação foi muito mais por exemplos.

Eu tive muitos exemplos que me fez mudar e está fazendo mudar a cada dia. (Miguel).

Tem uma hora que você adquire maior consciência. A consciência pesa. Não, você fala: “Vou estudar, vou seguir um rumo”. Até aqui eu não tenho, então eu vou seguir um rumo, mas a maioria..., 50%, não encontra, ou demora [...] Não traça um caminho. Não tem um sonho. Não tem algo que vai ser útil para a vida dela, da pessoa. É o que está acontecendo. (Miguel).

Erikson (1972, p.21) descreve a importância das relações na construção da identidade, da maneira como formamos uma noção de si, a partir dos julgamentos de nós mesmos e a partir da ótica externa.

[...] em termos psicológicos a formação da identidade emprega um processo de reflexão observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis de funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele (ERIKSON, 1972, p.21).

Nesse processo, a eleição de modelos positivos – “tipologia significativa” – contribui para a constituição da identidade, da mesma forma que foi destacada por Miguel no trecho anterior, os modelos da namorada e do depoimento das pessoas na igreja trouxeram elementos de identificação significativos para ele e colaboraram para que avançasse no sentido da maturidade, do mesmo modo, que o impeliram a procurar sentido de vida, através de ideologias congruentes advindas desse grupo de reconhecimento.

O mundo de Rebeca parece ser mais restrito, mais fechado em sua família, sem muita permeabilidade (CALIL, 1987). Isto pode funcionar como uma proteção, mas também como uma menor exposição à vida propriamente dita. Estar em um sistema fechado, ao mesmo tempo em que dá sensação de segurança, pode incorrer à ilusão de “tudo” conhecer e viver em um mundo mágico. Como se preparar para o inesperado? Como se preparar para as frustrações e limites? Como se preparar para a diversidade? Como se preparar para respeitar opiniões diversas e alargar a visão da realidade? Não cabe nenhuma análise psicológica de Rebeca, mas refletindo sobre processo de constituição de identidade, a leitura da realidade realizada por ela seria fruto do sentimento dos pensamentos de seus pais ou já de sua autoria? Considerando que as crises são oportunidades de crescimento, que opções podem estar sendo feitas aqui, fruto de reflexão e decisão, ou fruto de insegurança e continuidade? Estas questões são pertinentes visto que uma crise mal elaborada se atualiza a qualquer momento.

E... fim de semana assim, num tenho... fico na casa das minhas amigas muito pouco, num tenho muito contato assim, de amiga vai na minha casa, eu vou na casa dela, de dormir e essas coisas num tenho muito ligação a isso, minha mãe não me criou muito assim quando eu era pequena. Só na casa de... tenho muito contato com minhas primas só. Primas sim, negócio de família, tipo, sempre tive muito contato com as primas. Prima p'ra mim é tipo irmã pra mim. Aí eu tenho muito contato com prima. Amiga assim, eu tipo, as amigas que eu tenho, é amiga mesmo e é uma relação assim, ela na casa dela, frequenta uma vez ou outra a casa assim. E é... em ocasiões assim, tipo de trabalho, ou de aniversário. Entendeu? Alguma coisa assim, ou algum fim de semana p'ra se distrair, porque eu fico muito estressada em semana de prova, e a gente combina de distrair. Assim: de ir no cinema, aí é legal. Uma programação legal que eu gosto é de ir no cinema no shopping, umas coisas mais sociáveis assim. (Rebeca).

Rebeca, apesar de viver mais restrita em casa, participa de festas e interação com outros adolescentes. Sua narrativa indica que como a maior parte das festas promovem a bebida alcoólica e isto não é sua opção, ela prefere não ir. Em seu discurso deixa claro que este ponto já é uma decisão própria e que não está aberta à influência externa.

Eu vou em poucas festas, vou em festas tipo, de aniversário, assim, mas sempre tem, tipo, as minhas amigas assim, sempre tem alguma festa, assim sempre tem bebida essas coisas, só que eu não gosto de misturar essas coisas. Não sou muito frequente nisso, não frequento muitas festas assim. Não tenho uma socialização, assim, nesse tipo, muito boa, sabe? Meus amigos não influenciam nesse tipo de coisa sabe? (Rebeca).

A influência externa funciona tanto para Rebeca quanto para Miguel frente às pessoas que eles valorizam, e não obrigatoriamente frente a outros adolescentes. Só que ela prefere não frequentar estes lugares e Miguel, continua frequentando, segundo ele, bebe, mas com consciência e moderação.

É não interferem na minha opinião de..., tipo... ter que ir p'ra festa, tipo: _“Ah, tem que beber”. Se eu vou na festa não tenho que beber, entendeu? (falou em tom afirmativo, quase que se defendendo). Só que quando você vai numa festa e você não bebe, você fica meio que excluído dessa festa, dos seus amigos, assim, entendeu? Porque você se sentindo diferente de qualquer forma, você se sente diferente se você não beber. Então, você acaba não frequentando aquele local, entendeu? (Rebeca).

Eu ‘tô falando de influência, de atenção familiar, convívio com sua família, exemplos familiares..., é..., acompanhamento dos pais, uma coisa assim, relacionado, Não como eu disse, não vou generalizar. É uma parte. Uma parte é por causa dos pais, falta de apoio, de incentivo, outras são pelo convívio, o ambiente que a pessoa frequenta, costuma frequentar, as pessoas que estão ao seu redor. (Miguel).

Ambos relacionam a experimentação com a adolescência. A decisão de ambos os entrevistados frente à bebida perpassa pela experimentação prévia, em graus distintos.

Não vai interferir na minha saúde, nem nos meus estudos, nem no meu modo de pensar, independente das pessoas acharem, tipo, “Ah, adolescente tem que fazer isso, ‘tá na fase de se descobrir, tem que experimentar mesmo”. Eu já experimentei, mas eu sei que não é certo, e como eu já tenho casos na família, já acontece muito, então, eu prefiro, tipo... desenvolver isso, entendeu? Já que eu tenho algo p’ra desenvolver isso. Entendeu? (Rebeca).

Não sei, acho que é coisa de adolescente mesmo, de querer experimentar algo novo, sabe? É uma curiosidade, coisa de adolescente, assim como outras coisas, não só drogas, entendeu? Eu acho que é uma coisa normal, assim, já que existe, por que não experimentar? (Rebeca).

A insistência parece remeter à fidelidade do grupo.

Já passei por situação, assim, tipo: “Ah, experimenta”; “Não, você pode experimentar, você deve experimentar”. Aí eu: “Não, eu não vou experimentar”. Aí depois de tanto, tipo, aquela pessoa tá ali: “Experimenta vaaai”... Aí eu vou e experimento, entendeu? Mas aí, eu tipo: “Não, não quero mais”, “Não? Então, tá bom” Entendeu? [...] Experimentou, tinha que experimentar, entendeu? Acho que a fase da adolescência é tipo, ah, é essa fase que tem que experimentar... De uma certa forma você tem, de uma certa forma você não tem, é muito relativo isso, sabe? Porque pode ser bom e pode ser ruim pra você, você experimentar álcool, entendeu? Porque não vai te acrescentar muita coisa você beber. (Rebeca)

A puberdade com o bombardeio hormonal que influencia a instabilidade de humor, ora estar feliz, ora infeliz, e a exacerbação das emoções, para os adolescentes é “agora ou nunca”, torna tudo muito intenso, são fatores direcionados aos relacionamentos sociais entre familiares, pares e amorosa, por exemplo. Estas características (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006) dirigidas para a temática do álcool e adolescência presentes na narrativa de Rebeca demonstram que ela não é indiferente ao fenômeno, consumo de álcool por adolescente, mas simultaneamente demonstra que já fez ponderações, avaliações e chegou a conclusões próprias a esse respeito.

Ainda discutindo sobre as influências de pares, Rebeca afirma que pode estar junto com o grupo, mas não se deixar influenciar por ele. Isto aponta certo nível de maturidade. Na fase da adolescência, há como virtude da resolução da crise o sentimento de fidelidade (ERIKSON, 1972). Ela mostra respeitar o grupo, mas não se dobrar a ele. Outro ponto importante que pode ser destacado de sua narrativa é a forma como ela relaciona o consumo de álcool dos jovens aos territórios, localidades e tipo de atividades. Que opções os jovens têm como atividades recreativas, de lazer, sociais, etc?

Mas, também, não interfere, assim: Ah, minhas amigas bebem. Ah, tudo bem, eu vou ‘tá com elas, mas num local, tipo... não que eu vá beber junto com elas, entendeu? (Rebeca).

Ah, tem muito porque as pessoas, vai lá e ‘tá no barzinho com as bebida, entendeu? Aí se você ‘tá no barzinho com um copo de refrigerante... “Nossa ‘tá no bar e bebe refrigerante? Como assim?” Acho que não existe muito isso de estar num bar e beber refrigerante... Se você fala assim : “ Ah vou num barzinho”; aí vão comentar: “Ah, vai no barzinho porque bebe”. Não, no barzinho você pode se reunir com os amigos, tem as coisas de comer que são muito boas também, tem várias coisas de comer que são boas, mas é lógico que no barzinho tem várias bebidas, só que quando você fala: “Ah, vou no barzinho”... é que vai beber, entendeu? Vai juntar com os amigos p’ra beber. Ah, vai comemorar alguma coisa, vai ver um jogo, aí vai beber... Aí a pessoa beber, por exemplo, porque o Brasil ganhou... Ou, Ah a pessoa bebe porque o Brasil perdeu... Não tem uma lógica, assim, entendeu? (Rebeca).

Ainda sobre decisão, na narrativa de ambos transparece, seu posicionamento frente a ser diferente do restante do grupo sobre o uso do álcool. Rebeca expõe sem conflito sua decisão de não beber, mesmo que nesta decisão seja marcada sua diferença com o grupo. Em sua narrativa transparecem os valores familiares e religiosos que apontam para os prejuízos do abuso do álcool. Ela parece se identificar com estes preceitos e não ter nenhuma ansiedade sobre esta temática, ou seja, isto não faz questão para ela. Talvez por esse motivo, torne-se menos influenciável a respeito da questão.

Miguel que se descreve tímido e que espera um pouco para se enturmar, afirma que o entrosamento com as pessoas não é para agradá-las, neste vínculo ele oferece a si “na melhor forma” (SIC). Conseguem se perceber diferentes dos outros, mas pertencendo a algum grupo, evidenciando uma preocupação com a singularidade.

Até mesmo no Brasil, Brasil todo mundo gosta de futebol, eu já gosto de basquete. O pessoal diz que já sou mais americano porque não gosto da cultura do Brasil, carnaval, futebol,... não dá eu não,... eu gosto de outras coisas. (Miguel)

Eu sinto isso... Mas, assim, não interfere na minha vida, eu sinto que eu estou diferente... de eu não querer ir pra festa, de não querer beber essas coisas... eu sinto que eu sou diferente. Mas eu sinto que, na minha opinião, eu estou fazendo o certo, entendeu? (com tom de determinação e satisfação, e até um pouco de orgulho, como se fosse uma espécie de compensação) (Rebeca).

Erikson (1972) ao aprofundar sobre a resolução da crise de identidade aponta que pode ser positiva, ritualização, isto é, quando o adolescente elabora uma consciência ideológica, ou negativa, ritualismo, quando o adolescente prende-se ao fanatismo, ao clã, ao totalismo. Associa-se à adolescência as dúvidas e os questionamentos, contudo, saudavelmente este exercício de refletir o acompanhará toda a vida. Em uma direção oposta perigosa, o adolescente pode cair no fanatismo, ou ter a sua posição de vista como a única válida. Neste sentido, o que pareceria um passo para a maturidade, pode levar ao abismo. Um grupo de adolescentes que compartilharem uma verdade como absoluta pode formar uma seita que esteja acima da lei e da

norma social. Ou até mesmo, servir de alvo fácil aos manipuladores, que através de mensagens subliminares conduzem comportamentos adolescentes e estes acreditam que suas decisões seriam fruto apenas de seu pensamento. Miguel exemplifica este argumento da posição absoluta do pensamento adolescente não permeável a críticas.

Ah, tinha, eu estava na fase de criar novos pensamentos “Ah é isto e acabou, ninguém mais vai contrariar”. Eu acho isto, então é. Acabou. Meus pais, é um exemplo, porque eles não discutem mais comigo, porque eu já tenho uma opinião formada, e isto às vezes atrapalha e às vezes ajuda. Mas, é isto. (Miguel).

O mesmo Miguel que afirma suas convicções, em outro momento da entrevista mostrou-se maleável, aberto à reflexão e à análise das situações. Esta oscilação de comportamento também é descrita como típica nos adolescentes.

Ai, eu, nossa, muita experiência, fiquei olhando assim, reparando, ouvindo, e comecei a me envolver com as pessoas. Aí eu vi que, cara, você tem que batalhar para ser, algo mais próximo de certo. Que o certo, não tem o certo, é ser assim ou assim... Não o certo é você quem faz. Eu penso assim, mas você tem que ser uma pessoa que não seja nem tão errada e não tão certa. Você tem que ser você, sabendo lidar com as situações, cara, você... Tipo, a pessoa, está gorda, ela ‘tá, e isto vai atrapalhar a respiração dela, vai atrapalhar... e ela sabe disto e tipo ela: ”Ah, eu vou comer. Eu quero comer”, ela sabe disto, ela engorda e ela vai passar por estas dificuldades. E ela sabendo que vai passar por estas dificuldades ela vai emagrecer. Isto é ação e reação, cara. Ela vai ter uma consciência tipo: “Vou ter que emagrecer, vou ter que comer menos ou não vou emagrecer”. Aí eu fui aprendendo, que tudo você tem que pensar na consequência. Mais ainda do que eu já pensava, foi aí que eu mudei minha cabeça. (Miguel).

A bebida nas baladas adolescentes é tida como corriqueira, não apenas uma interação social, mas uma atividade da festa para deixá-la mais “solta, descontraída, liberal”. Rebeca descreve a relação entre a bebida e uma brincadeira de festa como algo comum, e a sensação concomitante de estar fora do grupo quando não basta beber, pois quando se menciona bebida já compreende-se intrinsecamente que é bebida alcoólica.

Tem aquelas brincadeiras de: “Ah, vamos brincar se você errar a pergunta você bebe”. Eu não vou beber, entendeu? Se eu for beber, vai ser refrigerante (tom de indignação). As pessoas bebem, ficam mais alegres e tal, entendeu? Você se sente excluída um pouco ali. Aí eu não acho legal... (Rebeca).

Eu sei que... cada um aprende com o outro. Tipo... Lá em Juiz de Fora, coisa que aprendi, não aprendi, eu vi na rua, fiquei curioso p’ra caramba para saber o que que acontecia, era você beber, baixar a cabeça e ficar balançando a cabeça um monte de tempo, muito tempo mesmo. A menina fez isto na praça, nossa levantou, caraca! Aí é cada coisa que você vai vendo que nossa! Tipo, uma coisa diferente e você vai vendo um com o outro e (balança a cabeça

negativamente). Acho que é mais um maluco aí que não tem nada p'ra fazer que inventa e o outro aprende. (Miguel).

Ainda como uma conexão enviesada, Rebeca exemplifica como a opção da Festa para diversão já está contida nela implicitamente o abuso do álcool. Esta naturalização é um exemplo de como o discurso canônico prevalece, não precisa de explicações, o grupo já subentende qual é a ocasião, a característica e o objetivo do encontro.

É o principal de tudo, porque, tipo, o pessoal fica: “Aí eu preciso de uma festa nesse fim de semana... eu tenho que ir numa festa esse final de semana. Eu preciso beber, eu preciso me divertir”. Que as pessoas acham que p'ra ficar alegre, e tipo, socializar melhor, tem que beber, entendeu? (Rebeca).

Hoje tem um padrão, né? Os jovens tentam padronizar, é sair, balada, beber,... usar drogas,.. (Miguel).

Entender como sinônimo balada = diversão = abuso de álcool parece já não causar estranheza nos adolescentes. Isto pode refletir as relações interpessoais descritas por Bauman (2001) que revela vínculos frágeis, superficiais. O outro que bebe pode ser foco de minhas projeções, bebendo ou não, posso “viver” a situação sem perigo físico. Estas situações podem ser encontradas quando o grupo de adolescente incentiva o outro ao abuso do álcool e ao seu espetáculo posterior. Na verdade, não há empatia, há a pressão do grupo em alguma situação que canalize a energia que está aprisionada. O adolescente no grupo quer fazer as coisas erradas, mas não sozinho, em grupo é que acontece: “Não vou me ferrar sozinho!”. A lealdade é uma virtude adquirida nesta época, mas é perigoso o valor ético envolvido no julgamento (ERIKSON, 1972).

Não, p'ra maioria das pessoas, não. Porque ela vai se sentir... Como isso 'tá evoluindo muito, tipo, essas coisa estão acontecendo com a maioria dos adolescentes, tipo, tá ficando normal já. Tipo: “Ah, eu fui para a festa bebi muito e enchi a cara, fui carregada p'ra casa”. As pessoas riem, mas ao mesmo tempo, “Ah eu também fui carregado, um dia aconteceu isso comigo”. Ah, é muito estranho isso, sabe? A pessoa contar o amigo rir, mas ao mesmo tempo pode acontecer com ele, entendeu? Aí tem algumas pessoas uma pessoa também que: “ah, eu não vou beber”, fala que é porque passa vergonha e tal, mas aí depois passa de um tempo, “Ah, eu tenho que beber um pouquinho”, sabe, já virou um costume. Não é nem, tipo: “Ai, eu preciso beber porque aconteceu isso”. Não! É um costume, ela parou de beber um tempo, “Ah, não vou beber mais em festas”, “ah, não, mas eu tenho que ir naquela festa, porque eu to a fim de beber” eu acho que é algo que estimula no seu organismo, não sei... vai levando assim, não só pra bebida, tem outras coisas que seu organismo pede, então, seu organismo acaba pedindo a bebida também se você leva isso, se você começa a beber seu organismo vai pedir e você vai fazer. E tem pessoas que, tipo, já tem esse negócio de trazer da família sabe, então é... É complicado. (fez uma breve pausa, uma respiração profunda e um olhar resignado, acredito que estava pensando na morte recente do pai

biológico, não citado por ela durante a entrevista gravada) (aperta os lábios e desvia o olhar... parece que se emocionou). (Rebeca).

Ainda neste segmento de pensamento, quando esta expectativa não é alcançada, quando na festa não há bebida, emerge o sentimento de decepção e julgamento de um evento ruim. Isto se exemplifica na narrativa de Rebeca.

Só que maioria do jovem hoje em dia acha que tem que curtir a vida, e curtir a vida só se for bebendo. Só se for, tipo, indo p'ra festa. O meu ponto de vista é esse, entendeu? É porque se você vai numa festa e não tem bebida: _ “Ah, aquela festa ‘tava chata” (fez uma expressão de quem não entende o sentido disso). Você ouviu muito isso, entendeu?: _ “Ah, aquela festa não vai poder ter bebida”, “Ah, então eu não vou”, “Ah, não tem bebida na festa, como assim, não tem bebida numa festa?”. A gente ouviu muito isso. (Rebeca).

O que os jovens buscam nas baladas? Diversão? Alegria? Como se diverte e se torna alegre? Em alguns momentos das narrativas, os discursos parecem apontar que estes elementos estão ligados à extroversão sem consciência. É poder ser o que não se é, é ser extravagante, briguento, “marrento” para chamar a atenção e conseguir um lugar no grupo. Independentemente de ser rapaz ou moça.

(falando com tom conformado) É muito ruim, porque, tipo, a pessoa que põe a alegria dela naquela bebida, entendeu? Se não tiver bebida na festa a festa não vai ‘tá legal, entendeu? Acho que é o, tipo, as pessoas que vai tá na festa, entendeu? Não, tipo, a bebida, que tem que ‘tá lá e fazer as coisas... (Rebeca).

E no dia seguinte? Para alguns adolescentes a marca de estar alcoolizado parece lhes trazer algo que marque sua inserção no grupo, visto como são descritas suas reações nas narrativas dos entrevistados. A expressão facial de ambos modificou-se quando o tema foi a consequência no dia seguinte do uso abusivo do álcool na festa do dia anterior. Ambos deram um sorriso como de cumplicidade. O comentário no dia posterior da balada parece ser o alvo: “falem mal, mas falem de mim”. Exemplo típico da glamourização, deslumbramento, espetáculo.

Noossa pessoal de ressaca... (sorriso largo, demonstrando entusiasmo, diversão) “Ah, eu bebi muito”, “Ah, nossa, eu bebi tanto que, tipo, num lembro o que aconteceu e eu bebi muito” (expressão de impressionada) “Ah, eu ‘tô de ressaca”, “Ah, eu ‘tô com dor de cabeça”... Entendeu? É muito assim! (Rebeca).

Mesmo quando o adolescente não bebe muito, há um incentivo nas baladas do seu consumo, conforme descrito por Rebeca.

Aí tem algumas que falam: “Ah, eu não enchi muito a cara porque é Exposição⁸” (o tom de voz que usa para dar exemplos de falas reflete intimidade com esse universo, mesmo como expectadora); Aí, não enche tanto a cara, mas bebe um pouquinho. (Rebeca).

Além das baladas, existem algumas ocasiões escolhidas para o abuso do álcool, como uma comemoração, não um uso frequente, tal como passar no vestibular.

Ah, quando eles falam, algumas pessoas falam assim: “Ah, se eu passar na faculdade eu vou encher a cara, eu vou tomar um porre que eu nunca tomei na minha vida”. Aí eu: “Cara você vai passar na faculdade, você vai estragar, tipo... seu organismo ali, entendeu? Vai afetar toda a sua mente ali, só porque você passou na faculdade?” (Rebeca).

Curiosamente, mesmo quando Rebeca expõe com clareza sua posição contrária ao uso de álcool, deixa transparecer em sua narrativa certo encantamento, ou alguma graça ao relatar histórias de quem bebe abusivamente. Como suas palavras dissessem: “Você é muito louco ao fazer isso”, e seu comportamento de riso dissesse: “maneiro!”. Este mesmo comportamento foi observado em Miguel. O riso nos leva a refletir o quanto de ansiedade retida encontra uma válvula de escape nesta situação.

Quer dizer, não encher a cara não porque é fácil. Mas a questão é saber chegar em casa, saber,... (risos) encher a cara e ‘tá bem. (Miguel)

[...] adquirir amigos por você ter enchido a cara e... parece que não é normal, não é coisa deste mundo, sabe? Então... (risos) (Miguel)

Um descompasso aparece como uma reflexão: o contraste entre a curiosidade esperada do adolescente e o incremento de seu comportamento abusivo do álcool. Rebeca exemplifica esta questão quando aborda:

Eu não sei, por causa, tipo, das coisas, desse negócio de bebida estar evoluindo tanto, entre os adolescentes de tipo, despertar uma curiosidade. Até, tipo, normal essa curiosidade, entendeu? Mas eu não sei porque de as pessoas, tipo, o porque ‘tá evoluindo tanto isso entre os adolescentes, entendeu? (Rebeca).

A influência externa parece ter mais força quanto maior for a fragilidade emocional do adolescente.

Aí, tipo, isso influencia um pouco também, porque querendo ou não amigo influencia você... Tipo: “Ah, vamos pra uma festa” – aí se você, tipo, tá sozinho, ‘tá deprê – “Ah vamos pra festa, então” – Ah, você tá lá quieto – “Pô, você não vai beber?! Vamos beber”, “Não, não vou beber”, “Ah, só um

⁸ Nesta fala da adolescente a palavra “Exposição”, na frase, refere-se ao nome de uma grande festa típica da cidade, EXAPICOR (Exposição Agropecuária Industrial e Comercial de Resende), vulgarmente conhecida como Exposição, que acontece no Parque de Exposições.

golinho”. Aí nesse, “só um golinho” você vai indo, vai indo... daqui a pouco você já está bêbado na festa, entendeu? Tipo, você não consegue, tipo: “Ah, não, não quero mais”. Aí o amigo fica ali, entendeu? Porque tem gente que é persistente. Tem amigo que não, “Ah, se você não quer beber, tudo bem”, tem amigo que aceita você não beber, mas tem amigos que não... entendeu? (Rebeca).

Principalmente quando se enfrenta um problema ou um grau de ansiedade alto, parece que o abuso do álcool é uma forte opção. Bertolote (2010) já destaca o efeito sedativo e hipnótico do álcool. Nicastrì (2011) destaca que o álcool é geralmente conhecido e procurado por suas propriedades euforizantes e intoxicantes.

Ah, quer ficar alegre, quer, tipo: “ah, vou esquecer meus problemas”, entendeu? [...] “Pô, você vai esquecer seus problemas pelo momento que você beber, mas depois vai ficar muito pior”. Isso é, tipo, bate aquele negócio de depressão depois que você bebe, sabe? Com certeza deve bater. (Rebeca).

Eu vejo as pessoas usando a bebida como um escape para poder fugir da realidade assim como as drogas, assim como outras coisas, como escape... ai não tem limite, quando as pessoas usam a bebida como solução para os problemas, momentâneo, escape, bebida não é solução, nem por um momento. (Miguel).

Para algumas pessoas parece que o comportamento deflagrado pelo abuso do álcool é como um troféu. Espera-se um lugar no grupo. Em contrapartida, Rebeca apresenta como censor deste comportamento, além da consciência dos malefícios, a vergonha de “pagar mico”, ou seja, de ter um comportamento socialmente menos aceitável. Isto nos leva a refletir a respeito de qual o perfil e o objetivo de quem assume tal comportamento: está sob pressão social? Qual? Insegurança de seu lugar no grupo?

“Ah, a minha amiga me contou isso e que aconteceu isso...” Entendeu? Uma história tipo: “Ah devo ter saído carregada da festa, eu não lembro nada”, entendeu? De falar merda e essas coisas, na festa, sabe? “Ah cheguei em casa e tiveram que dar banho em mim”. “Como assim, cara, tiveram que dar banho em você, e você não sabia que estava tomando banho?” “Ah, dormir com a roupa, tipo, que eu vim da festa” e tudo assim, entendeu? [...] P’ras pessoas que fazem isso, tipo, elas querem contar que isso aconteceu. Tipo, se eu bebesse e acontecer algo comigo eu, tipo: “não foi comigo, não aconteceu nada”, (gargalhadas da entrevistadora) “eu naquela festa, não era eu”. Eu teria vergonha de contar, até porque eu teria vergonha de ‘tá bebendo assim. (Rebeca).

Às vezes, a pessoa no dia seguinte, dependendo do evento que ela foi, ela começa a se,... como é que eu vou dizer,... (pausa em pensamento), ela se orgulha do que fez, por ser tipo: “Ah! Esta festa aqui,... o pessoal bebe p’ra caramba, então eu vou beber muito! P’ra no outro dia eu ficar comentado, ficar falado”. Mas, em geral, (sorri e vira o rosto para o lado) é,... esqueci a pergunta. (sorri). [...] [Como é o dia seguinte?] É,... muitas delas Ficam até mais feliz, por ter,... na hora de saber, cara! (sorriso com balanço de cabeça de

desaprovação). Impressionante! [Você acha impressionante?] Eu acho! Não consigo ser assim, (sorriso leve com balanço de cabeça de desaprovação). (Miguel).

Quanto mais proibido e desafiador, mais estimula alguns adolescentes a superarem seus limites.

Não chega ser um vício, mas é frequente. Vamos sair, tem, não evita. É segue o caminho. Na fase que eu 'tô, as pessoas vão muito pela cabeça das outras, por exemplo: “Ah, tudo que é proibido as pessoas estão correndo atrás, por ser proibido dá uma emoção a mais. (Miguel).

O desafio à norma e confrontos vêm da necessidade do adolescente de se diferenciar dos adultos, mostrar que tem outros valores e se parecer com seu grupo de pares. Erikson (1972) acrescenta que, além disso, é peculiar ao adolescente questionar e atualizar as ideologias da sociedade. Assim de acordo com o autor:

A adolescência é, pois, um regenerador vital do processo de evolução social, pois a juventude pode oferecer suas lealdades e energias tanto à conservação daquilo que continua achando verdadeiro como à correção revolucionária do que perdeu significado (ERIKSON, 1972, p. 134).

Não se pretende aqui romancear a atitude adolescente de desafio e ideologia, tampouco justificar o abuso de álcool e o descumprimento da lei em detrimento de reconhecê-los como fatores de risco. Há um risco em se promover essas atitudes como revolucionárias, ainda mais no tocante da identificação de pares e o problema da adoção a grupos e ideologias negativas intolerantes e incorrer na confusão de papéis, delinquência e dependência química no caso do álcool. Ou seja, os questionamentos e o desafio a regras são processos naturais da construção da identidade, fazem parte do processo de se identificar com outros modelos e buscar se diferenciar dos pais e adultos. Entretanto, quando este não é um processo bem orientado, pode acontecer que o adolescente se perca. Diante do que estamos discutindo sobre o discurso vigente sobre o álcool entre outros valores incutidos nesse discurso, fica o questionamento: quais estão sendo os valores e ideologias que a sociedade tem apresentado para que esses adolescentes critiquem e encontrem referências? Que recursos estão a sua disposição para que tenham bons crivos de análise e reflexão?

Frente à discussão sobre que opções de atividades que os adolescentes têm na atualidade, Rebeca descreve o sedentarismo e Miguel aponta a festa na casa de amigos como contraponto para eventos municipais de cultura. Alguns fatores podem interferir nestas colocações: a tecnologia atual, a falta de espaços públicos coletivos, a violência nas ruas, a péssima rede de transportes públicos, etc.

Não, é muito difícil. Assim, aí, a maioria das pessoas são mais sedentárias hoje em dia, né? A gente vê isso. Mas são poucas pessoas que gostam, que praticam alguma coisa. Se pratica é muito raramente. (Rebeca).

O pessoal que conheço costuma fazer muito Hi-fi. Junta bebida, paga uns dez reais cada um. Leva bebida se possível, reúne na casa de alguém e bebe, troca uma ideia, coloca música, churrasco e aí lá dentro lá, a gente fica lá. Aí, evento é mais difícil, como eu disse não gosto desta parada aí de briga, não é muito a minha praia. Mas se eu vou p'ro evento, não bebo muito, bebo só para distrair e procuro não ficar muito tempo. (Miguel).

A violência pode revelar, além de desajustes pessoais, grandes desníveis socioeconômicos e culturais. Violência mais álcool formam uma poderosa bomba,

É briga, desrespeito. É um lance também que eu acho meio chato. Vou dar um lance. Você sai com uma namorada para uma festa, ninguém respeita. Todo mundo dá em cima, não 'tá nem aí. Se você reclamar que estão dando em cima de sua namorada, você apanha. Hoje em dia está assim, a lei do mais forte (riso de desaprovação). E,...., muito,...., ridículo,... chega ser muito ridículo, muita violência, desrespeito. Não tem mais aquele intuito de você aproveitar, de curtir, de se distrair, de se divertir,.. Tem gente que não vai com estes intuítos. Se você encontra uma pessoa destas, o resultado não é muito bom. (Miguel).

Limite, escolha, como isto funciona no adolescente? Parece depender de vários fatores, mas o principal qual é o objetivo nesta ação. No caso pessoal descrito por Miguel, ele afirma ter consciência de seu limite, mas que isto nem sempre foi assim.

[...] eu não parei de beber, mas tem o limite, aí é que entra o limite, você sabe até onde,..., é difícil dar um exemplo porque eu não tenho muito,.. bem, você está em um ambiente com seus familiares, uma comemoração, tipo um aniversário de seus familiares. Você não vai beber, entornar, e, perder a noção. Não, a gente tem que ter o limite. E aí, 'tá, você tem o seu limite. Mas, antes não. Hoje eu tenho limite, mas antes não. Antes era beber até entrar em coma alcóolico (risada de alívio). (Miguel).

É como eu disse, o meu [limite], é bem diferente. O limite das outras pessoas, o limite das pessoas que eu conheço, quando ela foge do padrão é que é o limite. O limite dela é quando foge do padrão, quando foge do padrão é que 'tá legal e ela para. (Miguel).

É fugir da realidade. Fazer loucura e... no outro dia ficar sabendo o que aconteceu. [ficar sabendo por outras pessoas] É ficar sabendo por outras pessoas (sorriso de desaprovação) Tem gente que o prazer dela está em saber o que ela fez. Tipo, ficar naquele mistério, o que foi que eu fiz? Aí, acorda querendo saber e aí,... (balança a cabeça em sinal de desaprovação). Este é o limite para mim. (Miguel).

Quando ele discute sobre o limite relacionado a pessoas conhecidas, levanta outros itens de reflexão. Ele enaltece a busca de quebra de limites por parte de conhecidos seus e contrapõe

como sendo este um sinal de alerta para si. Enquanto os outros buscam “perder a consciência”, quando ele começa a perceber isto em si, para com o consumo de bebida.

Cara,... eu tenho amigos que determinam o limite, mas o limite não é o que para mim seria um limite. O meu limite é bem diferente das outras pessoas, é quando eu já deixo de fazer parte do meio que eu estou. Por mais que eu esteja lá esteja bêbado, eu vou estar diferente, eu vou estar alterado e por estar alterado eu vou perceber que as coisas estão diferentes. Não, eu ‘tô muito errado, tá fugindo do padrão. É, posso dizer esta palavra _ fugir do padrão, do meio que eu ‘tô. Quando eu vejo que estou fugindo do padrão, não eu ‘tô meio,... eu reduzo e volto ao normal. [padrão de comportamento daquele ambiente] (Miguel).

Mesmo este autocontrole não é fácil, pois o efeito da bebida na consciência modifica-se conforme os aspectos biológicos, psicológicos e ambientais do evento. Este controle pode ser uma ilusão ou criar uma linha tênue entre o uso e o abuso do álcool.

Ah! Porque a pessoa se supera, né? Poxa, consegui fugir da minha realidade, pelo que fiquei sabendo foi muito bom o que eu devo ter feito, eu não me arrependo. Tipo quanto mais coisas ela fez fora da realidade, mais ela não vai se arrepender no dia seguinte. [Não tem arrependimento?] Depende,... no geral, não. [Fica bem na fita com a galera?] Hoje em dia ‘tá. Ela fica comentada por um bom tempo, até,... Aí, até que ela encontra aquela pessoa que não consegue ser assim. Tipo aquela pessoa que tenta tanto encher a cara, a ponto de fazer loucura e não consegue. Quer dizer, não encher a cara não, porque é fácil. Mas a questão é saber chegar em casa, saber,... (risos) encher a cara e ‘tá bem. Aí, ela encontra com outras pessoas e aí, (balança a cabeça), vai adquirindo mais (ou más) companhias. [As pessoas vão se agregando?] Não as pessoas, mas aquelas pessoas que tem, né,... a vontade de ser assim. (Miguel).

Quando a escolha pela bebida relaciona-se a questões internas mal resolvidas, o controle do limite parece improvável. Erikson (1972) aponta para a importância das resoluções das crises em cada etapa da vida. Se esta pessoa traz muitas crises anteriores mal resolvidas ou passa pela crise da adolescência de modo não produtivo, fica mais vulnerável aos estímulos externos, pois seu equilíbrio encontra-se prejudicado, dificultando seu caminhar para a maturidade.

Acho, acho porque eu já pensei. Eu vejo que as pessoas estão cada vez mais buscando solução. As pessoas que experimentam, vão experimentar com o desejo de solucionar alguma coisa. Mas na verdade, não muda nada. Acho que é mais para fugir da realidade, de ver como solução de alguma coisa. Mas, como ela tem este desejo, ela não tem limite. Talvez o limite dela seja tudo se resolver, tudo ficar bem. Quanto mais não se resolve, quanto mais ela bebe e não se resolve, ela vai beber mais ainda. E,... a medida está bem longe. (Miguel).

Portanto, podemos inferir que as questões internas mal resolvidas possam representar crises mal resolvidas anteriores à adolescência. Os adolescentes nesta fase se abrem para o

mundo e buscam seu caminho. O conflito que eles irão viver será mais ou menos intenso dependendo de diferentes fatores internos e externos. Assim sendo, poderá caminhar na busca de uma “direção mágica”, como se o álcool fosse diluir seus problemas.

4.7. INFLUÊNCIA CANÔNICA NA NARRATIVA ADOLESCENTE

Três fatores preponderantes podem ser destacados por apontar para a força cultural do uso do álcool: i) uso muito antigo, antes ligado aos rituais e hoje ao relaxamento, lazer e interação social que vai ao encontro de um “possível ritual de passagem” do adolescente em ter ações diferentes das infantis e mais próximas às adultas; ii) grande difusão nas mídias tradicionais e sociais, associando o álcool à liberdade, extroversão e sucesso; iii) fácil acesso, apesar das leis. Será que isto impactaria de alguma forma o adolescente? De que forma?

A narrativa, formada de discursos canônicos e suas rupturas, compreende também a polifonia. Por vezes há predominância de mais de uma mensagem, que podem ser até contrárias, contraditórias, conflituosas. No caso do tema em questão, uso de álcool por adolescentes, há, no nosso ponto de vista, três tipos predominantes de agenciamentos: i) referente ao adolescente, que diz da adolescência do que é esperado socialmente do comportamento do adolescente nesta sociedade, este é o discurso que agrega as teorias do desenvolvimento e a psicologia comum vivenciada nos ambientes sociais, grupo de pares, escolas, família, etc.; ii) referente à lei do álcool e o adolescente, que define o que o adolescente deve ou não fazer, tendo com principais agenciadores, a polícia, as leis, a religião e a família; e por fim, iii) referente à cultura do álcool propriamente dito, que fomenta o álcool e a cultura do abuso, propagado principalmente pelas mídias. Estes três aspectos serão abordados neste subitem.

No primeiro ponto, as características do adolescente difundidas na Psicologia Popular (BRUNER 2002, 1997), presente no senso comum em consonância com as teorias do desenvolvimento podem ser encontradas em várias narrativas de ambos os adolescentes. Reproduz-se o ideário do adolescente que descobre, inventa e experimenta coisas novas. O discurso canônico do que se espera do comportamento adolescente aponta quase como “obrigatoriedade à experimentação”.

Hoje em dia a droga está isto está aquilo,... Eu posso dizer que 90% dos meus amigos já experimentaram, não vou dizer amigos, (...) 90% já experimentou (Miguel).

Já passei por situação, assim, tipo: “Ah, experimenta”; “Não, você pode

experimental, você deve experimentar”. Aí eu: “Não, eu não vou experimentar”. Aí depois de tanto, tipo, aquela pessoa tá ali: “Experimenta vaaai”... Aí eu vou e experimento, entendeu? Mas aí, eu tipo: “Não, não quero mais”, “Não? Então tá bom” Entendeu? (Rebeca)

Experimentou, tinha que experimentar, entendeu? Acho que a fase da adolescência é tipo, ah, é essa fase que tem que experimentar... De uma certa forma você tem, de uma certa forma você não tem, é muito relativo isso, sabe? Porque pode ser bom e pode ser ruim pra você, você experimentar álcool, entendeu? (Rebeca).

O adolescente por iniciativa própria ou com incentivo dos pares aproxima-se do álcool. Tudo pode começar com uma brincadeira, um desafio, uma curiosidade,... Entretanto, as pesquisas apontam que o consumo de bebidas vem acontecendo cada vez mais cedo, e a forma como esse consumo se institui está se agravando (BRASIL, 2007; IBGE, 2009; MALTA, *et al*, 2011; PADILHA, SILVA, 2011; LARANJEIRA *et al*, 2014).

Embora, como já destacado em capítulos anteriores, os adolescentes apresentem um crescimento na taxa de abstinência (não consumiu álcool nos últimos doze meses), os estudos indicam que os que bebem têm a tendência de beber de uma forma problemática. São raros os que conseguem beber pouco e com baixa frequência (LANJEIRA *et al*, 2007; LARANJEIRA, *et al* 2014). Isso se destaca principalmente entre as meninas, conforme evidenciado pelos estudos do LENAD II em 2012 que têm bebido constantemente antes dos 15 anos de idade e, com frequência consome cinco doses ou mais nas ocasiões em que bebe (LARANJEIRA, *et al* 2014). Uma questão que merece atenção especial, e que contradiz o discurso determina que “mulher bebe menos que homem”, “que mulher bebendo é feio”.

Festa adolescente e bebida estão atreladas no imaginário popular. De acordo com isso, Zalaf e Fonseca (2009, apud SILVA, *et al*, 2012, p. 130) observam que o álcool se faz presente na vida dos adolescentes, sobretudo, em festas onde o acesso é favorecido, oportunizando o consumo tanto por parte dos que já consomem, quanto daqueles que ainda não iniciaram o uso. Os autores alertam que “tais condições propiciam o acesso àqueles adolescentes com menos aparato preventivo”. Quebrar este binômio não é fácil e implica em uma alta autoestima, sentimento de pertencimento e identidade pessoal resolvida.

É, não interferem na minha opinião de,... tipo... ter que ir pra festa, tipo: “Ah, tem que beber”. Se eu vou na festa não tenho que beber, entendeu? (falou em tom afirmativo, quase que se defendendo) Só que quando você vai numa festa e você não bebe, você fica meio que excluído dessa festa, dos seus amigos, assim, entendeu? Porque você se sentindo diferente de qualquer forma, você se sente diferente se você não beber. Então você acaba não frequentando aquele local, entendeu? (Rebeca).

Rebeca, entrevistada, replica que mesmo que a adolescência seja a “idade” da

experimentação, isto não significa que não haja escolhas saudáveis. Assim como Miguel, que também afirma já ter experimentado, e não necessariamente optar pelo uso abusivo ou por sua continuidade.

Não vai interferir na minha saúde, nem nos meus estudos, nem no meu modo de pensar, independente das pessoas acharem, tipo, “Ah, adolescente tem que fazer isso, tá na fase de se descobrir, tem que experimentar mesmo”. Eu já experimentei, mas eu sei que não é certo, e como eu já tenho casos na família, já acontece muito, então, eu prefiro, tipo, desenvolver isso, entendeu? Já que eu tenho algo pra desenvolver isso. Entendeu? (Rebeca).

A questão da passagem do tempo é por vezes vivenciada no imaginário popular como pura perda, com saudosismo e exaltação da adolescência como um período de poucas responsabilidades e só felicidade. Esta fantasia é reproduzida na fala de Miguel.

Como os adultos mesmo falam: Ah, esta idade não volta. Vou aproveitar mesmo, já que não volta (Miguel).

O discurso canônico sobre o adolescente é explicitado por Rebeca, que trata com naturalidade o tema e relaciona a experimentação do álcool com a curiosidade desta etapa de vida.

Não sei, acho que é coisa de adolescente mesmo, de querer experimentar algo novo, sabe? É uma curiosidade, coisa de adolescente, assim como outras coisas, não só drogas, entendeu? Eu acho que é uma coisa normal, assim, já que existe, por que não experimentar?

Este é um ponto de ruptura interessante evidenciado nas narrativas dos entrevistados, que indica reflexão diante dos discursos que lhes são apresentados no cotidiano, tanto no que se referem à “obrigatoriedade de experimentação”, quanto do que diz da proibição, do inadequado. Estamos em constante negociação com esses discursos, e outros mais, que nos atravessam. Essas negociações que, de acordo com Bruner (2002, p.61) “são estabelecidas numa mútua partilha de pressupostos e convicções sobre como o mundo é, como a mente funciona, sobre o que vamos fazer e como a comunicação deveria acontecer” refletem a capacidade do self de estabelecer transações e produzir tais rupturas libertadoras do indivíduo. O adolescente, mais do que em outras fases, na constituição da identidade, segundo Erikson (1972, p. 21), está nessa constante negociação com o seu imaginário de si e dos outros sobre si, e vice e versa, um processo que na maior parte do tempo é inconsciente, “exceto quando as condições internas e as circunstâncias externas se combinam para agravar uma dolorosa ou eufórica ‘consciência de identidade’”.

Os entrevistados evidenciam em seu discurso reconhecerem a influência dos amigos

sobre o consumo de álcool como sendo predominante em detrimento de outros agenciamentos como os da cultura e da mídia.

É assim, porque, tipo, se você tem doze anos e tivesse andando com meus amigos de dezoito anos, é bem diferente a faixa etária, sabe? Aí, tipo, isso influencia um pouco também, porque querendo ou não amigo influencia você... Tipo: “Ah, vamos pra uma festa” – aí se você, tipo, tá sozinho, tá deprimido – “Ah vamos pra festa, então” – você tá lá quieto – “Poh, você não vai beber?! Vamos beber”, “Não, não vou beber”, “Ah, só um golinho”. Aí nesse, “só um golinho” você vai indo, vai indo... daqui a pouco você já está bêbado na festa, entendeu? Tipo, você não consegue, tipo: “Ah, não, não quero mais”. Aí o amigo fica ali, entendeu? Porque tem gente que é persistente. Tem amigo que não, “Ah, se você não quer beber, tudo bem”, tem amigo que aceita você não beber, mas tem amigos que não... entendeu? (Rebeca).

Mesmo frente à pergunta explícita da entrevistadora se haveria uma cultura que favorecesse o consumo do álcool, Rebeca continua sua narrativa implicando apenas a influência de adolescentes mais velhos e adultos no comportamento do adolescente que abusa do álcool. Neste ponto de vista exclui o que as pesquisas sobre influência cultural e midiática contidas, por exemplo, em propagandas de bebidas. Cabe a reflexão, quem influencia estes “amigos”? Estudiosos destacam que existem evidências sugestivas de que a propaganda contribui para a ampla aceitabilidade social das bebidas alcoólicas, e, desse modo, influencia tanto no primeiro uso, quanto no uso continuado dessa substância (MARTIN *et al*, 2002, ELLICKSON *et al*, 2005).

Entretanto, de fato, embora a análise dos entrevistados sobre a questão seja unidimensional, endereçando a influência do consumo de bebidas aos amigos, essa força do grupo se confirma como preponderante para a maioria dos adolescentes que a reconhecem acima de outras dimensões mais amplas, o que vem sendo corroborado pelas pesquisas de maneira geral (PECHANSKY, SZOBOT, SCIVOLETTO, 2004; PINSKY, BESSA, 2004; SOUZA, 2009 SILVA, 2010; PADILHA; SILVA, 2011, p.1063; SILVA *et al*, 2012). Pinsky e Bessa (2004) afirmam que o álcool pode ser eleito uma ferramenta de integração na adolescência, justamente quando a preocupação com a inserção no grupo se torna fundamental. Silva (2010) constatou em seu estudo que, em sua maioria, os adolescentes acreditam na influência dos amigos no consumo de bebida alcoólica e que, geralmente o consumo dessa bebida acontece principalmente na companhia dos amigos, além disso, grande parte do grupo admitiu que já pressionaram alguém a consumir álcool em determinada ocasião.

Wood *et al* (2004 apud Silva, 2010, p. 37) destacam em seu trabalho que tais influências foram classificadas para incluir duas dimensões, a modelagem e as normas sociais percebidas.

Modelagem social refere-se à cópia do modelo e imitação do comportamento de beber dos amigos íntimos; normas sociais percebidas relacionam-se às crenças sobre o quanto e como frequentemente estudantes consomem bebida alcoólica. Normas percebidas são exemplos de normas descritivas, que se referem às percepções sobre quanto o comportamento dos outros são aceitos (WOOD et al 2004 apud Silva, 2010, p. 37).

No segundo ponto, sobre a relação entre o álcool e a lei, mesmo sendo proibida a venda do álcool aos adolescentes, no cotidiano seu acesso é fácil. Nicastrì (2011) destaca que, na maior parte dos países, o álcool é droga mais barata tendo a maior distribuição mundial. A substância está à disposição do jovem em uma grande variedade de comércios, desde bares, e botecos, até padarias e supermercados. Muitos pesquisadores são unânimes em afirmar que o álcool é, atualmente, a droga mais usada pelos adolescentes (BRASIL, 2007; IBGE, 2009; MALTA, *et al*, 2011; PADILHA, SILVA, 2011; LARANJEIRA *et al*, 2014).

As pessoas procuram mais o que está mais fácil, ao alcance, as bebidas, drogas para se distrair,... não vou mentir e dizer que não faço, mas,... bebo. (Miguel).

Há envios de mensagens de duplo sentido simultaneamente: de proibição, nas campanhas oficiais, na contrapropaganda, e permissão/incentivo nas músicas, filmes, publicidade, etc.. O trecho abaixo evidencia a relação entre o uso do álcool e a busca da facilidade de acesso.

Porque hoje em dia as pessoas falam: “Ah! Não pode vender para menores de 18 anos”. Mas você vai em qualquer lugar, menor de 18, e você consegue. Então o pessoal está em busca de facilidade (Miguel).

Procuram mais esse tipo de festas. Até porque, quando uma festa é liberado, tipo a bebida só pra dezoito anos, a pessoa que é menor dá um jeito de pegar a bebida ali, porque se não pegar a bebida não vai ter graça a festa. (Rebeca).

Não é desconhecido que o acesso ao álcool é facilitado por fatores como seu baixo custo, locais diversos de venda, falta de estipulação de horário, entretanto o mais agravante é o desrespeito à proibição de venda para menores por parte dos comerciantes. Embora a legislação brasileira seja enfática com relação à proibição da venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos, relatos como esses deixam claro que ela não tem sido cumprida e tampouco fiscalizada (PINKSY, 2009; PECHANSKY, SZOBOT, SCIVOLETO, 2012).

Ao encontro disso, vem um traço tipicamente reconhecido no adolescente e do discurso canônico sobre ele, a rebeldia e o desafio às normas, como já discutido na categoria anterior, e que vale ser destacado como um fator que pode contribuir para um estímulo ao abuso de álcool como forma de se diferenciar. Além disso, como citado no subitem anterior, existem as normas sociais percebidas no grupo que regulamentam o modo de consumo de álcool entre os

adolescentes. Entretanto, tais influências dos pares são fatores de risco determinantes do comportamento de beber no fim da adolescência (WOOD *et al*, 2004 apud SILVA, 2010).

Um ponto a ressaltar, no que concerne percepção de norma pelos entrevistados, através de uma autoanálise da entrevistadora, é o fato de a mesma participar na cidade de um programa de conscientização do adolescente sobre o álcool, e isto ser de conhecimento dos entrevistados, o que pode ter colaborado no “discurso da norma” expresso nas narrativas. Eles poderiam ter a intenção, mesmo que inconsciente, do “politicamente correto”. Se isto for verdadeiro, pode demonstrar que o adolescente supõe o que se espera dele e o que é normativamente “adequado” e as rupturas com esses discursos, demonstrando assimilação, adequação e síntese.

No terceiro ponto, a imagem propaganda do álcool, principalmente, de uma forma subliminar principalmente é difundida a ideia da libertação e diversão. Frente à pergunta da entrevistadora sobre o que os adolescentes e jovens fazem para se divertir, ambos entrevistados destacaram a “balada”.

Hoje tem um padrão, né. Os jovens tentam padronizar, é sair balada, beber,... usar drogas,... (Miguel).

Só que maioria do jovem hoje em dia acha que tem que curtir a vida, e curtir a vida só se for bebendo. Só se for, tipo, indo pra festa. O meu ponto de vista é esse, entendeu? É porque se você vai numa festa e não tem bebida: _ “Ah, aquela festa ‘tava chata” (fez uma expressão de quem não entende o sentido disso). Você ouviu muito isso, entendeu?: _ “Ah, aquela festa não vai poder ter bebida”, “Ah, então eu não vou”, “Ah, não tem bebida na festa, como assim, não tem bebida numa festa?”. A gente ouviu muito isso. (Rebeca)

Entre as mensagens difundidas especialmente nas propagandas de cerveja, falam e apelam para o universo juvenil, com elementos como o relaxamento, bons momentos, alegria, festa, diversão, sensualidade, em contextos especialmente ligados a cenários como festas, baladas, praia. Pinsky *et al* (2009) ressaltam que em “termos quase caricatos poderíamos dizer que a imagem que se passa é: beber é fazer parte, não beber é estar de fora. Beber é libertador, não beber é repressor” sendo essa mensagem repetida invariavelmente através dos comerciais veiculados pela televisão, rádio, internet, eventos musicais e esportivos.

Em análise complementar, Pinsky (2014) resalta que além desses elementos retratados pelas propagandas, há iniciativas massivas em conquistar esse público como promoção de festas com patrocínios das marcas, e desenvolvimento produtos com a mistura de refrigerante, entre outros com sabor atrativo. Além de tudo, o mais importante entre essas estratégias, tem sido o uso de elementos simbólicos nacionais, a autora destaca que esse tipo de “associação das bebidas alcoólicas com o que temos de mais característico no nosso país normatiza o álcool”

(PINSKY, 2014, p. 2).

O uso do álcool relaciona-se com o imediatismo, a falta de projeção de futuro, o consumismo. Frente à indagação do que poderia influenciar o jovem ao uso abusivo do álcool, o trecho abaixo parece ser emblemático.

Não sei, mas eu acho que é... mais o objetivo: fugir da realidade. (Miguel).

Cabe lembrar o discurso fantástico contidos nas músicas populares brasileiras que fazem sucesso atualmente, entre outras que estão nas mídias de forma atemporal, que incentivam a ideia de fuga da realidade, através de acontecimentos “absurdos” durante uma bebedeira, além da fugacidade e desprendimento e compromissos com vínculos sociais e relacionais. O trecho a seguir ilustra como têm sido valorizadas essas atitudes:

[Por que você acha que as pessoas gostam desta emoção] Ah! Porque a pessoa se supera, né? Poxa, consegui fugir da minha realidade, pelo que fiquei sabendo foi muito bom o que eu devo ter feito, eu não me arrependo. Tipo quanto mais coisas ela fez fora da realidade, mais ela não vai se arrepender no dia seguinte. [não tem arrependimento?] Depende,... no geral, não.

Curioso perceber que a questão mercadológica do álcool, conforme descrita por Carneiro (2004, p.2) não aparece nas narrativas. O autor pontua que a relação de consumo com o álcool se traduz como metáfora e protótipo das outras relações de consumo, que diz de uma mercadoria que “se apossa de seu consumidor”. No caso do adolescente, podemos pensar que tipo de metáfora de mercado estaria prevalecendo: O apelo sexual atrelado principalmente nos comerciais de cerveja, como por exemplo, da cerveja Itaipava que apresenta uma mulher jovem muito atraente para os modelos atuais chamada de Verão. Este nome traz duplo sentido, remete tanto à estação do ano quanto a condição estética acima dos padrões, com “abundância de beleza”, como dizem os adolescentes. Nesta propaganda, a direção vai tanto para o lado masculino do apelo do desejo sexual, quando para o lado feminino do apelo de ser objeto de desejo, explorando o máximo do apelo sexual. Engendrando no imaginário popular modelos a se comparar e seguir. O que vai contra o próprio Código de Regulação dos Publicitários – CONAR – como já destacado neste trabalho (PINSKY *et al*, 2009).

Questão mercadológica esta, que vende um estilo de vida centrado na fuga da realidade, (como referido na fala de Miguel), e em viver para festas (como quando Rebeca fala do principal meio de diversão, e as vezes o único). A felicidade é depositada no uso de bebidas.

Não foi encontrada de forma explícita nas narrativas, a menção a músicas, propagandas ou outra mídia sobre o álcool. Contudo, isto não quer dizer que esta influência não ocorra, por exemplo, quando ambos entrevistados apontam a balada como opção principal de diversão

adolescente e a relacionam diretamente com o abuso do álcool. Este comportamento é enaltecido em músicas, novelas, filmes, seriados, memes, etc. e refletido na fala dos entrevistados. Como por exemplo, a promoção e legitimação de um dia da semana específico, a “sexta-feira”, como um dia de se divertir, de relaxar e esquecer dos problemas, um dia então, para se beber, e com reconhecimento nacional. Assim, como dito na música da dupla sertaneja Leandro e Leonardo, de título e refrão “Cerveja”, na qual cantam “Hoje é sexta-feira, chega de cansa, nada de tristeza, pega uma cerveja”.

De noite, eu estudo, e depois eu durmo. Praticante isto de segunda a sexta. Não! De segunda a quarta. Porque sexta, já é o dia que as pessoas mais apostam nela. Então na sexta feira, eu procuro algum evento. Algo que reúna muita gente, que chame minha atenção. Tipo, sei lá, uma festa na casa de alguém, não é nada certo. Aí, eu procuro alguma coisa e vou [...]. Quer dizer, sair mesmo é só segunda, sexta e sábado (Miguel).

Outro indicador do discurso disseminado nas mídias, músicas e filmes, que se faz presente na narrativa adolescente é a valorização do uso exagerado do álcool, que não de forma pronunciada, mas integrada no discurso é relacionada às influências midiáticas. Por exemplo, no seguinte trecho se confirma a existência de um hipervalorização do abuso e álcool entre os jovens como promoção de status:

Às vezes, a pessoa no dia seguinte, dependendo do evento que ela foi, ela começa a se,... como é que eu vou dizer,... (pausa em pensamento), ela se orgulha do que fez, por ser tipo: “Ah! Esta festa aqui,... o pessoal bebe p’ra caramba, então eu vou beber muito! P’ra no outro dia eu ficar comentado, ficar falado”. [Quem faz isso fica bem na fita com a galera?] Hoje em dia tá. Ela fica comentada por um bom tempo [...](Miguel)

Porque ela vai se sentir... Como isso tá evoluindo muito, tipo, essas coisa estão acontecendo com a maioria dos adolescentes, tipo, tá ficando normal já. Tipo: “Ah, eu fui para a festa bebi muito e enchi a cara, fui carregada pra casa”. As pessoas riem, mas ao mesmo tempo, “Ah eu também fui carregado, um dia aconteceu isso comigo”(Rebeca).

Esse consumo exagerado é refletido nos dados encontrados nos últimos levantamentos sobre padrões de consumo de álcool, tendo como principal padrão relacionado aos jovens o *binge drinking* destacaram que em relação ao beber em *binge* (LARANJEIRA *et al*, 2007; LARANJEIRA, *et al* 2014) Entre os riscos provocados por essa modalidade de consumo, Andrade e Oliveira (2009) destacam que se observa uma crescente associação entre o uso pesado de álcool e o aumento do risco de ocorrência de derrame cerebrovascular. Além de evidências epidemiológicas que demonstram que beber no padrão *binge drinking* está

relacionado a situações adversas no âmbito social e na saúde, tais como: sexualidade de risco, violência, comportamento antissocial e problemas escolares, entre outros (SILVEIRA, 2011).

Em informação complementar, no ano de 2010, a OMS registrou que 12,7% da população geral afirmaram ter bebido em *binge*, considerando o critério de consumo de 60g ou mais de álcool puro num único episódio nos últimos 30 dias. O *beber pesado episódico*, é o padrão que mais preocupa a OMS, por ser um comportamento de alto risco para os indivíduos, podendo resultar em morte por intoxicação, acidentes e violência. No Brasil, a taxa de pessoas que declaram beber de forma exagerada em pelo menos alguma ocasião representa um terço da população que bebe (WHO, 2014).

Como já observado, os adolescentes relacionam esse consumo excessivo com superar limites. A glamourização do álcool é, não apenas descrita, mas reforçada neste superar desafios. O sentimento de romper barreiras, “sacudir geral”, é buscado no uso abusivo do álcool, visto que este vem associado o status social no seu grupo de pares. Aqui está presente a força do grupo, como este valida o comportamento de seus pares. Tanto Erikson (1972) quanto Bruner (2002, 1997) realçam a força do grupo no incentivo destas ações. O adolescente “rebelde” personifica a angústia do grupo e a assume para si, aumentando sua pressão interna já existente.

[Beber assim traz tipo um sucesso?] (risos de concordância) É, um sucesso (sorriso com desaprovação). Um sucesso. [Por que foi que você riu assim?] Ah! Porque é estranho você falar assim,... é eu vou ter um sucesso por ter chegado não sei como, não sei o que que eu fiz, de que maneira, é meio, meio sem noção (sério, balança a cabeça com desaprovação). [Você deu risada porque você acha ridículo [...] da parte dele?]. Não, achei engraçado, tipo, ah é meio,... não vou dizer ridículo, mas não tem sentido nenhum, sabe? Não vi sentido nenhum de você, (balança a cabeça),... você adquirir uma fama por você,.. e companhias,... adquirir amigos por você ter enchido a cara e... parece que não é normal, não é coisa deste mundo, sabe? Então (risos) (Miguel).

Contudo, embora a glamourização do abuso de álcool e promoção do status de quem bebe sejam evidenciados nas falas dos entrevistados, eles não as relacionam como sendo uma sugestão do discurso canônico midiático, dessa maneira, não demonstram refletir sobre essa influência, antes disso endereçam esse comportamento à influência dos amigos e modelos entre o grupo de pares.

Tipo aquela pessoa que tenta tanto encher a cara, a ponto de fazer loucura e não consegue. Quer dizer, não encher a cara não, porque é fácil. Mas a questão é saber chegar em casa, saber,... (risos) encher a cara e ‘tá bem’. Aí, ela encontra com outras pessoas e aí, (balança a cabeça), vai adquirindo mais companhias. [As pessoas vão se agregando?] Não as pessoas, mas aquelas pessoas que tem, né,..., a vontade de ser assim. (Miguel)

[...][De onde você acha que as pessoas tiraram esta ideia que isto é maneiro?]

(pensa para responder) Eu sei que... cada um aprende com o outro [...]. Tipo, uma coisa diferente e você vai vendo um com o outro e (balança a cabeça negativamente). Acho que é mais um maluco aí que não tem nada p'ra fazer que inventa e o outro aprende. [Entendi, eles vão passando de um para o outro?] É!(Miguel)

Entretanto, Miguel faz questão de declarar que esse não é um comportamento que ele aprove e diz não compreender como algumas pessoas podem achar que ganhariam sucesso, fama e amigos ao atrelar a própria imagem aos episódios de bebedeira e exposição.

[Isto traz tipo um sucesso?] (risos de concordância) É, um sucesso (sorriso com desaprovação). Um sucesso. [Por que foi que você riu assim?] Ah! Porque é estranho você falar assim,... é eu vou ter um sucesso por ter chegado não sei como, não sei o que que eu fiz, de que maneira. É meio, meio sem noção (sério balança a cabeça com desaprovação). [...] [Você deu risada porque você acha ridículo [...] da parte dele?] Não, achei engraçado, tipo, ah é meio,... não vou dizer ridículo, mas não tem sentido nenhum, sabe? Não vi sentido nenhum de você, (balança a cabeça),... você adquirir uma fama por você,.. e companhias,... adquirir amigos por você ter enchido a cara e... parece que não é normal, não é coisa deste mundo, sabe? Então (risos). (Miguel).

Rebeca também diz desaprove, principalmente o fato de as pessoas se exporem, e evidencia em especial uma questão de gênero, reproduzindo o discurso machista de que em uma situação dessa instância existe um agravante moral para a mulher que, frequentemente é vista como alvo de críticas, desmoralização e principalmente abuso sexual (SILVA, SOUZA, 2011).

P'ras pessoas que fazem isso, tipo, elas querem contar que isso aconteceu. Tipo, se eu bebesse e acontecer algo comigo eu, tipo: “não foi comigo, não aconteceu nada”, (gargalhadas da entrevistadora) “eu naquela festa, não era eu”. Eu teria vergonha de contar, até porque eu teria vergonha de tá bebendo assim. [aham] Eu não acho que é legal, principalmente pra mulher, acho que desvaloriza muito, sabe? Não é, não é legal! Ainda mais uma menina de 15/16 anos. “Ah, eu tenho que ir p'ra festa, tenho que beber...” É muito feio, entendeu? Para mim é muito feio, no meu ponto de vista é muito feio isso.

A bebida é mais difundida nos ambientes frequentados por Miguel do que nos ambientes frequentados por Rebeca. Nota-se que ambos são religiosos. Suárez (2005) analisa o conceito de Erik Erikson sobre a crise de identidade no adolescente, assim como as implicações para a práxis religiosa, especificamente no trabalho com adolescentes. Pautado em Pfromm Netto (1976), o autor destaca a religião como um aspecto que deve ser estudado pelos que desejam compreender e orientar o adolescente.

Para além do fator religioso, parece que a questão do gênero interfere no processo de escolha: as meninas “certinhas” e as meninas “rebeldes”; assim como as experiências familiares e sociais prévias com pessoas envolvidas com uso abusivo do álcool.

É evidente que essas situações, quando colocadas num plano frio de análise e reflexão, ressaltam-se como inadequadas – como na fala de Miguel, “Não vi sentido nenhum de você, [...] você adquirir uma fama [...] companhias, adquirir amigos por você ter enchido a cara [...] parece que não é normal, não é coisa deste mundo [...]” – todavia, ao falar sobre elas os entrevistados revelam algumas expressões que parecem um misto de perplexidade e encantamento, às vezes por usar um tom sarcástico, outras por risadas de “desaprovação”.

Contudo, não seria este o papel da narrativa? Abrir possibilidades para que os sujeitos, diante de suas falas e na relação com o outro, se ouçam e percebam em seus discursos o que lhes é incongruente ou o que pertence a sua própria perspectiva?

Em virtude do que foi mencionado, considerando este subitem e todo o trabalho, o objetivo se afirmou em perceber como os discursos culturais e midiáticos se dispunham na narrativa adolescente. A partir disso, evidencia-se o papel da narrativa em favor do indivíduo, que teria para ele a função “de gerir os desvios em relação ao considerado canônico, que corresponde à norma” (DUARTE, ROAZZI, 2013, p.120).

O indivíduo, ao se retratar, também se constitui – daí advém o valor libertador da narrativa. Ao falar da própria história e de seus pontos de vista, o sujeito tem a oportunidade de ter um olhar exterior sobre si, podendo vislumbrar o que na sua fala lhe pertence e o que é reproduzindo. Isto lhe oportuniza ponderar a respeito do que pensa e reproduz. Cabe à narrativa trazer evidência ao discurso canônico e produzir suas rupturas a partir do que o indivíduo versa.

Em última análise, na entrevista como um todo, destacam-se as reflexões e percepções sobre o comportamento e postura dos adolescentes e da entrevistadora. A partir do que destaca a perspectiva da epistemologia não-ordinária e da própria narrativa, as pessoas que se colocaram naquele momento de entrevista não eram mais as mesmas de antes, elas se modificaram no ato daquela relação, com as negociações, percepções, estratégias e posturas. O próprio *colocar-se* em determinada situação, muda a disposição das pessoas envolvidas. Nisto está o problema da neutralidade nas relações e na pesquisa, o próprio ambiente, a consciência dessa situação, modifica as pessoas e as coloca na intencionalidade da situação, o que as faz escolher o que dizer e quando dizer. Entretanto, é nesse jogo que acontecem a fluidez, as falhas, o falar mais do que se pretende. Mesmo o entrevistador munido de técnica o faz. Por exemplo, a fim de respeitar a premissa de viabilizar ao máximo as falas dos entrevistados, a entrevistadora, utilizando em demasia a técnica de repetição para elaborar as perguntas, pecou pelo excesso de zelo podendo ter gerado em alguns momentos efeito contrário do que havia desejado, talvez objetivando a fala dos entrevistados. Da mesma maneira, os mesmos podem ter tido a intenção de controlar o que diriam à entrevistadora, sabendo o papel implícito de “norma” que ela

ocupava.

Bruner (2002, p.18) nos diz “[...] a narrativa trata das vicissitudes da intenção”.

5. CONSIDERAÇÕES GERAIS

A presente pesquisa teve como finalidade verificar como o uso abusivo do álcool relaciona-se ao glamour na sociedade atual sob o ponto de vista do adolescente. Para aprofundar o estudo dessa questão objetivou-se investigar o que o adolescente narra a respeito do uso abusivo do álcool na adolescência, perpassando questões pessoais e contextuais e como o discurso canônico sobre o uso do álcool encontrado na mídia, principalmente propagandas televisivas e músicas populares se presentifica na narrativa do adolescente.

Este trabalho lança um olhar crítico sobre o consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes, partindo da conjectura sobre a valorização exacerbada do consumo abusivo de álcool na sociedade contemporânea. Para tanto, foi realizada uma pesquisa descritiva, qualitativa, utilizando como ferramenta a entrevista semi-estruturada dirigida a dois adolescentes, de ambos os sexos. Os sujeitos escolhidos tinham como característica comum, ter dezoito anos completos e cursar o terceiro ano do Ensino Médio em uma cidade do interior do RJ. Utilizou-se o método narrativo de apreensão dos discursos e seus elementos. A partir disso os dados encontrados foram divididos em duas categorias: narrativas adolescentes sobre uso abusivo do álcool, na qual a foi abordada a maneira que os adolescentes descrevem a relação entre adolescência e álcool; e influência canônica na narrativa adolescente, na qual buscou-se abordar questão da influência do contexto sociocultural na constituição identitária do adolescente.

Os resultados encontrados apontaram para a confirmação da conjectura inicial, ou seja, o discurso da glamourização do abuso de álcool, da hipervalorização do exagero no consumo e do status promovido por esse comportamento, disponível nas mídias são presentificados na narrativa dos adolescentes. Essa questão é de suma importância, pois retrata o impacto desses elementos no comportamento dos adolescentes, mesmo que os entrevistados em questão afirmem não consumirem o álcool de maneira abusiva, ou mesmo que não valorizem essa atitude, sua narrativa reflete a realidade de jovens e adolescentes que a vivenciam. Embora circunscritos num contexto sócio-histórico-cultural específico e singular, denota-se a incidência da canocidade midiática operando nas ações e atitudes dos adolescentes.

Contudo, um aspecto intrigante foi o fato de que os adolescentes não reconhecem a influência desse discurso como advindo das mídias e da cultura em geral, pelo contrário, relacionam a origem desse comportamento apenas aos grupos de pares, endereçando a

influência de amigos e adolescentes mais velhos. Sendo assim, valorizam a influência dos amigos sobre o consumo de álcool com sendo predominante em detrimento de outros agenciamentos como os da cultura e da mídia. A questão que nos cabe é quem influencia estes “amigos”?

Em vista das pesquisas apresentadas, percebe-se que há dados que sugerem impacto direto das propagandas de bebidas alcoólicas nas atitudes e intenções de uso de álcool em adolescentes, da mesma maneira as músicas e frases populares sustentam a cultura do consumo. O que surpreende nesses resultados é que em nenhum momento houve menção de algum desses elementos midiático-culturais o que demonstra a força da canocidade desses discursos atravessados na cotidianidade dos adolescentes.

Ademais, tendo o álcool como a droga de mais fácil acesso ao público em geral, percebe-se que ele vem se tornando um elemento, muitas vezes, catalisador das experiências juvenis, permeando diversas esferas sociais, estando constantemente relacionado à diversão, ao engajamento e sucesso sexual, aos modos/estilos de vida, status, à fuga da realidade, à experimentação de sensações, ao mecanismo de alienação e anestesiamento. Tais elementos foram encontrados nas falas dos entrevistados sustentando o papel do álcool, na sociedade contemporânea, como *lubrificante social*, relacionado a uma gama muito extensa de situações e sendo exaltado em seu uso sem limites. Dessa forma, o adolescente, no papel de “alguém” na busca de assimilação, compreensão e intervenção na realidade bombardeado por suas questões pessoais e ao mesmo tempo questões contextuais, vê-se, por vezes, vulnerável à confusão de identidade, entre outros riscos oferecidos pela substância.

Desse modo, outro aspecto ressaltado foi a importância da família e de vínculos significativos para a projeção de meta e sentido de vida, ambos entrevistados relataram e valorizaram a relação com a família e como a qualidade desse vínculo pode influir nas decisões sobre uso de álcool. Esses vínculos positivos são preponderantes como referências para a constituição da identidade dos adolescentes.

Pela observação dos aspectos analisados, concluímos que os discursos dispostos nas mídias e na cultura hegemônica operam seu poder simbólico na canocidade cotidiana de forma tal que nem sempre é percebida sua influência nas falas e comportamentos repetidos diariamente. Dessa maneira, considera-se o material midiático disponível e o *lobby* do álcool como inescrupulosos no que tange à sua valorização em detrimento à percepção dos problemas causados pelo uso abusivo da substância.

Existe um jogo perverso entre a supervalorização do uso abusivo de álcool (pela mídia, propaganda e seu reflexo na cultura cotidiana) e a discriminação / estigmatização / exclusão de

quem sofre as consequências e prejuízos reais desse modo de consumo, a saber: alcoolismo. O que ocorre é uma falta de conexão entre os discursos do uso indevido e suas consequências maiores (p. ex. alcoolismo, morte, violência, etc.), há, na verdade, uma valorização das consequências e prejuízos “menores” como reflexo de uma vida cheia de aventuras, uma vida que deve ser vivida com emoção e intensidade rompendo limites. Ao passo que, quem de fato rompe esse limite, quem cruza a linha tênue entre a aventura e a tragédia, será negado, estará fadado à exclusão. Sua imagem é desvinculada dessa realidade, não existe nesse discurso, a menos que seja para figurar um papel tragicômico, o clássico papel do ébrio, cambaleante.

Sugerir ações educativas e preventivas é lugar comum na conclusão de pesquisas que envolvem a problemática do adolescente e uso de drogas de maneira geral, além de recomendar que se façam mais pesquisas nessa área para que se aprofunde e compreenda-se melhor o fenômeno, é quase um jargão deste tipo de pesquisa. Não se pretende nesse texto desmerecer essas medidas, tampouco desqualificar a importância do investimento em prevenção e educação, o que se quer destacar é que mesmo quando se sugerem medidas como essas no final dos trabalhos acadêmicos gera-se a impressão que, mais uma vez, está-se responsabilizando apenas o próprio público a quem se quer “proteger”, os adolescentes, suas famílias... Quando se delega uma problemática como essa apenas à educação, às políticas públicas, às políticas de base, às micropolíticas, estamos reforçando a problemática. Haja visto o fato de que todo o discurso sobre o fracasso na resolução de algum problema no país se reduz à educação. O que nos faz lembrar dos professores da rede pública, a impressão que fica é que se está delegando um problema dessa magnitude ao profissional, infelizmente, mais desvalorizado e maltratado de todo nosso sistema. Enquanto que a base de um problema como esse está profundamente arraigada na cultura hegemônica fomentada e validada pela mídia e no problema de a mídia ser hoje a grande educadora da nossa população, não somente a escola tem esse papel e essa responsabilidade. E o problema maior de a mídia estar hoje a serviço de quem detém o capital e tem interesses de que tudo continue exatamente do jeito que está. O álcool é – aliado à mídia – a segunda maior ferramenta de alienação, é toda uma cultura estruturada em favor de que as pessoas o consumam sem questionamento, sem criticidade.

Não é intenção deste texto reforçar o discurso de “guerra às drogas”, muito pelo contrário, a ideia é que se aprenda a conviver e a se relacionar. Este é ponto que merece ser problematizado o espaço de relação que existe entre um indivíduo e uma garrafa de bebida alcoólica e como se opera essa relação e quem de fato faz a mediação. É preciso uma normatização da mídia e de quem a domina para que haja mais fatores de proteção do que de risco, principalmente quando se trata de adolescentes e crianças que são expostos todos os dias,

sem nenhuma proteção, nenhum filtro ao discurso do abuso de álcool, vendido como status e estilo de vida. Como afirmado anteriormente, não é intenção deste estudo demonizar os veículos midiáticos ignorando outros fatores contribuintes a essa problemática, tampouco menosprezar a capacidade crítica dos adolescentes e jovens tendendo à sua vitimização, entretanto é necessário alocar esta questão com devida atenção mediante ao papel e importância da mídia em adquirido em nosso cotidiano.

Desse modo, faz-se premente a mobilização das múltiplas esferas sociais em prol de uma regulamentação mais incisiva dos diversos veículos midiáticos. Além de tudo, é preciso que se promovam mais espaços para os diálogos e narrativas sobre a temática, pois é na narrativa que as rupturas acontecem e se desenvolve a criticidade. Nesse sentido, faz-se necessário o reforço de políticas e medidas de promoção de saúde, informação e reflexão. Ampliação e visibilidade de medidas como os cursos gratuitos promovidos pela SENAD voltados para capacitações de professores, conselheiros comunitários e profissionais interessados, além de fortalecimento e fomento a projetos sociais e iniciativas coletivas que desempenhem trabalhos desse perfil.

No âmbito da pesquisa acadêmica destaca-se a importância de ampliar esse diálogo contando com a presença de autores, tais como: Brofenbrenner, Gramsci, Bourdieu, Adorno e Thompson, cada qual em sua teoria poderiam trazer elementos novos que enriqueceriam o aprofundamento desse trabalho. E ainda aprofundar o diálogo entre Erikson & Bruner, a fim de que se tenha uma melhor compreensão da relação entre os conceitos de constituição de identidade e a formação do self dialógico no adolescente e as negociações que lhes são inerentes voltadas ao tema do abuso de álcool.

Sugere-se uma pesquisa mais ampla sobre a presentificação do discurso canônico da glamourização e espetacularização do abuso de álcool nas narrativas adolescentes, alargando-se o número de participantes, a diversidade de contextos e classes econômicas, aprofundando da técnica de entrevistas e grupo focal. Dessa maneira, se alcançaria um panorama mais rico sobre os fatores que constituem essa problemática.

Outro aspecto que merece destaque é o processo de subjetivação. Este conceito teórico parece oferecer elementos para o aprofundamento da temática desta pesquisa. Assim sendo, indicamos o estudo sobre a relação entre a constituição da subjetividade e do desenvolvimento psicológico do adolescente na contemporaneidade e como isto se presentifica no cotidiano.

Mais um fenômeno que necessita de atenção é a questão de gênero, principalmente, a atenção ao papel da mulher, a como ele tem sido figurado e, por que não?, explorado na mídia principalmente nas propagandas de cerveja – e como isso pode ou não incidir no aumento do

uso/abuso de álcool entre as mulheres, como tem sido evidenciado nos últimos levantamentos e pesquisas desse âmbito. Sugere-se que se investigue a relação entre o discurso machista e de exploração da sexualidade feminina disposto nesses veículos e de violência sexual contra mulheres, principalmente em ambientes como as baladas. Visto que questões como abuso e violência sexual contra a mulher têm sido vinculadas – e justificadas – à embriaguez feminina, como percebido pela autora em sua prática profissional junto à adolescentes e jovens.

Ademais, diante do que foi exposto, pode-se afirmar a relevância de as pesquisas acadêmicas servirem de subsídio e serem subsidiadas pelas problemáticas cotidianas, para que se reúnam esforços para mudanças efetivas nos contextos psicossociais e histórico-culturais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. G., DUARTE, P. C. A. V., OLIVEIRA, L. G (org.). **I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras**. Org.– Brasília: SENAD, 2010. 284 p. Disponível em: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Publicacoes/Universitarios_2010/328160.pdf> Acesso em: 28 ago 2013.

ANDRADE, A. G., OLIVEIRA, L. G., Principais consequências em longo prazo relacionadas ao consumo moderado de álcool. In: ANDRADE, A. G., ANTHONY, J. C., SILVEIRA, C. M.. **Álcool e suas consequências: uma abordagem multiconceitual**. Barueri: Minha Editora, p.37-66, 2009.

ACSELRAD, G; KARAM, M. L.; DAVID, H. M. S.L; ALARCON, S. **Consumo de bebidas alcoólicas no Brasil: Estudo com base em fontes secundárias**. [Relatório de Pesquisa]. Rio de Janeiro: FLACSO, jun. 2012. Disponível em: <<http://flacso.org.br/?project=consumo-de-bebidas-alcoolicas-no-brasil-estudo-de-padroes-de-consumo-de-bebida-na-america-latina-epca>> Acesso em: 08 ago. 2014.

ALMEIDA, M. E. S. A força do legado transgeracional numa família. **Psicologia: Teoria e Prática** – 2008, 10(2):215-230. Disponível em <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/481/293>>. Acesso em Abril de 2015.

AZEVEDO, V. V. D.; MEZZARROBA, C.; ZOBOLI, F. **Kinesis**, ed. 32, vol 1, jan-jun de 2014, Santa Maria. Disponível em <<file:///C:/Users/Dell/Downloads/15603-68624-1-SM.pdf>>. Acesso em Abril de 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2006 [1977].

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERTOLETE, J. M.. **Glossário de Álcool e Drogas**. (tradução), Brasília: SENAD, 2010, p. 17. Disponível em: <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Publicacoes/327615.pdf>> Acesso em: 28 ago 2013.

BRASIL. Ministério da Previdência Social. **Impacto Financeiro à Previdência Social Decorrente de Benefícios Concedidos com Base em Problemas de Saúde Pelo Consumo de Álcool no Brasil**. Informe da Previdência Social. vol.27, n. 07, jun. 2013. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/arquivos/office/1_130731-170408-658.pdf> Acesso em: 05 de jan 2014.

_____. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira**, Brasília: SENAD, 2007. Disponível em: <http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_padroes_consumo_alcool.pdf> Acesso em: 20 out 2013.

_____. Lei 8.069/90, In: **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 1990.

_____. Conselho Nacional da Juventude. **Política Nacional da Juventude: diretrizes e perspectivas**, 2006.

BRANDÃO, P.; RIOS, R. **Pra te enlouquecer**: O sucesso na Internet e os conceitos em torno da música “Sou Foda”, do grupo de funk Avassaladores. **XIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**, jun. 2011. Disponível em:
<<http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0666-1.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2015.

BRUNER, J. **Realidade mental, mundos possíveis**. São Paulo: ARTMED Editora, 2002.

_____. **Atos de Significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. The narrative construction of reality. **Critical Inquiry**, 18(1), 1-21, 1991. Disponível em
<<http://worldroom.tamu.edu/Workshops/CommOfRespect07/StoryTelling/The%20Narrative%20Construction%20of%20Reality.pdf>>. Acesso em Maio de 2015.

CALIL, V. L. L. **Terapia familiar e de casal**. São Paulo: Summus, 1987.

CASTRO, M. F., CLETO, C. R., SILVA, N. T., **Segurança e saúde no trabalho e a prevenção do consumo de substâncias psicoativas**: linhas orientadoras para intervenção em meio laboral. Lisboa: IDT, ACT, 2011. Disponível em: < [http://www.act.gov.pt/\(pt-PT\)/crc/PublicacoesElectronicas/Documents/LinhasOrientadorasParaIntervencaoEmMeioLaboral_2011_23.pdf](http://www.act.gov.pt/(pt-PT)/crc/PublicacoesElectronicas/Documents/LinhasOrientadorasParaIntervencaoEmMeioLaboral_2011_23.pdf)> Acesso em: 28 ago 2013.

CARNEIRO, H. Bebidas alcoólicas e outras drogas da época moderna: Economia e embriaguez do século XVI ao XVIII. **Historiador Eletrônico**, 2004. Disponível em:
<http://www.neip.info/downloads/t_henrique_historia.pdf> Acesso em: 22 set 2014.

COIRO, R. **A glamourização do abuso do álcool**. Entenda os homens. Disponível em:<
<http://www.entendaoshomens.com.br/a-glamourizacao-do-abuso-do-alcool/>> Acesso em: 12 jun. 2015.

CFP - Conselho Federal de Psicologia. **Contribuições da psicologia para 1ª Conferência Nacional de Comunicação**. Brasília: CFP, 2009. Disponível em:< <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/12/confecom.pdf>> Acesso em: 23 de maio 2015.

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. eBooksBrasil.com, 2003. Disponível em: <
<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>> Acesso em: 29 ago 2015.

DIAS, E. C. (org.). **Doenças relacionadas ao trabalho**: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil; Organização Pan-Americana, n. 114, 2001. Disponível em:
<<http://www.iesc.ufrj.br/cursos/saudetrab/Doen%E7as%20Relacionadas%20ao%20Trabalho.pdf>> Acesso em: 28 ago 2013.

DUARTE, R.O.; ROAZZI, A. Do canônico e do hegemônico na apropriação do preconceito racial em crianças. Campo Grande: **Revista Psicologia e Saúde**, vol.5 no.2, dez. 2013. Disponível em: <

http://www.researchgate.net/profile/Antonio_Roazzi/publication/261513856_Revista_Psicologia_e_Sade_Do_Cannico_e_do_Hegemnico_na_Apropriaao_do_Preconceito_Racial_em_Crianas_The_Canonic_and_the_Hegemonic_in_the_Appropriation_of_the_Racial_Prejudice_in_Children_Del_Cannico_y_del_Hegemnico_en_la_Apropiacin_del_Prejuicio_Racial_entre_lo_s_Nios/links/0deec5347b97d0d5cd000000.pdf Acesso em: 15 maio 2015.

DUARTE, C. E., MORIHISA, R. S., Experimentação, uso, abuso e dependência de drogas. In: BRASIL, Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, **Prevenção ao uso indevido de álcool e drogas**, 4.ed., Brasília: SENAD, 2011.

ERIKSON, E.H., **Identidade: Juventude e crise**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1972.

_____. **Infância e Sociedade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. Rev. **Adolescência e Saúde**, vol.2, n.2, jun. 2005. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167> Acesso em: 17 jul. 2014.

ELLICKSON, P. L.; COLLINS, R. L.; HAMBARSOOMIANS, K.; McCAFFREY, D. F. Does alcohol advertising promote adolescent drinking? Results from a longitudinal assessment. **Addiction**, vol. 100, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.researchgate.net/profile/Daniel_Mccaffrey/publication/8051861_Does_alcohol_advertising_promote_adolescent_drinking_Results_from_a_longitudinal_assessment/links/00b7d53131088cc89b000000.pdf> Acesso em: 12 ago. 14.

HALL, C. S.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J. B. Erikson e a Teoria Psicanalítica Contemporânea. In: _____. **Teorias da Personalidade**, 4. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. p.154-184.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar**, s/l. 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/pense.pdf>> Acesso em: 20 out. 2012.

_____. **Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar**, s/l. 2012. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64436.pdf>> Acesso em: 20 out. 2012.

LARANJEIRA, R. et al, **II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) – 2012**, São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD) - UNIFESP. 2014. Disponível em: <<http://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf>> Acesso em: 28 set 2014.

LODI, João Bosco. **A entrevista: teoria e prática**. 7.ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

MacRAE, E. A história e os contextos socioculturais do uso de drogas. In: BRASIL, Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias**, 6. ed. Brasília: SENAD-MJ/NUTE-UFSC, 2014.

MACEDO, M. M. K.; CARRASCO, L. K. **(Con) textos de entrevista**. Olhares diversos sobre a interação humana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

MACEDO, L. S. R.; SILVEIRA, A. C. Self: Um Conceito em Desenvolvimento. Paidéia mai-ago. 2012, Vol. 22, No. 52, 281-289. Disponível em <www.revistas.usp.br/paideia/article/download/48010/51762>. Acesso em Maio de 2015.

MALTA, D. C.; MASCARENHAS, M. D. M; PORTO, D. L.; DUARTE, E. A; SARDINHA, L. M.; BARRETO, S. M; NETO, O. L. M. Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, vol.14, n.1, set, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2011000500014> Acesso em: 30 jul. 2014.

MARQUES, V. **Teoria Psicossocial de Erikson**. Apresentação de sala de aula. Disciplina: Psicologia da educação: aspectos afetivos. Departamento de Psicologia. Instituto de Educação. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Mimeo. 2012.

_____. **Ruptura epistemológica e psicologia: a importância do olhar fluido** (Tese de doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2005.

MARQUES, V.; SATRIANO, C. R. Instrumentación Metodológica sobre el uso de narrativas. **Revista Psicología Digital** – Año Uno – N° 1. Septiembre 2014. Revista del Programa Problemáticas Contemporáneas. Psicoanálisis, Ciencia, Ciencia Cognitiva – Centro de Estudios Interdisciplinarios – U.N.R. Disponível em <<http://psicologiadigital.unr.edu.ar/?p=196>>. Acesso em novembro de 2014.

MARTIN, S. E.; SNYDER, L. B.; HAMILTON, M.; FLEMING-MILICI, F.; SLATER, M. D.; STACY, A.; CHEN, MJ. GRUBE, J. W. Alcohol Advertising and Youth. *Alcohol Clin Exp Res*, vol 26, n. 6, 2002. Disponível em:<<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1530-0277.2002.tb02620.x/abstract>> Acesso em 16 jan. 2015.

MEDEIROS, M. J. A., **Alcoolismo e hedonismo no ato de beber: do prazer ao perecer**. Natal: BCZM / UFRN, 1999. [Dissertação de Mestrado] Disponível em: <http://www1.capes.gov.br/estudos/dados/1999/23001011/034/1999_Teses.pdf>

MELO, F. **Eu e o Tempo**. DVD. LGK Music/Som Livre, 2009.

MELONI, J. N.; LARANJEIRA, R... Custo Social e em Saúde do Consumo do Álcool. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, vol. 26, maio, São Paulo. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462004000500003> Acesso em: 22 fev 2014.

MORRISON, J. **Entrevista inicial em saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MOREIRA, M. I. C. Psicologia da adolescência. Contribuições para um estado da arte. São Paulo: **Interações**, vol. 5, n. 10, 2000. pp.25-51. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/354/35401003.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2015.

MOREIRA JUNIOR, S. **Regulação da Publicidade das Bebidas Alcoólicas**. Brasília: Consultoria Legislativa do Senado Federal - Coordenação de Estudos, fev. 2005. Disponível em: < <http://www12.senado.gov.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td-20-regulacao-da-publicidade-das-bebidas-alcoolicas> > Acesso em: 24 abr. 2015.

NICASTRI, S., Drogas: classificação e efeitos no organismo. In: BRASIL, Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, **Prevenção ao uso indevido de álcool e drogas**, 4.ed., Brasília: SENAD, 2011.

OIT. Organização Internacional do Trabalho. **Problemas ligados ao álcool e a drogas no local de trabalho**: uma evolução para a prevenção. Lisboa: ACT, 2003, p.19. Disponível em: <http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/pub_problemas.pdf>. Acesso em: 28 ago 2013.

OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C.; AQUINO, J. G. Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. In **Pro-Posições**, v. 17, n. 2 (50) - maio/ago, 2006. Disponível em <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/edicoes/texto62.html>>. Acesso em maio de 2015.

OLIVEIRA, M. C. S. P. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. Maringá: **Psicologia em Estudo**, vol. 11, n. 2, mai./ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a21>> Acesso em 13 out. 2014.

OMS, Organização Mundial de Saúde. **Glosario de términos de alcohol y drogas**.1994. Disponível em: <http://www.who.int/substance_abuse/terminology/lexicon_alcohol_drugs_spanish.pdf?ua=1> Acesso em: 20 ago 2014.

OXFORD DICTIONARIES, Oxford University Press. online, 2016. Disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com/pt/defini%C3%A7%C3%A3o/ingl%C3%AAs-americano/glamorize?q=glamorization#glamorize__23> Acesso em: 15 mar 2015.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. São Paulo: ARTMED, 8ªed., 2006.

PADILHA, M. I.; SILVA, S. E. D. Atitudes e comportamentos de adolescentes em relação à ingestão de bebidas alcoólicas. São Paulo: **Revista Escolar de Enfermagem-USP**, n. 15, vol. 5 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n5/v45n5a05.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2013.

PECHANSKY, F.; SZOBOT, C. M.; SCIVOLETTO, S. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, vol. 26, 2004 pp. 14-17. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462004000500005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 13 mar. 2013.

PINSKY, I. A Propaganda de Bebidas Alcoólicas no Brasil. Artigos – Revista PontoCom, abr. 2014. Disponível em:<<http://www.revistapontocom.org.br/artigos/a-propaganda-de-bebidas-alcoolicasno-brasil/comment-page-1#comment-114865>> Acesso em: 10 dez. 2014.

_____. **Publicidade de bebidas alcoólicas e os jovens**. São Paulo, 2009.

_____; BESSA, M. A., **Adolescência e Drogas**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____; JUNDI, A. R. J. E. O impacto da publicidade de bebidas alcoólicas sobre o consumo entre jovens: revisão da literatura internacional. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, vol. 30, n.

4., abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v30n4/213.pdf>> Acesso em 15 ago. 2014.

RECUERO, R. C. Memes e Dinâmicas Sociais em Weblogs: Informação, capital social e interação em redes sociais na Internet. **VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**, set. 2006. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0594-1.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2015 .

ROMERA, L.A. **Juventude, lazer e uso abusivo de álcool**. SP: UNICAMP [Tese de Doutorado], 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000445959> > Acesso em 14 set. 2014.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M. Adolescência através dos Séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 26 n. 2, abr/jun, 2010 pp. 227-234. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n2/a04v26n2.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2015.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 10 n.3, set, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n3/a27v10n3.pdf> > Acesso em: 15 maio 2014.

SILVA, S. E. D.; PADILHA, M. I.; SANTOS, L. M. S.; ARAUJO, J. S. Representações sociais de adolescentes sobre o consumo de álcool: implicações do relacionamento familiar. **Psicologia e Saber Social**, vol.1, n.1, 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/3251>> Acesso em: 10 março 2013.

SILVA, P. C. O; SOUZA, C. M. Uso de Drogas entre Adolescentes e Jovens Mulheres: uma revisão da literatura. Rio de Janeiro: UFRJ. Mimeo, 2011.

SILVEIRA, D. X., DOERING-SILVERIA, E. Padrões de uso de drogas. In: BRASIL, Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias**, 6. ed. Brasília: SENAD-MJ/NUTE-UFSC, 2014.

SILVEIRA, C. M. Padrões do consumo de álcool na população brasileira. In: BRASIL, Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, **Prevenção ao uso indevido de álcool e drogas**, 4.ed., Brasília: SENAD, 2011.

SOUSA, L. G. **Economia Industrial**. Edição digital. Eumed.net, 2005. Disponível em: <<http://www.eumed.net/libros-gratis/2005/lgs-ei/6h.htm>>. Acesso em Maio de 2015.

SOUZA, S. de L. **Compreendendo o consumo de bebidas alcoólicas através do olhar dos adolescentes**. [Tese de Doutorado] Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2009. 168p. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-29102009-141445/> Acesso em 03 de junho de 2014.

STF – Supremo Tribunal Federal. **STF rejeita omissão na regulamentação de propaganda de bebidas alcoólicas**. Notícias STF, abr. 2015. Disponível em:< <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=290008>> Acesso em: 20 jul. 2015.

SUÁREZ, A. S. Crise de identidade na adolescência: breve análise e implicações para a práxis religiosa segundo a teoria de Erik Erikson. **ACTA Científica** - Ciências Humanas. 2º Semestre – 2005, v.2, n.9, p.31-38. Disponível em <<http://revistas.unasp.edu.br/acch/article/view/492>>. Acesso em Junho de 2015.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION, WHO. **Estrategia mundial para reducir el uso nocivo del alcohol**. Ginebra: WHO, 2010. Disponível em: <http://www.who.int/substance_abuse/activities/msbalcstrategies.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2014.

_____. **Global status report on alcohol and health 2014**. Ginebra: WHO, 2014. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/112736/1/9789240692763_eng.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2014.

APÊNDICE



**TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO-PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Pesquisadora: Fernanda C. S. Ribeiro

e-mail:

Orientadora: Valéria Marques

Telefone: (21) 26821841 (solicitar transferência para o Departamento de Psicologia)

Carta de informação

Esta pesquisa tem como objetivo averiguar os aspectos envolvidos na narrativa autobiográfica do adolescente. Compreender como o tema do uso do álcool, entre outros fatores, repercute no adolescente na atualidade, que aspectos subjetivos assim como socioculturais, históricos e político-econômicos estão envolvidos neste universo. Dessa forma, correlacionar a narrativa do adolescente no âmbito privado (entrevista) e no âmbito público (página pessoal na internet – facebook) para maior compreensão desses aspectos.

É uma pesquisa de metodologia descritiva com abordagem qualitativa, a partir da epistemologia não-ordinária, que valoriza a compreensão dos fenômenos de modo não linear.

A colaboração dessa pesquisa visa, como benefício, maior compreensão do fenômeno apresentado dentro da realidade adolescente, dessa maneira, favorecer ações de prevenção de problemas nesta temática.

É possível que durante a entrevista o respondente se sinta incomodado com as questões, entretanto a participação no estudo pode ser interrompida a qualquer momento.

As identidades dos indivíduos entrevistados serão mantidas em sigilo. Com isso, os resultados obtidos no estudo serão anônimos podendo as conclusões ser divulgadas na literatura especializada, ou em congressos e eventos científicos da área.

Todo tipo de dúvida a respeito dos procedimentos, resultados e/ou assuntos relacionados à pesquisa poderão ser esclarecidos pela pesquisadora Fernanda Ribeiro, mestranda em Psicologia ou pela Prof^a. Valéria Marques, do Departamento de Psicologia da UFRRJ.

Termo de Concordância

Estou ciente e de acordo com os termos de realização desta pesquisa, e autorizo a publicação dos resultados obtidos no presente estudo, sendo a minha identidade mantida em sigilo.

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/____ RG: _____

Local e data: _____, _____ de _____ de 2015.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador